

# REVISTA

DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

ANO LXVIII

1992

Nº 21

MANAUS

AMAZONAS



**REVISTA  
DA  
ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS**

Fundada em 1.º de janeiro de 1918  
Inscrita na Federação das Academias de Letras do Brasil



Ano LXVIII — N.º 21

1986-1992

**REVISTA  
DA  
ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS**

Fundada em 1.º de janeiro de 1918  
Inscrita na Federação das Academias de Letras do Brasil

Sede Própria: Rua Ramos Ferreira, 1009  
Manaus — Amazonas

Ano LXVIII — N.º 21

1992



MANAUS — AMAZONAS

**REVISTA  
DA  
ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS**

**N.º 21**

# ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

## DIRETORIA (Biênio 1992 — 1994)

Presidente — Oyama César Ituassú da Silva  
1.º Vice-Presidente — João Chrysóstomo de Oliveira  
2.º Vice-Presidente — Robério dos Santos Pereira Braga  
Secretário-Geral — Otávio Hamilton Botelho Mourão  
Secretário-Adjunto — Manoel Bastos Lyra  
Tesoureiro — Ruy Alberto Costa Lins  
Bibliotecário — Max Carpentier

## SÓCIOS BENEMÉRITOS

Comendador Ildfonso Pinheiro (†)  
Coronel Joaquim Pessoa Igrejas Lopes (†)

## PRESIDENTE DE HONRA

Marechal Nelson de Mello (†)

## COORDENAÇÃO EDITORIAL

Robério dos Santos Pereira Braga  
Ruy Alberto Costa Lins

A presente edição tem o apoio cultural do Governo do Estado do Amazonas, na administração do Governador Gilberto Mes-trinho de Medeiros Rapôso e do Vice-Governador Francisco Garcia Rodrigues.

Endereço: Rua Ramos Ferreira, 1009 — Centro  
Manaus — 6900 — Amazonas

# ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

## Membros Efetivos

<u>Poltrona</u>	<u>Patrono</u>	<u>Titular</u>
1	Péricles de Moraes	. José Bernado Cabral
2	Euclides da Cunha	. Vaga <i>Mexer</i>
3	Gonçalves Dias ✓	. <del>Ulysses Bittencourt</del>
4	Silvio Romero	. Newton Sabbá Guimarães
5	Araújo Filho	. Paulo Pinto Nery
6	Adriano Jorge	. Vaga <i>Rosa</i>
7	Maranhão Sobrinho	. Paulo Herban Maciel Jacob
8	Torquato Tapajós	. Vaga
9	Machado de Assis	. José dos Santos Pereira Braga
10	Barão do Rio Branco	. Mário Ypiranga Monteiro
11	José Veríssimo	. Otávio Hamilton Botelho Mourão
12	Olavo Bilac	. Elson Farias
13	Estelita Tapajós	. <del>Arthur César Ferreira Reis</del>
14	Barão de Santana Nery	. Moacyr G. Rosas
15	Graça Aranha	. João Mendonça de Souza
16	João Leda	. João Crisóstomo de Oliveira
17	Francisco de Castro	. Vaga
18	Jonas da Silva	. Jorge Tufic
19	Coelho Neto	. Lafayette Carneiro Vieira
20	João Ribeiro	. Pe. Raimundo Nonato Pinheiro
21	Tenreiro Aranha	. Plínio Ramos Coelho
22	Farias de Brito	. Robério dos Santos Pereira Braga
23	Cruz e Souza	. Vaga
24	Joaquim Nabuco	. Aderson Pereira Duña
25	Araújo Lima	. José Lindoso
26	Rui Barbosa	. Oyama César Ituassú da Silva
27	Tavares Bastos	. Vaga
28	Anibal Teófilo	. Violeta Branca
17	Castro Alves	. Thiago de Melo
30	Araripe Júnior	. Carlos Alberto de Almeida Barroso

- 31 Raimundo Monteiro . *Max Carpentyer*
- 32 Bernardo Ramos . *Ruy Alberto Costa Lins*
- 33 Antonio Brandão de Amorim . *Epaminondas Baraúna*
- 34 Ermano Stradelli . *Manoel Bastos Lyra*
- 35 D. Frederico Costa . *Vaga*
- 36 Inglês de Souza . *Vaga*
- 37 Benjamin Lima . *Carlos de Araújo Lima*
- 38 Barbosa Rodrigues . *William A. Rodrigues*
- 39 Alfredo da Mata . *Mário Moraes*
- 40 Paulino de Brito . *Waldemar Batista de Salles*

## SUMÁRIO

### Apresentação

---

#### CONFERÊNCIAS ACADÊMICAS

Paulo Pinto Nery.	<i>O Amazonas e a primeira Universidade Brasileira</i>	19
Robério dos Santos Pereira Braga	<i>Ruínas Notáveis</i>	40

#### ESTUDO CIENTÍFICO

William A. Rodrigues	<i>Notas de uma excursão botânica aos rios Uatumã e Urubú</i>	55
----------------------	---	----

#### ESTUDOS

Waldemar Batista de Salles	<i>Manaus, Amor e Memória</i>	97
Manoel Bastos Lyra	<i>Como encontramos Adriano</i>	101
Arthur César Ferreira Reis	<i>“Amazônia, a Terra e o Homem”</i>	107
João Mendonça de Souza	<i>Camões e a Civilização Ocidental</i>	113
Jorge Tufic	<i>O Soneto no Amazonas Sua história, sua evolução</i>	121
Epaminondas Barahuna	<i>Uma cruz na floresta</i>	137
João Nogueira da Mata	<i>A estética em literatura</i>	141
Mário Ypiranga Monteiro	<i>A transição do Império para a República</i>	145
Ulysses Bittencourt	<i>O imortal memorialista</i>	153
Oyama César Ituassú	<i>O esboço de uma reorganização do mundo</i>	157

#### MEMÓRIA ACADÊMICA

Adriano Jorge	<i>En mal de musique (bilhete aos meus irmãos em espírito)</i>	165
Coriolano Durand	<i>Intercâmbio mental</i>	167

Américo Antony	<i>Soneto do Norte</i>	<b>169</b>
Álvaro Maia	<i>Arquitecer</i>	<b>170</b>
João Leda	<i>A deposição de Beethoven</i>	<b>173</b>
<b>NOTICIÁRIO ACADÊMICO</b>		<b>175</b>

## Apresentação

O esforço de organização e edição deste número da Revista da Academia vem da última gestão do professor Mário Ypiranga Monteiro até agora sem êxito, por motivos os mais diversos.

Há um longo período de vazio editorial na publicação oficial da Instituição contado da circulação de fevereiro de 1985, mas não houve um declínio na produção dos Acadêmicos que têm conseguido, na sua maioria, aqui e ali, espaços próprios de divulgação dos estudos, crônicas, poemas, ensaios e pesquisas. É assim também que a Academia se mantém viva, contribuindo com a produção literária do Estado e abrindo espaços aos mais novos. Conferências, palestras, artigos pela imprensa diária, discursos em solenidades e eventos cívico-culturais, respondem também pela marca acadêmica presente em nossa terra desde 1918.

Esta edição visa atualizar a periodização da Revista que pretende ser semestral e ter ampla distribuição nas escolas, especialmente de 2.º e 3.º graus, para as quais deve convergir um novo esforço social de aprimoramento do ensino e do conhecimento literário amazonense.

A Revista da Academia não pode ser somente o relicário da história do silogeu ou a arca das contribuições de seus membros, mas deve ser, igualmente, o veículo de informação cultural com a marca da tradição acadêmica. É o que pretendemos conseguir e consolidar neste período administrativo.

É justo registrarmos o apoio do governador Gilberto Messtrinho para a publicação regular da Revista, como se há de fazer a partir deste número. É a renovação de apoio e estímulo que nunca nos faltaram em seus períodos de administração no Estado.

**Os Coordenadores**

## **CONFERÊNCIAS ACADÊMICAS**

## O AMAZONAS E A PRIMEIRA UNIVERSIDADE BRASILEIRA

— Conferência realizada na Academia Amazonense de Letras.

PAULO PINTO NERY

Senhores:

Esta augusta casa de Péricles Moraes, no momento exato e feliz, houve por bem de instituir um ciclo de conferências com o alto e relevante objetivo de levar ao conhecimento dos interessados e, em particular, da juventude, que a história de um Povo tem como base sólida a cultura sedimentada na inteligência de uma elite pensante que procura desenvolver os seus conhecimentos através de pesquisas e estudos.

Designado pela bondade do eminentes confrades, para falarmos no mês consagrado aos estudos jurídicos sobre um tema a escolher, não tivemos dúvida de que o Amazonas e a Primeira Universidade Brasileira era o mais coerente com o momento em que vivemos.

Reviver em síntese, portanto, as passagens históricas mais importantes de uma região que aos poucos se firmava pelo espírito indômito de quantos brasileiros ou estrangeiros que decidiram trocar a terra natal pelas terras amazonenses, na busca deste ou daquele interesse, será a primeira página a rebuscar, nos palimpsestos de um passado distante, para um presente tecnicamente fantástico, mas econômico, social, moral e espiritualmente conturbado pela fome, pela miséria, pela desigualdade na distribuição das riquezas, pela violência, pela corrupção, pela depravação e pela falta de fraternidade entre os homens, princípio basilar da doutrina que o Cristo nos legou com o sacrifício do Calvário.

O Amazonas, inicialmente subordinado ao Grão Pará, sofria, é natural, uma diminuição na sua iniciativa de querer crescer e progredir no mesmo ritmo das demais regiões brasileiras.

O tempo se escoava e os protestos para que fosse dado ao Amazonas o direito de se auto-governar, não encontravam eco junto aos altos poderes do Império.

Somente pela Lei de 5 de setembro de 1850 é que o Amazonas adquiriu a categoria de Província, tendo a esco-

lha de seu primeiro Presidente caído na pessoa de um dos entusiastas da emancipação: JOÃO BATISTA DE FIGUEIREDO TENREIRO ARANHA.

Provavelmente sobrepára grande expectativa do se-  
leto auditório, em querer saber quais as condições que  
oferecia a cidade da Barra do Rio Negro, posteriormente  
denominada Manaus, quando da instalação oficial da nova  
unidade provincial.

Com a permissão de quantos se dignaram a abrilhan-  
tar esta noite de revivescência de um passado longínquo,  
mas sempre presente pela bravura e denodo dos nossos  
avoengos, passamos a ler o que nos legaram dois oficiais  
de marinha dos Estados Unidos, William Lewis Hemden e  
Ladner Gibbon, mencionados por Santana Nery na sua no-  
tável obra, o "País das Amazonas", editado em Paris aos  
5 dias de setembro de 1884, há um século, precisamente:

"O Presidente, Senhor J.B. de Figueiredo Tenreiro  
Aranha, escreveram eles em 6 de janeiro de 1852,  
chegou à Barra no primeiro dia deste mês em um  
barco do governo que está ancorado em frente à ci-  
dade. Trouxe consigo vários dos funcionários do novo  
governo, bem como a soma de duzentos contos de  
réis (cerca de 500.000 francos), da caixa da alfândega  
do Pará, para pagar as despesas do estabelecimento  
da nova ordem de coisas, até que a alfândega local  
comece a render. Este território, enquanto permane-  
ceu uma simples comarca, foi sempre um fardo para  
o tesouro público, e, provavelmente, assim permane-  
cerá durante algum tempo ainda.

"A Cidade da Barra, continuam eles, está construída  
em um terreno elevado e acidentado, na margem es-  
querda do rio, a cerca de 7 milhas de sua embocadura:  
sua elevação acima do nível do mar, é, segundo meus  
cálculos, de cerca de 490 metros. É cortada por duas  
ou três ravinas, contendo maior ou menor quantidade  
de água, segundo a maior ou menor cheia do rio;  
pontes de madeira bastante razoáveis, ligam os dois  
bordos dessas ravinas. As casas são geralmente bai-  
xas. Contam-se, entretanto, três ou quatro de dois  
andares, são feitas de madeira e taipa, com tetos de

telhas. São ladrilhadas, e os muros são pintados com uma terra colorida que abunda nas margens do Amazonas.

“Os cálculos oficiais para o ano de 1848 acusam, na cidade, uma população de três mil seiscentos e quarenta pessoas livres e duzentos e trinta e quatro escravos. O número de casamentos era, na mesma época, de duzentos e cinquenta; e o de mortes, de vinte e cinco, e o de nascimento de duzentos e cinquenta; o número de casas habitadas era de quatrocentos e setenta, e o de estrangeiros de trinta e dois”.

Com a posse do primeiro Presidente, foi iniciado um trabalho árduo e contínuo, objetivando transformar um pequeno lugarejo em uma cidade capaz de provocar as atenções do mundo em pleno desenvolvimento.

Acresce que Manaus não era só Capital da Província, era também o coração de uma região portentosa pelas suas riquezas naturais e pelas suas florestas exuberantes que provocavam e provocam ainda a admiração, principalmente dos cientistas estrangeiros e nacionais.

As excursões dos cientistas ao Amazonas, com a finalidade de pesquisar e estudar a flora e a fauna, ainda inexploradas, por si só estavam a indicar que o progresso se aproximava da região amazônica, tão distante dos grandes centros civilizados.

Com o início da exploração de matérias primas, como a borracha, de preço significativo, carreando grandes recursos para os cofres públicos, foram executadas obras urbanísticas e atendidas as necessidades de uma população que crescia e estava a exigir maior atenção das autoridades.

Aos poucos Manaus se transformava numa cidade de certa evidência, com todas as condições das grandes cidades e, em alguns setores, mais adiantada, como no de energia elétrica e tração.

Há, na vida político-administrativa, homens que, pela visão que possuem dos problemas da comunidade, dão a impressão de verdadeiros predestinados.

O Governador Eduardo Ribeiro pode ser considerado, com justiça, uma dessas figuras excepcionais pelo trabalho, pela tenacidade e, sobretudo, pelo compromisso assumido consigo mesmo ao se referir a Manaus;

**"Encontrei uma aldeia e transformei-a em uma cidade moderna".**

Efetivamente, basta que mergulhemos nos arquivos e percorramos às ruas de nossa Manaus de hoje com olhos de observador, anotando e comparando, e por certo iremos encontrar um projeto urbanístico admirável e prédios de estilo arquitetônico belíssimos, que vêm atravessando os tempos, num atestado eloquente do gosto e da capacidade técnica dos nossos homens públicos do passado, no traçar e no executar um plano de trabalho de uma cidade idealizada para um futuro indeterminado.

Para que o nosso recordar não perca aquele sabor agradável de quem viveu os acontecimentos maravilhosos da época, socorremo-nos, mais uma vez, de Santana Nery, que as páginas de sua obra, anteriormente citada, nos oferecem um painel de encantamento e beleza, em que o homem, enfrentando as adversidades da natureza, conseguiu plantar, em pleno coração da selva, uma cidade, o que ainda hoje, para o julgador imparcial, é considerado um verdadeiro milagre:

**"Manaus, hoje, graças principalmente ao Dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro, que esteve à frente dos destinos do Estado durante quase seis anos, tornou-se uma bela cidade de quarenta e cinco mil habitantes, com grande possibilidade de crescer e de se embelezar.**

**"A iluminação a óleo foi substituída, sem transição, pela eletricidade, da qual Paris ainda se acha privada em grande parte.**

**"O serviço telefônico está igualmente instalado, em virtude de uma concessão de 3 de abril de 1897, por uma Companhia com um capital de 200 contos inteiramente realizado. Conta com 300 assinantes e instalou 335 aparelhos em residências particulares ou nas administrações públicas.**

**"Uma linha de bondes a vapor atualmente em vias de substituição pela tração elétrica, funciona na cidade e nos arredores. Em 1897, 16 quilômetros estavam sendo explorados e dois se encontravam em construção.**

"Grandes avenidas, largas e arborizadas, que com o tempo se transformarão em esplendidos boulevards, cortam o bairro central e fontes decorativas começam a refrescar a cidade. Dois belos jardins guarnecem esse bairro.

"Belas pontes, algumas de ferro, sucederam às pobres passarelas de que falavam Hemdon e Gibbon. A canalização da água foi feita e está sendo completada em maior escala.

"Três igrejas, entre as quais uma muito espaçosa, situada numa elevação e cercada por belos jardins pitorescos, estão abertas ao culto católico.

"A cidade possui ainda um teatro suntuoso, magnificamente decorado pelo pintor italiano De Angelis.

"Um posto de higiene, tendo à frente o Dr. M.C. de Gouveia Filho; um hospital; um lazareto instalado na margem esquerda do Rio Negro, em local denominado Umirizal; um hospício para doentes mentais, dependente da Santa Casa de Misericórdia, asseguram a proteção à saúde e socorros aos indigentes em caso de doença, sem mencionar um hospital português, aberto a nacionais e estrangeiros.

"Encontra-se ainda na Capital um estabelecimento de instrução profissional (Instituto de Artes e Ofícios), um asilo para órfãos; um liceu com o nome de Ginásio Amazonense, um pequeno seminário; 10 colégios e pensionatos particulares com 664 alunos; 26 escolas primárias públicas, sendo 6 instalados em edifícios escolares especiais, contando com 1.409 alunos inscritos; e uma biblioteca do Estado fundada a 25 de março de 1883 e reorganizada a 1.º de janeiro de 1898, com 3.165 volumes e 131 mapas. A instrução pública é dirigida por Francisco Antonio Monteiro, homem tão inteligente quanto esforçado.

"Finalmente, 16 companhias de navegação a vapor têm sua sede em Manaus, ou aí instalaram suas agências; dois países (a Alemanha e a Venezuela) são representados por cônsules; quatro têm vice-cônsules (França,

Grã-Bretanha, Portugal e Uruguai; dois se fazem representar por simples agentes consulares (Estados Unidos e Itália)”.

Ao lado desse trabalho gigantesco que veio transformar um simples lugarejo numa cidade moderna, economicamente estável e socialmente borbulhante de diversões, acolhedora pelo calor humano de sua gente e pela beleza natural de que se revestia, brotava, como germinação espontânea, o esforço conjugado de autoridades e particulares no retirar o homem da tenebrosa escuridão da ignorância e colocá-lo frente à luz ofuscante do saber.

Incertos e pontilhados de dificuldades foram os primeiros passos na organização do ensino. Mas, não podemos deixar de assinalar que o brilhar dos últimos lampejos do século XIX e o aproximar do século XX, adicionados a uma verdadeira corrente emigratória de jovens intelectuais brasileiros, vindos do nordeste e do sul, portando na sua maioria diplomas de bacharel, médico, engenheiro, agrimensor, bem como militares, literatos e jornalistas, começaram a chegar a Manaus, como atraídos por uma força irresistível que lhes acenava com um campo aberto, onde poderiam dar evasão aos conhecimentos hauridos em suas faculdades.

O homem da região não deixou também de contribuir, com sua inteligência, para a construção deste período histórico tão marcante na vida cultural do Amazonas.

A preocupação de projetar o Amazonas, não só perante as demais unidades brasileiras, mas, também, além fronteiras, levou Santana Nery, amazonense de nascimento, mas radicado em Paris, ao prefaciá-la obra de repercussão internacional, a exclamar, a certa altura:

“Acreditamos que é um meio de dar a conhecer à Europa, esta Província das Amazonas, que pessoas de nosso conhecimento ainda consideram uma terra fantástica, e que confundem facilmente com a antiga e misteriosa região, onde mulheres guerreiras cavalgam cavalos tártaros às margens do Tanais.

“Desejamos que se saiba na Europa, onde moramos, o que somos e em que empregamos nossa inteligência e nossos braços. Queremos ensinar a nossos amigos de França o que se passa nas fronteiras de sua Guia-

na, que tesouros se oferecem ao seu trabalho e à sua atividade, se consentissem se unir suas forças às nossas, seus capitais aos nossos para explorar o solo amazônico e partilhar conosco o "clima glorioso" de que fala com inveja o inglês Bates.

Após La Condamine e Humboldt,, após Castelnau e Agassiz, após Coutinho e Barbosa Rodrigues, após Crevaux, Wiener e tantos outros, resta-nos dizer em um único volume o que eles disseram em muitos; resta-nos suscitar energias, inflamar coragens; resta-nos imprimir a resolução de ver e colonizar a mais bela, a mais rica, a mais fértil região do mundo" a terra da borracha, o El-Dourado legendário", as terras virgens que esperam a sementeira da civilização".

Eis aí o quadro de contagiante entusiasmo intelectual, que levou o engenheiro civil Eulálio Chaves, mineiro de nascimento, que em um belo dia, por esses fenômenos difíceis de serem entendidos, desceu das alterosas e se integrou na planície exuberante e acolhedora da Amazônia lendária, a dar início a uma missão de verdadeiro sacerdócio em favor do ensino.

Fixou residência em Manaus, centro de atração dos grandes interesses que começavam a despontar no extremo norte.

Não foi necessário esperar muito tempo, para que Eulálio Chaves passasse a procurar sensibilizar os intelectuais da época, no sentido da fundação de uma Universidade, idéia que acalentava com muito carinho.

Tratando-se de uma idéia audaciosa e polêmica, suscitou, como era natural, grandes controvérsias.

Uns, mais pessimistas, achavam que a fundação de uma Universidade não passava de um sonho de quem não teve o cuidado de ver que as condições da região não ofereciam o mínimo de estrutura capaz de suportar a instituição de que um órgão tão complexo, a exigir medidas extraordinárias.

Outros, vivendo e sentindo melhor a marcha inexorável do tempo, em que o homem, impulsionado pelo desejo incontido de descobrir algo que proporcionasse à vida em comunidade, uma situação mais humana, admitiam que a fundação de uma Universidade era um grande passo, rumo

ao desenvolvimento de uma região que precisava preparar intelectualmente os seus filhos, para enfrentarem a luta do avanço tecnológico que se esboçava com o raiar do século XX.

A verdade é que Eulálio Chaves, ao invés de desistir da sua idéia frente às dificuldades que de início veio de encontrar, fortaleceu ainda mais o seu espírito de idealista convicto na disposição de fazê-la uma realidade.

Como era de se prever, Eulálio Chaves não perdeu tempo em dar vazão aos seus pendores culturais ao participar, com outros intelectuais, da organização do Clube da Guarda Nacional do Amazonas, levado a efeito no dia 5 de setembro de 1906.

Devotado às questões do ensino e professor por vocação que era, viu nos estatutos da instituição recém-organizada, um campo excelente para divulgar suas idéias.

Efetivamente, não mediu esforços para convencer os seus pares da conveniência de ser executado, o quanto antes, o estatuto na parte referente à criação de uma Escola Prática Militar.

Reunida a Diretoria do Clube sob a sua presidência e por deliberação unânime, foi aprovada, aos 10 de novembro de 1908, a Resolução baseada nos seguintes termos:

“Fica criada na cidade de Manaus, Capital do Estado do Amazonas, uma escola militar prática, que se denominará — Escola Militar Prática do Amazonas”.

Após um espaço de tempo relativamente curto, a Diretoria e a Congregação, sempre voltadas para a intenção de ampliar cada vez mais o Instituto, ora criado, passaram a denominá-lo Escola Livre de Instrução Militar do Amazonas.

Era o primeiro e grande passo, não há dúvida, para alcançar o objetivo maior — a Universidade de Manaus.

O admirável em todo este trabalho, é que Eulálio Chaves, habilmente e mais uma vez pondo à prova a sua inteligência e o desejo incontido de concretizar o seu ideal, transformou a Escola Livre de Instrução Militar do Amazonas na Escola Universitária Livre de Manaus.

É de se ressaltar, porém, que a beleza desta transformação não foi única e exclusivamente de nomenclatura. muito pelo contrário, houve uma transformação de profundidade no “currículo” a ser adotado pela nova Instituição.

ção.

Uma leitura superficial das matérias que passaram a constituir os diversos cursos da Escola Universitária, é o suficiente para fazermos um juízo da importância e da seriedade que orientaram a elaboração do documento.

Deste modo, os Estatutos da Escola Livre de Manaus instituíram os seguintes cursos:

- a) Curso das Três Armas, segundo o programa adoptado para as Escolas do Exército Nacional;
- b) Curso de Engenharia Civil, de Agrimensura, Agronomia, Indústria e outras especialidades, todos de acordo com os programas oficiais e modificações introduzidas pelo progresso das ciências;
- c) Curso de Ciências Jurídicas e Sociais, segundo o programa adoptado nas Faculdades de Direito Federais;
- d) Curso farmacêutico e bacharelado em Ciências Naturais e Farmacêuticas pelos moldes da Escola da Farmácia de Ouro Preto;
- e) Curso de Ciências e Letras, segundo o programa do Ginásio Nacional”.

Assim, pois, estava criada a Escola Universitária Livre de Manaus, fruto de um trabalho arrojado e da persistência incomum de uma equipe de intelectuais idealistas e patrióticos, tendo à frente a figura invulgar, sob todos os títulos de Eulálio Chaves.

E, para glória do Amazonas e orgulho dos seus filhos, era a Primeira Universidade Brasileira.

O dia 12 de fevereiro de 1909, data da promulgação de sua criação, passava a figurar como uma página de ouro no monumental livro da História do Ensino Superior do Brasil.

Os fundadores da Universidade e, principalmente, Eulálio Chaves, não deram por terminada a nobilitante tarefa e muito menos passaram a dormir sobre os louros da vitória.

Mas, por uma questão de princípio, se obrigaram a entregar à juventude uma Instituição de Ensino Superior revestida de todos os requisitos exigidos por um órgão de tanta magnitude.

Inicialmente, e com o propósito de dar maior prestí-

gio à obra que se propuseram a realizar, recorreram aos poderes públicos a fim de que, por ato oficial, fossem considerados válidos, para todos os efeitos, os diplomas expedidos pela Universidade.

O Governador Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt, sensível ao pleito e reconhecimento a justiça da pretensão, sancionou a Lei n.º 601, de 8 de outubro de 1908, com a seguinte ementa:

“Considera válidos no Estado os títulos conferidos pela Escola Universitária Livre de Manaus”.

Começa o maior e mais importante trabalho — estruturar administrativamente e enquadrar a Instituição dentro das exigências legais.

O Conselho Constituinte é substituído pelo Conselho de Organização. Este, numa justa homenagem aos sócios fundadores da Escola Universitária, ficou constituído dos seguintes membros:

Dr. Arthur Cezar Moreira de Araújo, Diretor da Faculdade de Engenharia; Dr. Manoel do Nascimento Pereira de Araújo, Vice-Diretor; Dr. Simplício Coêlho de Rezende, Diretor da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais; Dr. Pedro Regalado Epiphany Batista, Vice-Diretor; Dr. Astrolábio Pessoa, Diretor da Faculdade de Medicina; Dr. Galdino Martins de Souza Ramos, Vice-Diretor; Dr. Theogenes da Silva Beltrão, Diretor da Faculdade de Ciências e Letras; Dr. Francisco da Costa Fernandes, Vice-Diretor.

Surge, em seguida, por iniciativa de Eulálio Chaves, na sua constante preocupação de não deixar que um projeto tão grandioso viesse de ser contaminado pelo desinteresse, doença muito comum entre os homens de fraca convicção, a constituição da Comissão de Diligência, com a grande responsabilidade de impulsionar, tanto quanto possível, todas as providências que se fizessem necessárias para o funcionamento da Instituição.

Eleitos os seus membros, a Comissão passou a ser assim composta:

Drs. Simplício Coêlho de Rezende, Pedro Regalado Epiphany Batista, Agnelo Bittencourt, Galdino Ramos, Astrolábio Passos e Coronel Lima Bacury.

Em plena atividade e no exercício de suas atribuições, a Comissão houve por bem de organizar a Congregação, que

ficou constituída dos representantes dos corpos docentes dos diversos cursos que compunham a Escola Universitária.

A Congregação, em sessão ordinária e usando da faculdade que lhe concediam os Estatutos, procedeu à eleição dos Diretores e Vice-Diretores para o primeiro quinquênio, a contar de 1.º de março de 1910 a 1.º de março de 1915.

Revestir a posse dos titulares, recém eleitos, para as diferentes Unidades de que se constituia a Escola Universitária Livre de Manaus, de um caráter festivo, em face da importância que eles representavam para o funcionamento da Instituição, foi o que se deu em 2 de março de 1910, em sessão solene, sob a presidência do Dr. Simplício Coêlho de Rezende.

A sucessão de atos executivos chegou ao seu clímax com a abertura de matrículas às diversas Faculdades.

Processá-la pura e simplesmente através de edital publicação na imprensa ou no pórtico da sede da Universidade, não teria a repercussão desejada e nem se coadunaria com o espírito de quantos alimentavam a esperança de ver, um dia, um trabalho sério transformado numa obra sublime, em benefício daqueles que consideravam a aquisição de conhecimentos culturais uma das maiores riquezas oferecidas ao homem, neste mundo permanentemente em desenvolvimento.

Realizar, portanto, uma sessão solene com toda a pompa que o ato estava a exigir, sob a presidência do Dr. Astrolábio Passos, Diretor Geral da Universidade, com a presença de autoridades, intelectuais e imprensa, era um imperativo e foi o que se deu em a noite de 15 de março de 1910.

Ultrapassando todas as expectativas e principalmente fazendo sentir, aos descrentes, que a vontade férrea aliada ao trabalho honesto e perseverante é capaz de transformar uma esperança numa realidade viva e palpitante, foi o que ocorreu com os pedidos de matrículas para os cursos recém-abertos.

A beleza desta verdadeira maratona em busca do saber e da confiança depositada nos dirigentes da Universidade, extrapolou a qualquer estimativa por mais otimista que fosse, considerando que a população de Manaus, na época, era aproximadamente de 50 mil habitantes.

Basta que registremos, segundo os relatórios, o número expressivo de matrículas no decorrer dos anos. Nada menos de 605 matrículas foram efetivadas, em todos os cursos, durante o primeiro quinquênio.

Como ilustração e para sentirmos melhor o clima de interesse que dominava a todos, citaremos, segundo dados oficiais, a naturalidade dos requerentes:

Estado do Amazonas, 222; Pará, 54; Maranhão, 78; Piauí, 55; Ceará, 116; Rio Grande do Norte, 7, Paraíba, 4; Pernambuco, 31; Alagoas, 12; Bahia, 14; Rio de Janeiro, 4; Minas Gerais, 3; Portugal, 3; Itália, 2.

Inaugurada estava a fase mais delicada e de maior responsabilidade — início das aulas e, conseqüentemente, o transmitir conhecimentos científicos para os alunos.

Aderson de Menezes, culto e brilhante Professor da Fundação Universitária do Amazonas e da Universidade Federal de Brasília e nosso confrade, sempre presente para aqueles que privaram de sua amizade, embora, pela imprevisibilidade do destino, ainda muito jovem, tenha deixado o nosso convívio com a morte trágica de que foi vítima, ensinanos no seu trabalho de profunda e séria pesquisa, na História da Faculdade de Direito do Amazonas:

“Quanto à situação didática, esta era promissora, como depõe Raymundo Nilo de Farias e Souza, em seu opúsculo “Escola Universitária Livre de Manaus — Esboço para a sua História”, dado a publicidade no Porto em novembro de 1912:

“Os cursos que ora se exercitam, isto é, os de ciências e letras, os de farmácia e odontologia da Faculdade de Medicina; os de agrimensura e engenharia civil da Faculdade de Engenharia; e de direito da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, têm o mais regular funcionamento, sendo as aulas das cadeiras respectivas dadas com todo o aproveitamento para os alunos e de acôrdo com os programas organizados pelos devidos lentes ou substitutos, aprovados em sessão da Congregação da Escola.

“O ensino é ministrado segundo o regulamento: 1.º) pelas lições nas aulas; 2.º) pelos exercícios práticos, excursões e visitas; 3.º) pela “Revista”; 4.º) pela Biblioteca; 5.º) pela conferência dos lentes e de outras pessoas doulas que convidadas forem pelo Diretor, ouvida a Congregação.”

Obediente à legislação federal disciplinadora dos cursos superiores, a Universidade, após o período de dois anos letivos, apresentava, como resultado, a conclusão do curso conseguido pelos primeiros acadêmicos.

Inscrevia, assim, a Escola Universitária Livre de Manaus, no dia 1.º de janeiro de 1912, a primeira página cintilante da história do ensino universitário brasileiro, com a entrega festiva dos diplomas dos concludentes dos cursos de Farmácia, Odontologia e Agrimensura.

Numa homenagem ao esforço e dedicação aos concludentes dos cursos, enaltecendo e projetando a inteligência e a cultura do homem do extremo norte brasileiro, humildemente reverenciamos as suas memórias e escrevemos com respeito e orgulho os seus nomes:

**FARMÁCIA** — Adail Valente do Couto, Júlio Martins de Souza Ramos, Raymunda Frota Leite, Clotilde de Araújo Pinheiro, Luiza Tiburcio da Silva, João Mavgnier de Oliveira, Gilberto Frignani e Eliezer Adrião Nogueira Torres.

**ODONTOLOGIA** — Gentil Augusto Bittencourt, Júlia Bittencourt, Virginia Corrêa Marinho Falcão, Marina Amora, Honorina Amora, João de Oliveira Freitas, Silvério Cyriaco de Souza Carvalho, João Chrysóstomo e Silva, Francisco Salles Montello e Manoel Adolpho Pereira Gomes.

**AGRIMENSURA** — Angelino Bevilaqua, Raymundo Raposo Nina e Anthero Veiga.

Acresce, porém, que a Escola Universitária Livre de Manaus, para alcançar a posição de destaque no ensino superior, teve que enfrentar grandes lutas, quase sempre revestidas de desânimo, sofrimento e dor, tudo como fruto dos poucos recursos de que dispunha e, no particular, da falta quase absoluta de instalações para o seu funcionamento.

Idealizar é um dom divino que Deus deu ao homem.

Cultivar e se esforçar para que a ideação que desponhou no recesso do seu intellecto permaneça inabalável e seja transformada em realidade, é um privilégio dos homens fortes.

Eulálio Chaves pertencia a esse grupo de homens. Idealizou e se revestiu de uma disposição sobrehumana, certo de que venceria todas as dificuldades, que não eram poucas.

Inicialmente, para sobrepor ao primeiro obstáculo, cedeu sua própria residência, à Rua Lobo d'Almada n.º 85, para reunião do grupo de intelectuais que acreditavam nos

seus propósitos de um dia fundar uma Universidade.

É natural que nem sempre as iniciativas particulares possam dispensar o apoio e o auxílio do Poder Público, sabido que o Estado politicamente organizado tem poderes de disciplinar a vida do homem em comunidade.

Assim sendo, os adeptos da fundação da Universidade, no momento mais difícil, tiveram que recorrer ao Governador do Estado, afim de conseguir uma sede para instalação da Instituição.

Sensível à grandiosa iniciativa, o Governador Antonio Bittencourt, em mensagem ao Congresso Legislativo, datado de julho de 1911, assim se expressa.

“Empresa de tamanho alcance, não pôde ser posta, logo ao primeiro impulso, no devido pé. Apesar, porém, das dificuldades com que têm de lutar as criações desta natureza, os entraves difíceis de transpor, foram instaladas a 15 de março e já estão abertas e funcionando, desde 6 de abril, as Faculdades de Ciências e Letras, de Engenharia, de Direito e de Medicina.

“Sem os meios indispensáveis, para poder auxiliar tamanha tentativa, cedi o grupo escolar à Rua Saldanha Marinho, para sede da Escola Universitária, sem prejuízo das aulas que funcionam nesse grupo”.

Ainda faltava muito para acomodar a Universidade. Os incansáveis obreiros deste projeto extraordinário não encontraram outra saída, a não ser dar as aulas práticas nos laboratórios da Repartição de Higiene, nas Farmácias, nos Gabinete Dentários particulares e no Necrotério da Santa Casa.

Mas como é comum, o homem vive permanentemente na perseguição do melhor. Destarte, a Congregação da Universidade, depois de um processo metucioso e sempre preocupada com os recursos disponíveis, achou de designar o Dr. Galdino Ramos, que viajara à Europa, para tratar da compra de um Laboratório.

Com o seu regresso em fevereiro de 1912, o Dr. Galdino Ramos deu conhecimento à Congregação das providências tomadas e declarou que no mês de março seriam remetidos os laboratórios de Física, Química e Histologia Nor-

mal, conforme o combinado com os fornecedores de Paris.

Mais uma vez o Governo do Estado deu a sua valiosa colaboração para instalação de tão importante aparelhagem, como pode ser constatado pelo relatório feito à Congregação:

“Possuido da mais justa satisfação, venho hoje trazer ao conhecimento da ilustrada Congregação que os laboratórios adquiridos na Europa, a pedido desta Diretoria, pelo Dr. Galdino Ramos, Professor e Diretor da Faculdade de Medicina desta Universidade, já estão montados no pavimento superior esquerdo da Biblioteca Pública, gentilmente cedido pelo Exmo. Sr. Coronel Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt, digno Governador do Estado’.

A preocupação continuava a dominar a todos no sentido de dar à Universidade condições de funcionamento à altura de sua nobre finalidade. Os cursos práticos, como acabamos de ver, dependiam de órgãos e pessoas não vinculadas à Universidade. Conseguir uma sede mais adequada, onde fosse possível concentrar todos os seus trabalhos, foi a idéia que passou a predominar.

Com a posse do Governador, Dr. Jonathas de Freitas Pedrosa, surgiram novos alentos. Procurá-lo a tentar sensibilizá-lo para a causa justa que pleiteavam, foi sem perda de tempo, o que fizeram.

A acolhida da parte do Governador, para júbilo de todos, foi cativante. Não só externou S.Exa. a simpatia pelo trabalho edificante que a Universidade vem de prestar à juventude, bem como ao Estado, mas, de imediato, tomou as providências cabíveis para o encaminhamento de mensagem ao Congresso Legislativo, que foi aprovada e transformada na Lei n. 728, de 29 de setembro de 1913, com a seguinte ementa:

‘Autoriza o Poder Executivo a conceder à Escola Universitária Livre de Manaus, o usufruto do prédio do Estado, à Avenida Joaquim Nabuco, onde atualmente funciona a Repartição de Obras Públicas’.

Instalada em sede própria, a Escola Universitária Livre de Manaus que passou a ser denominada por deliberação da Congregação, em sessão de 13 de junho de 1913, Uni-

versidade de Manaus, encontrou melhores condições para o sublime desempenho de sua missão de formar caracteres e homens tecnicamente preparados para as mais diferentes atividades da vida moderna.

Considerar a Universidade de Manaus precária, com recursos escassos e sem as instalações condignas das grandes Universidades dos nossos dias, não é justificativa para querer deixar de reconhecer a sua existência.

Invocamos as lições sábias da figura de saudosa memória e uma das vigas mestras da obra ciclópica que deu como resultado a criação da primeira Universidade Brasileira, o incansável Diretor-Geral, Dr. Astrolábio Passos, que em relatório preciso e minudente sobre as atividades da Universidade, depois de outras considerações, escreve:

"Pode parecer por demais modesta esta útil instituição; mas releva ponderar que, em tão curto espaço de tempo e no meio e condições especiais em que agimos, não é de pequena monta o resultado obtido.

"Se modestos somos, modestos foram os primeiros tantos outros estabelecimentos congêneres que, entretanto, por aí andam pela história do cultivo humano a representar o mais brilhante papel.

"A gloriosa Sorbonne, que todos conhecem, e onde têm florescido centenares de capacidade foi, já lá vai muito séculos, um colégio teológico fundado por esse padre Roberto de Sorbon, a frente de um punhado de eclesiásticos seculares, que vinham fazendo preleções gratuitas "urbi et orbi", até que a rainha Blanche ce-deu-lhes uma casa em frente ao Palácio das Thermas.

"A Universidade de Paris, constituída no século XII pela comunidade dos mestres e dos estudantes de Paris, só foi regulamentada mais tarde, graças a Felipe Augusto, que lhe concedeu privilégios especiais.

"Amparada sucessivamente pelos papas, os reis, os grandes dignatários do clero e poderosas famílias, a Universidade de Paris teve abundantes recursos e adquiriu grande influência e renome.

"Quem diria que a instituição que em 1215 contava

com apenas quatro faculdades — Teologia, Artes, Direito e Medicina, fosse séculos depois a Universidade de Paris na plenitude de seu valor atual!

“É nas lições da História que estão os maiores incentivos”.

Aos encerrar esta despretenciosa exposição, não poderíamos deixar de assinalar mais uma vez, com inusitado orgulho, que a primeira Universidade Brasileira foi a de Manaus, não obstante algumas opiniões em contrário, facilmente destruídas pelos documentos históricos irrefutáveis que incorporamos ao nosso trabalho.

O corpo redacional do “Arquivos” da Escola Universitária Livre de Manaus, ano II, edição de setembro e outubro de 1912, escreveu:

“Em substancioso artigo a propósito do ensino superior no Brasil, inserto no Boletim da União Pan-Americana, de julho do corrente ano, o Dr. Edgar Ewing Brondon asseverou: “O Brasil tem a singular distinção de não possuir nenhuma Universidade”. “Em São Paulo já foi fundada uma corporação Universitária, se bem que se duvide do êxito de sua organização.”

O mesmo “Arquivos”, mais adiante, esclarece:

“Relativamente à futura Universidade de São Paulo, de cujo êxito é injustiça duvidar, sabemos que foi fundada a 19 de novembro de 1911, pouco mais de um mês, portanto, antes de terminarem seus estudos na Universidade de Manaus, 21 alunos matriculados nos cursos de Farmácia, Odontologia e Agrimensura.

“Assim deve ficar de pé, como verdade histórica incontestável, que a Escola Universitária Livre de Manaus é a primeira Universidade fundada no Brasil, e, o que é mais nobre, no Amazonas.”

Dentre as figuras exponenciais do cenário político administrativo brasileiro, é de se reconhecer pelo brilho de sua inteligência no Parlamento ou no Executivo a de Otávio Mangabeira.

É dele, quando parlamentar, que tiramos do seu discurso pronunciado na sessão de 12 de dezembro de 1912, este depoimento de grande importância para a história do ensi-

no superior em nossa Pátria:

“Não foi Sr. Presidente, sem motivo que a explicassem de modo cabal; não, Sr. Presidente, sem razão que apareceu no Brasil há cerca de duas décadas, pouco tempo depois do advento da forma republicana, a instituição do ensino livre. Pondo à parte as escolas militares, apenas funcionavam na República, em nome da instrução superior, as Faculdades de Direito de São Paulo e do Recife; as academias de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia; as escolas de Engenharia desta Capital e de Ouro Preto”.

Ai estão, portanto, a desafiar o mais exigente pesquisador, depoimentos de uma evidência solar de que até 1912 não existia no Brasil outra Universidade a não ser a de Manaus.

Confessamos que, não obstante a dedicação por nós dispensada em oferecer ao seletor auditório um trabalho que se aproximasse, o máximo possível, do que foi a nossa Universidade, muitos ângulos importantes de sua vida deixaram de ser focalizados.

Todavia, o seu objetivo, razão maior do esforço e devotamento dos seus incansáveis construtores, foi alcançado no preparar e no lapidar inteligências que aguardavam tão só o sopro do saber, para se integrarem na legião dos homens que fazem da cultura a mola propulsora que, através dos séculos, vem dando à humanidade benefícios que ultrapassam, muitas vezes, o imaginário:

A vida sempre envolta em mistérios a desafiar a inteligência e a audácia do homem, nos oferece, algumas vezes situações impossíveis de ser esclarecidas, como a de Eulálio Chaves, que cheio de força e com a alma esplendente de esperança, desceu das alterosas para a planície, retornando anos depois da planície para as alterosas, numa escalada difícil, devida, talvez, ao peso das decepções e descrenças, muito comum neste mar de sofrimento e misérias.

Não ignoramos que a sociedade, numa tradição milenar, só se lembra de prestar homenagens àqueles que cumpriram com dignidade, honestidade e despreendimento a missão que lhes foi confiada nesta vida, depois que morrem.

Talvez seja o certo mas, convenhamos que os homens famosos, batalhadores indormidos pelas causas dos seus

semelhantes, muitas e muitas vezes ainda em vida estavam a necessitar do apoio e da assistência daqueles que foram beneficiados pelo seu trabalho e pela sua inteligência.

Destacamos, entre esses homens, Eulálio Chaves, que ao nosso entender bem representa um símbolo de tenacidade e amor à causa do ensino superior pátrio.

O destino, no caso de sua vida, lhe foi severo, como escreveu Aderson de Menezes na sua festejada obra:

“Dessa maneira a Escola Universitária Livre de Manaus entrou em atividade, passando a funcionar as aulas dos cursos devidamente abertos, tudo sob a direção geral do Dr. Astrolábio Passos, que vai exercer agora, após a instalação, aquela missão catalítica e empolgante exercida, durante o período da organização, pelo Dr. Eulálio Chaves, cuja retirada deste Estado para sua terra natal acabou sendo forçada — cruel contraste! — por dificuldades de vida...”.

Finalmente, depois de uma longa viagem ao passado, acompanhado de mestres notáveis, procurando assimilar, dentro das nossas limitações de curiosos, os assuntos palpitantes da área dos conhecimentos humanos, eis que nos encontramos de volta, com o coração e a alma refertos de recordações imperecíveis, pelo que nos foi dado ver de grandioso no campo cultural, resultado da vontade inabalável de homens que fizeram de suas inteligências a grande arma de combate à ignorância.

Agradecemos, pois, sensibilizado, a quantos se decidiram, para honra e alegria nossa, a entrar nesta augusta casa, não para ouvir o som do martelar sobre a bigorna, mas para participar da cerimônia da queima silenciosa da massa cinzenta, matéria prima sublime que Deus concedeu ao homem para que atingisse a sua gloriosa destinação como criatura superiormente dotada. E queremos — aliado ao mesmo sentimento dos que ora nos ouvem e nos estimulam — externar, sem favor, por dever de justiça, a esses Briaréus da inteligência e da tenacidade planiciárias, a nossa maior homenagem; póstuma, também, é verdade, mas como se fosse em vida, tanto respeito lhes dedicamos e tanto acreditamos que viverão sempiternamente, merecendo a nossa mais alta expressão de reconhecimento e gratidão porque alicerçaram a grandeza e o desenvolvimento da terra cabocla e construíram um futuro promissor para a sua gente.

## **RUINAS NOTAVEIS**

**ROBÉRIO BRAGA.**

Conferência proferida na Universidade do Amazonas,  
em 11 de abril de 1991, em promoção do Departa-  
mento de Biblioteconomia.

“A cultura não é, realmente, apenas o refinamento da ilustração, o apuro da estesia, a fruição ociosa dos prazeres do espírito mas a vida mesma dos povos no seio da lei, das instituições, da justiça, dos costumes que encorajem e produzam a variedade de idéias, o senso das análises e da crítica inteligente e informada, o respeito das divergências de opinião, a coragem e a proteção das atitudes honestas, a lealdade na luta, no diálogo, no uso do poder, o apreço pela honra e pela dignidade humana, o horror à violência de qualquer gênero e procedência, ao domínio dos instintos, ao reconhecimento e à satisfação de iniquidades.” (1)

É com este pensamento, apanhado em Thales de Azevedo, que me incorporo ao debate da “informação como ação cultural, para o qual dispo-me dos adornos político-ideológicos que podem conformar a minha consciência partidária, porque adentro campo fértil — o da universidade — onde o debate das idéias deve ser amplo e a defesa dos pontos de vista solidificado pelo respeito ao direito de expressão de outrem, sem paixões, com elevada consideração racional, portanto sem feição fascista, positivista, islâmica, católica, psicanalista, budista ou qualquer outra de menor ou maior influência ou incorrência social. Isto porque a universidade deve ser o principal centro democrático e tolerante que reconhece as ideologias, estuda, questiona, analisa, propõe, revê, mas não as incorpora em si mesma.

Busco entender-mo-nos, ainda quando estivermos em divergência, e por isso ponho-me em vestes que, não sendo talaes nem magistraes, representam a presença do professor cujo exercício muito me honra e entusiasmo. Vim para aprender. Aprender e distribuir o que tenho recolhido.

Vamos fixar alguns indicadores para nosso diálogo, como a seguir proponho.

---

(1) Thales de Azevedo, in *Cultura como consciência nacional*. Rev. de Cultura da Bahia, n.º 5, Jul/dez, fls. 70, 1970. Ed. Beneditina, Ltda., Salvador. Bahia.

1. **Cultura.** Tanto é a mais profunda e elevada elocução de sentido filosófico, como a mais modesta produção literária, artesanal, artística, musical, comporta-

mental que necessita de ação para fluir, de linguagem para florescer, ser transmitida e até ser perpetuada; e de liberdade que se faça como processo de libertação em que as correntes de luta pela sua manutenção se conservem vivas e a pessoa humana seja respeitada por si e por suas idéias.

2. Liberdade. Essencial. Foi a descoberta de Gutemberg no século XV que começou a ampliar a possibilidade de fixação e reprodução de um tipo de linguagem que venceu os tempos. Milton em 1644 romperia com o controle sobre a liberdade de impressão. De então aos tempos que correm nada mais se fez senão avançar e lutar por essa liberdade, inclusive buscando uma linguagem universal.

3. A intervenção do Estado. É preciso uma sociedade verdadeiramente democrática, livre, pluralista, em que o governo não exceda os limites nem sempre conhecidos e identificáveis do incentivo sem condições nem preconceitos, em que o debate permanente evite o marasmo e ao lado do eficiente combate ao analfabetismo sejam oferecidas oportunidades reais do emprego e formação profissional e os regionalismos não vençam os valores nacionais e estes não os sufoquem, mas ambos sejam estimulados sem extremismos. Que a informação de massa — cada vez mais a informação que a todos alcança — não seja feita por monopólios tecnológicos que perfurem o sentimento e a identidade prima do povo.

4. O homem como ação e objeto. O homem na verdade é um ser que gosta do poder mas teme a opressão, e por ele se anima e vive, constituindo sua própria história política; é laborioso e com sua ambição, muitas vezes desmedida, constitui sua história econômica, ou, sem ação objetiva, deixa passar as oportunidades de evolução e desenvolvimento; se deleita com o uso de sua inteligência e, de alguma forma, está perpetuado no passar dos séculos, pela migração de idéias e valores.

É com esta compreensão que vou expor as ruínas notáveis em que se encontram, em meu entender, as bases da nossa sociedade sob o ângulo da informação como ação cultural!

### **O cenário**

Época houve em que vivemos no Amazonas ciclo de refinamento social e de ilustração, graças à próspera econo-

mia da borracha. Em que os prazeres do espírito alimentavam alguns bem aquinhoados e os da carne lavavam, por debaixo dos panos, a hipocrisia coletiva. Em que as leis podiam ser, e eram, benemerências. Assim fez-se a declaração do ventre livre antes do setembro de 1871 e a abolição da escravatura negra em 1888. Em que o apuro do modismo europeu contagiou de tal modo a sociedade e os cofres públicos permitiam tais satisfações, que o Teatro Amazonas foi erguido de modo colossal e a ópera como manifestação cultural ganhou espaço honroso entre nós (1896). Em que na imprensa diária se debatiam idéias, estudos científicos, médicos, que se confundiam com o mundanismo e os folhetins que davam vasão às criações dos grandes gênios literários. Os refinamentos europeus dominaram a urbe e os prenúncios de modernidade chegaram aos seringais, principalmente do rio das madeiras, onde o homem, cativo da atividade que abraçara obrigado pelas circunstâncias, sem profissão, construía sem saber, o apogeu ciclópico de uma fase econômica, social e política que nada lhe rendeu.

Em tudo havia excessos. Desde a dominação e catequese, a pacificação e aculturação dos índios, o domínio do território, a europeização dos costumes, a orgia social e política, a força dos poderosos, o consentimento secular do homem regional quase em silêncio, não fosse o movimento da cabanagem como revolução social e as tentativas de sublevação militar pela autonomia provincial que marcam a história que antecede este ciclo de que todos falam como "apogeu da borracha".

A sociedade como um todo, mal informada, sem consciência crítica, quase em devaneio, a bulir com a riqueza silvestre e a duvidar que em breve quedaria, pasma ante a miséria iminente e o vazio demográfico ainda maior. Frágil, permitiu perpetrarem-se contra ela, seus filhos e seus valôres, a intemperividade de todas as violências e, pior, não aprendeu desta vez, porque de igual modo tempos depois permitiria iguais condescendências de descaracterização final de seus bens, em novo ciclo que se denomina de "Zona Franca".

Se o apogeu da borracha edificou uma cidade bucólica, apaixonante, entre européia e trópica, fundada em valôres de vizinhança, exposta em cadeiras nas calçadas e no passeio ritmado dos bondes sobre trilhos elétricos, abriu as portas da Europa e de todo mundo civilizado para a Ama-

zônia e suas belezas exóticas, foi a mesma Europa que sufocou o florescimento daquela economia para a qual só tínhamos prazeres. A Zona Franca de igual modo abriu as portas do El-Dorado e pela prática de uma política governamental de incentivos fiscais, deu asas a indústrias que viriam trazer o desenvolvimento para, em tempo certo e previamente sabido de todos nós, constituir economia que sustentasse definitivamente a região. Estamos hoje a braços com a falência senão do modelo, com certeza da nossa vocação pessoal de administrar nosso próprio desenvolvimento, passados tantos anos da implantação do projeto que acudiu a Manaus de 1967, acanhada em suas poucas ruas, de bairros contados nos dedos, com energia elétrica precária, sem universidade constituída depois de ter a glória de haver edificado a primeira universidade brasileira, dedicada a uma economia incipiente mas que abrigava com emprego modesto a parcela produtiva da população. Não havia perspectiva maior, e a grandeza sempre esteve nos planos amazônicos, onde a planície descortina o infinito aos olhos dos seus herdeiros, acostumados desde logo a ver o clarão do sol mal ele rompe e a acompanhar o florão da lua até os seus últimos respiros de resplandescências.

Mais uma vez a grandeza dominou. Vivemos o apogeu da Zona Franca de Manaus sem nos darmos conta de que sua transitoriedade deixaria marcas fundas na vida da população, na organização da capital, principalmente, e na formação de uma superpopulação que, em condições normais de crescimento regional, jamais teria sido alcançada em tempo tão curto. O período de aplicação do modelo de incentivo ao nosso desenvolvimento foi na verdade tomado como o próprio desenvolvimento em si e pelas suas características, não localizou o homem no interior mas foi atração incontrolável para sua transferência para a capital. Não nos preparamos para viver sem a Zona Franca, nem na decadência do instituto ou de seu modelo econômico e estamos novamente a beirar o caos, a constatar que cedem novamente nossas possibilidades de crescimento social e desenvolvimento econômico.

É nesse cenário de crise, quase de "débâcle" que precisam ser compreendidas as intervenções acadêmicas que declaram com objetividade como pretendo que seja a minha, nesta ocasião, ao anunciar as ruínas que resistem quase heroicamente, de forma notável, no campo da ação e da infor-

mação cultural, que como se não bastasse, está conformado em campo mais amplo em que as divergências de opinião nem sempre respeitadas, em que a lealdade passa a ser figura em desuso e o poder é usado com abuso que se caracteriza pela violência descomunal e a honra e a dignidade das pessoas precisam ser provadas, e muito bem provadas, em meio à desonra e à desintegração que imperam.

### A informação como ação cultural

Nos tempos que correm, em que a evolução tecnológica avança a passos rápidos, equipa escritórios, molda os homens a um novo estilo de vida, agiliza as relações de produção, a todos convence de sua responsabilidade e necessidade, a ação cultural padece dos males do século passado. Não se formam, dinamicamente, profissionais de administração cultural, nem o fomento ao seu desenvolvimento consegue manter-se com persistência, vencer as dificuldades burocráticas, deixar de ser subproduto da evolução na estrutura de poder dos governos e o produtor cultural de modo geral deixou de ser indivíduo à margem da sociedade ou objeto de deleite puro e simples, dos aquinhoados. Não se define uma política cultural, nem se projeta uma ação duradoura no setor, nem se intervém sem o paternalismo prejudicial ou sem a concessão de normas e rigores do Estado. A produção cultural flui porque transborda nos seus criadores, espíritos abertos ao seu poder interior, despudorados, por assim dizer, ante a realidade que os cerca e os contrange, deprime, reprime, comprime e não raro aniquila pelo desespero ou pela constatação de ser estranho. Não poucas vezes temos ouvidos para declarações estarrecedoras tipo: somos teimosos, e por isso fazemos com que a produção cultural venha às ruas e subsista.

Que temos de produção literária adaptada à realidade do mundo contemporâneo, utilizando-se dos mecanismos mais modernos de edição e comercialização que transformam em grandes vendagens, algumas vezes, textos medíocres ou estórias e fantasias; assim vale dizer-se para outras manifestações com o artesanato, a música, a dança, as artes plásticas, a pesquisa científica.

Se a liberdade é essencial para o ser humano, de igual modo o é para os valores da inteligência e do espírito, e basta a resistência ao controle de impressão, a censura,

ao beneplácito dos governos e das ideologias dominantes, é preciso respirá-la e transmití-la, vivenciá-la, enternecê-la, dinamizá-la de modo a fazê-la uma libertação permanente que não conheça barreiras intransponíveis, nem as interiores, do próprio homem.

Se ainda não alcançamos possuir uma sociedade organizada politicamente sob o império de uma democracia plena, livre, pluralista, caminhamos neste sentido. Um dia poderemos vencer a intervenção do Estado que, pelo ânimo dos seus governantes influi nas manifestações culturais do povo, é verdade que temos mergulhado num marasmo consentido, pela fuga ao debate das idéias, pela castração dos valores da inteligência, pela proliferação do analfabetismo como regra que atinge grande parte da população. Temos mergulhado neste estado de vida, em sobrevida cultural da erudição pessoal, muito mais pela estagnação proporcionada pela informação de massa, sintética, objetiva, direta, circunstancial, que nos alcança como um diário de frases construídas previamente, sintéticas a universalizar valores, idéias, hábitos, costumes, regras sociais e jurídicas, de forma horizontal como a qualificar a todos ao mesmo nível, na mesma região, com a mesma temperatura, garantia que a língua que nos identifica e une, confere.

Aí temos a perfuração de sentimento e de identidade a que me referi e a informação oral, que a todos alcança indistintamente, ampliada por ondas de rádio e televisão que varam beiradões, encantam igapós, se debruçam sobre os lagos e amimam as populações de todo o país, raras vezes usadas com critério educativo e científico, cultural-instrutivo, devassam a intimidade dos homens desde a infância e conformam, agora, outro homem no contexto social, sem conferir-lhe meios e modos de sobrevivência adequados aos tempos que lhes transmitem e as esperanças que os movem.

Assim, o homem que estava disposto pelos sertões brasileiros, nos confins da Amazônia, oleiro, pescador, pequeno agricultor, artesão, que sem dúvida precisava e precisa de melhores condições de vida, de instrumentos materiais modernos, pode ter perdido a sua identidade cultural, desprezando suas qualidades, desconhecendo o real sentido da transmissão oral dos conhecimentos recebidos de seus ancestrais, apartando-se da sua relação umbilical com o rio, fuge para os centros evoluídos, sem profissão nem preparo para as exigências do lugar, e constitui e amplia favelas, e desfigura-

se na imensidão cidadina, e faz-se ajudante de obras, e maneja com dificuldades uma colher de pedreiro, e torna-se um número na multidão que se aglomera, que subhabita, e não se aproveita dos valores que tem, nem os transmite mais porque por si, acredita de que nada valem.

Esta é a ruína do homem.

Que ações determinantes do Estado podem ser tomadas como permanentes, eficientes e produtivas na defesa e valorização ou na modernização dos centros de produção ou de resguardo na memória nacional? Que política incentiva o artesão? A quantas andam os arquivos, as bibliotecas, os museus, as academias, as instituições científicas e de pesquisa, os institutos históricos constituídos neste país sob as bençãos do Imperador, muitos deles, os grêmios literários, as agremiações escolares, os centros acadêmicos, as universidades? Em que patamar podem ser consideradas as universidades que temos? Que gerações de técnicos, cientistas, profissionais, teremos. d'ora em diante, ou estamos tendo nos dias que correm?

Não constitui novidade declarar-se que os arquivos não possuindo condições materiais adequadas, são dirigidos na sua maioria por servidores sem qualificação profissional própria para o trato dos bens que devem conservar e que, inertes, dependem do bom profissional para ganhar vida e influência, serem expostos em estudos científicos e históricos, contarem suas próprias facetas. As bibliotecas não diferem muito da situação dos arquivos. Empoeiradas, não raro dispostas em edifícios inadequados ou ultrapassados para a situação urbana atual das cidades onde se inserem, acervos desatualizados ou generosamente acrescidos por doações que desocupam paredes, esvasiam salas e apartamentos, dificilmente cumprem seu papel na formação do cidadão e na preservação da produção da inteligência que, se esparsa em fitas de vídeo, filmes, cassete e outros meios modernos de comunicação dificultam ainda mais a guarda e o manuseio, ficam expostas ao sol e à chuva, sem guarda nem guarida, porque os centros de documentação em que devem se transformar as bibliotecas, não vencerem ainda dificuldades rudimentares de acomodação para leitor, remuneração de pessoal, valorização institucional. Os museus de raríssimos museólogos, aos quais ainda se emprega tratamento pejorativo da acomodação de quinquilharias, peças usadas e ultrapassadas, sem vida nem função, memó-

ria de uns poucos apaixonados pelo passado que nada parece representar, recebem o turista e não servem à escola, não respondem como fundamento da informação nem despertam o afã dos governantes para as grandes empresas de governo. Ninguém pensa em construir um "museudóromo".

É crime igualmente o que se perpetra nas agremiações escolares senão nos centros acadêmicos, ora pelo patrulhamento ideológico, ora pelo abandono a atividades de pouca importância, sem que sirvam para o despertar e a motivação de lideranças livres, predispostos para a modernidade da sociedade. E com as universidades? Quê dizer? Reina silêncio em mim, atemorizado de expor adjetivações no vazio, ou talvez no vácuo a que estão expondo gerações brasileiras, quer pela formação desorientada de alguns, pela desmotivação de outros, pela inadequação de cursos, currículos e programas, como pelo espírito que a envolve como instituição. Deve ser motivo de grandes pensares, de larga meditação, de profundas indagações e de quase nenhuma resposta antes de uma revisão crítica que avance sobre todas as questões que a deformam ou que jamais permitiram que ela tivesse conformação própria com vocação para o futuro do país.

Que forma mais moderna utiliza o homem nos dias atuais para levar a informação generalizada fronteira afora, que não o rádio e a televisão, rompendo barreiras que vão desde as limitações tecnológicas e geográficas, até a intimidade das famílias, nas cidades e nos campos, nos beiradões e nos sertões, nas campinas, nas várzeas, nos pampas, nos alagados, nos solos ressequidos até de esperança do nordeste sedento aos píncaros da lua e de Marte, quando em busca da identificação da existência de vida por lá.

É com estes moderníssimos instrumentos que o homem fere fundo seu semelhante. Invade sem permissão e por consentimento ingênuo, a sua história, as tradições, os hábitos, costumes e saudáveis formas de convivência em família, e apresenta-lhe visões a princípio estranhas, depois cativantes, afinal entusiasmantes, de lazer, saber e progresso. Tudo pela unidade das mensagens, sem respeito aos regionalismos de um país continente que comporta em seu território outro continente à parte, a Amazônia, por cuja geografia e população, se pode mesmo representar como continente.

Não haveria maior veículo para a difusão da informação cultural que o rádio, porque sabemos que falou-se e ouviu-se há muito mais tempo do que tem escrito ou lido e é próprio do povo falar, ouvir, dar-se em conversas longas, esmerar-se em contar histórias, e mesmo os incultos do saber erudito, os analfabetos, gostam de ouvir e contar histórias, gostam de música, de mensagens de fé, além de ouvir pode e geralmente é, uma atividade coletiva, e pela palavra é que o homem erudito exerce o seu poder de persuasão, na sua própria língua, que une, estimula, aproxima, identifica, todos como um só, os mais distantes como se perto estivessem. Não há meio mais eficaz que a comunicação oral para o nosso país, ainda hoje, pelas carências de instrução a que grande maioria da nossa população está submetida.

O que precisaria haver era critério na informação pelas ondas sonoras, como pela televisão, na medida da consciência de que se precisa, em um país como o nosso, não desperdiçar meios, modos e tempo, na veiculação de fatos, idéias, assuntos que valorizem e dignifiquem o homem pela instrução e sua melhoria de qualidade de vida. No entanto é instrumento de pouca valia para o Estado, ao que parece, para estes fins. É instrumento de pouco uso, ou de nenhum uso pela escola, senão em raros horários que, usados sem técnica adequada e conhecimentos generalizados, perdem a motivação e levam ao desinteresse do ouvinte.

Esta é a ruína das instituições.

Haverá algo de mais notável que o homem se dar conta de suas próprias falências? Sim, porque as constatações indicadas nestas brevíssimas palavras em conferência, demonstram claramente que há ruínas em decorrer de nós mesmos, por nós construídas, na edificação da sociedade que temos. Por duas vezes, pelo menos de forma mais expressa, não fomos capazes de promover de um ciclo econômico pujante, o nosso desenvolvimento perene, tomado o enfoque amazonense lançado ao expormos o cenário em que se descortinaria nosso panorama cultural. Não temos uma política cultural definida e há por isso mesmo, uma pronunciada decadência na animação cultural estadual, em que perdemos nos últimos tempos, até a valorização das transmissões orais até há pouco preservadas pela manutenção do homem no campo e pelas vertentes urbanas de organização tradicional de bairros e de vizinhança. Os produto-

res literários ainda agasalham recolhidas esperanças de reconhecimento, de difusão da obra exposta, de animação para novas empreitadas e, sem dúvida, estes de uma maneira ou de outra, têm posto as mangas do lado de fora. Na música, na dança, no artesanato, permanecem escolhidos, sem avançar muito, ou quase nada porque é muito mais complicado, porque quase sempre coletivo e oneroso. O teatro, que viveu tempos de intensa atividade, explode vez em quando como um vulcão em permanente erupção, obtém reconhecimentos nacionais e não prospera na taba.

E não podemos reclamar de liberdade, mas devemos fazer do abandono, do descaso não uma lamúria nem a difamação do Estado nacional, mas o enrijecimento dos nossos valores que não podem fenecer.

São ruínas notáveis com as quais convivemos desde gradis importados da Europa, monumentos erguidos em praça pública, galerias subterrâneas forradas de mármore de lioz, porto flutuante que não mais se submete integralmente à vontade do negro rio que banha a margem esquerda da cidade, e outras tantas, até o estado quase letárgico do povo afeito às pregações várias que embevessem e proliferam, agora de dois em dois anos, como na poesia de Farias de Carvalho "subindo rios, descendo baixos, em promessas vãs."

De mim tenho consciência. Não lhes prometi nada além de uma conversa franca e um pedido de aprendizado comum. Recolho a palavra e revigoro-me no pensamento para ouví-los, a todos, no debate das idéias do qual jamais me afastarei.

UNIVERSIDADE DO AMAZONAS  
**Instituto de Ciências Humanas e Letras**  
**Departamento de Biblioteconomia**  
Ciclo de Palestras.  
"A informação como Ação Cultural"

**NOTA BIOGRÁFICA**

ROBÉRIO dos Santos Braga é amazonense de Manaus, professor universitário, advogado formado pela UA (1974), museólogo, pós-graduado em Administração de Política Cultural pela Organização dos Estados Americanos/UnB (1978), escritor, membro do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas e seu ex-presidente, membro da Academia Amazonense de Letras e de várias outras instituições culturais do país e do exterior. Integrou o Conselho Estadual de Cultura (1982/86), e o Conselho da Universidade do Amazonas (1985/88).

Autor de diversos títulos sobre amazonologia, discursos, conferências e leis estaduais e municipais que interessam à política cultural.

## **ESTUDOS CIENTIFICOS**

## NOTAS DE UMA EXCURSÃO BOTÂNICA AOS RIOS UATUMÃ E URUBU

WILLIAM A. RODRIGUES

Relato de uma viagem realizada pelo autor aos rios Uatumã e Urubu apresentado ao Sr. Diretor do INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA — INPA, na ocasião o Dr. Arthur César Ferreira Reis, dando conta de suas observações e coletas nos referidos rios.

As 17:30 horas do dia 19 de novembro de 1956, saímos do porto de Manaus no Motor "Ozires", puxando uma alvarenga grande a fim de acomodar todo o pessoal técnico e auxiliares integrantes da Expedição, constituída dos seguintes pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia: Dr. Raul Antony, Chefe da Expedição e Mineralogista; Dr. José Bercigli, Mineralogista; Dra. Virgínia Dupré, Médica; Dr. Mauro S. Carvalho e Dra. Ione Borilli, Microbiologistas; e Profa. Maria S. Florentino, Geomorfologista. O setor de Zoologia estava representado pelos Srs. Mozarth C. Mello e Olmiro Roppa.

Os rios Urubu e Uatumã estão localizados a nordeste e norte de Manaus, na parte setentrional do rio Amazonas. Ambos os rios são de água preta como o Rio Negro.

Barbosa Rodrigues assinalava que o Amazonas, ainda no XVIII século, chegando às terras altas do Amajari, estendia-se para o norte, passando por entre algumas serras, que formavam aí grande bacia, onde se agrupavam diversas ilhas. Muitas dessas ilhas se uniram após demoradas e sucessivas enchentes do Amazonas, seguidas da baixa considerável do volume d'água, isolando deste modo do Amazonas os rios Urubu e Uatumã, inclusive o Anibá, hoje afluente do Urubu.

É idéia de F. Kartzner que durante o Quaternário a bacia amazônica vem sofrendo pequena elevação, embora outros se oponham à semelhante hipótese. Hartt também admite a elevação lenta da planície aluvial amazônica, que se deu posteriormente ao soerguimento dos Andes, obrigando o caudaloso rio a procurar níveis mais baixos. Estas últimas teorias talvez expliquem melhor a união das referidas ilhas\*. Não nos compete aqui discutir uma ou outra teoria. O que

nos importa á aceitar como certa a união das referidas ilhas ainda neste período geológico em que vivemos, conforme atesta Barbosa Rodrigues, que estudou a região.

\*) Convém lembrar ainda que o Vale Amazônico sofreu intensos movimentos tectônicos, deixando esse fenômeno transparecer claramente nesses rios.

Os rios, então comprimidos entre as ilhas e a terra firme, tiveram de mudar de curso, desaguando no paraná de Silves e Urucará. O resultado de tudo isto, foi o aparecimento do extenso lago de Silves (que antes de se isolar do Amazonas constituía caminho obrigatório dos navegantes), e a formação de diversos furos provenientes de antigos paranás existentes entre as ilhas.

O Urubu além de ter seu curso inferior desviado, foi aumentado, correndo o referido curso mais ou menos paralelo ao Amazonas, estando apenas ligado a este por 4 furos principais (Santo Antonio, Cainamã, Arauató e Uixituba) por onde passam as águas barrentas das cheias anuais do grande rio.

Na manhã do dia 20, passamos por Itacoatiara, à tarde, entramos no paraná de Silves, que acima da boca do Urubu recebe o nome de Urucará, onde está assentada a cidade de Itapiranga sobre barranco argilo-arenoso íngreme e elevado no lado esquerdo. Chama-se "itapiranga" (pedra vermelha) por haver em abundância grandes afloramentos de arenito vermelho compacto (pedra-jacaré) em sua encosta.

Pernoitamos nessa cidade até o dia seguinte para então proseguirmos viagem para o Uatumã. Como todo o rio de água barrenta, a noite nesta cidade, foi quase insuportável pelos incômodos carapanãs, cujas picadas ardentes muito nos molestaram. O surto de malária nesta região é sazonal.

No dia 21, às 5 horas da manhã, deixamos Itapiranga, seguindo no mesmo "motor", agora sem a alvarenga, com destino ao rio Uatumã. Permaneceram no local até à nossa volta os grupos de Geomorfologia, Medicina e Zoologia, tendo seguido comigo os Drs. Raul Antony e Bercigli.

Embora predominasse a capoeira em toda extensão deste furo, com freqüentes moradores na margem direita dedicando-se à plantação de "juta" (*Corchorus capsularis* L.), nas várzeas ainda notamos testemunhos evidentes da vege-

tação de água barrenta. Assim é que na várzea baixa predominava a "canarana" (talvez *Panicum spectabile* Neess.) que formava a primeira linha de vegetação à frente do "imbaubal" com *Cecropia* sp.. Na mata mista de transição ou mata de várzea alta, a vegetação que substituíra ao imbaubal era acentuadamente formada principalmente de "muiratinga" (*Maquira coriacea* (Karst) Berg), "pau-mulato" (*Calycophy apruceanum* Benth.), "castanha-de-macaco" (*Courou-pita subsessilis* Pilg.) e "sumaumeira" (*Ceiba pentandra* ... Gaertn.).

A madeira de muiratinga queima-se totalmente sem char e é a última madeira a se extinguir na queimada. Daí se explica a razão pela qual os índios a utilizam para conservar o fogo aceso.

A castanha-de-macaco frutificava, apresentando ouriços pendentes no tronco e galhos. As sementes desta árvore são muito apreciadas pelos criadores, para engorda de porcos e galinhas.

As 7,30 horas, entramos no rio Uatumã. Sua água escura formava com a água barrenta do paraná do Urucará uma linha divisória tão nítida como a que se vê no famoso encontro das águas Rio Negro/Amazonas. Um pouco acima, na sua margem esquerda, estava situada a próspera Vila de São Sebastião, em terra alta, estando localizadas aí 2 usinas de pau-rosa e 3 estaleiros navais. Próximo desta Vila, no igarapé da Pedreira, partiu o leme do motor, forçando-nos a passar o resto do dia numa praia até que fosse efetuado o conserto.

Como se dá nos grandes rios pobres de sedimento, como os rios Negro e Tapajós, também aqui o rio conservava sua vegetação típica em especial a margem esquerda até sua foz no paraná de Urucará. A margem direita, a mata parecia ser mista, principalmente até o furo de Madrubá.

Abundava em extensas praias arenosas da margem esquerda a "acapuranga" (*Campsiandra angustifolia* Spr. ex Bth.), árvore baixa, com vagens vermelhas grandes e planas. Mais raramente aparecia o "murici" (*Byrsonima chrysophylla* H.B.K.) e a palmeira "jauari" (*Astrocaryum jauari* Mart.).

Na margem, florescia o "araçai" ou "araçá-do-igapó" (*Eugenia inundata* D.C.). Nos galhos baixos desta planta aquática agrupavam-se diversos espongiários de cor parda

e aspecto terroso, cujo nome vulgar é "cauxi" do grupo **Spongilles** — Quando se agita a água próxima desses animais, desprendem-se de sua superfície espículas ou agulhas silicosas que, penetrando facilmente na pele, provocam coceira persistente e certa irritação. Esses "cauxis" são encontrados apenas com abundância na época da vazante, na vegetação da margem alagável dos rios e lagos de água pobre de sedimento, como os rios Negro, Urubu e outros.

Após havermos voltado ao paraná de Urucará a fim de apanhar uma canoa que nos foi emprestada, passamos novamente por São Sebastião, às 02:00 horas, subindo o Uatumã. A menos de 2 horas acima está localizada a Vila de Santana,  margem esquerda.

Dia 22 — Passamos pela boca do Jatapu às 2 horas da madrugada; Caribi, às 3 horas; e serra do Jacamim, às 6 horas; às 7 horas, na boca do Abacate, que aparecia atrás de uma ilha (este rio  muito encachoeirado, segundo nos informaram). Na terra firme, havia um castanhal  margem direita. As 8 horas, chegamos a uma ilha baixa em frente ao lago de Timbotuba. Como principais plantas de igapó que pudemos reconhecer na margem inundada desta ilha foram: "arapari", já citada; Jacarba (**Calophyllum brasiliense** Camb.) de porte baixo a mediano, tronco ereto, a casca fortemente fendido longitudinalmente, "tento (**Ormosia costulata** (Miq.) Kleinh.) também de porte mediano; e "seringa-barriguda" (**Hevea spruceana** Muell. Arg.), cujo látex resinoso não fornecia borracha sendo seu fruto muito procurado pelos "tambaquis".

As 8,20 horas passamos pelo furo do Tufalo,  margem direita do Uatumã. Neste trecho do rio, abundava o "maguari", ave de pescoço grande, abdome branco e cauda e lados do peito pretos, pousando nos galhos de rvoe marginais do rio. No lago do Bar havia um castanhal.

As 9,30 horas, passamos por uma plantao abandonada de "tucumã" (**Astrocaryum tucuca** Mart.) na terra firme,  margem esquerda, introduzida por indios que habitavam a região, segundo nos informaram. \*) Sua terra  preta. As 10,30, passamos por uma localidade próxima ao rio Jatuarana, margem direita.

\*) Esses indios utilizavam as folhas do tucumã para confeco de urus (cestinhas com tampa) onde guardavam os restos dos indios cremados.

---

Aqui encontramos, na sua margem alta, abundância de palmeiras "palha-branca" cuja forma nos faz lembrar a de "babaçu" (*Orbignya Martiana* Barb. Rodr.). Informaram-nos que também extraem óleo do fruto, óleo esse tido como inferior ao do verdadeiro babaçu. Seus frutos são semelhantes, porém menores. Utilizam as folhas na cobertura de casa. Começava a aparecer na margem alta do rio o tachi (*Tachigalia paniculata* Aubl.), de inflorescência amarela, ereta, abundante, árvore esta que daqui em diante surgirá comumente na margem sujeita à inundação estacional do rio. A vegetação que até então era de várzea baixa, na grande maioria, começa a tomar aspecto mais interessante em ambas as margens, visto que suas terras se tornavam predominantemente mais elevadas até à margem do rio, quase desaparecendo deste modo os comuníssimos igapós e várzeas baixas.

Embora não pudéssemos reconhecer a maioria das espécies observadas na margem baixa deste rio, até então percorrido, em vista da maior necessidade de atingirmos a cachoeira Morena, de maior interesse científico, não só botânico como mineralógico, procuraremos comentar a respeito de alguns espécies mais abundantes, cujo nome vulgar nos foi fornecido por algumas pessoas nativas contratadas como guias para o nosso serviço na região. Na beira d'água aparecia frequentemente em reboladas a "maracarana" (*Coccoloba* sp.), arbusto pequeno em associação muitas vezes com a "jurubeba-cipó" (*Solanum* sp.), erva que produz frutos azuis; "limãozinho", arbusto de folhas verde-escuras; "taboca-com-espinho" (talvez *Buettneria* sp.), de haste curva; a taboquinha-rasteira (*Pariaria* sp.); e o "araçai" (*Eugenia inudata* DC.). Não observei o acarauçu (*Symmeria paniculata* Bth.) geralmente comum na margem desses rios de água preta.

Atrás desta primeira linha de vegetação surgiam as primeiras vegetações arbóreas baixas, típicas do igapó ou várzea, entre elas "arapari" (*Macrolobium* sp.); "louro-do-igapó" (*Ocotea* sp.), etc.. Embora não fôsse típica deste rio de água preta, a "imbaúba" (*Cecropia* sp.) ocorria em pequenos trechos.

Uma árvore de altura mediana, que se destacava na mata, era a "ucuuba" (*Virola surinamensis* (Rol.) Warb.), cuja copa lembra certos pinheiros europeus. Além desta,

abundava na mata marginal outra árvore mediana, o "coraci" (Leguminosa), cujos frutos lembram o "ingá" (*Inga* sp.), conforme nos explicaram; a madeira é muito dura e forte. A castanheira, com porte elevado, predomina em certos trechos de terra alta, onde geralmente existe exploração extrativa rudimentar. Da boca do Cararé e Cuieba existe grande castanhal que está sendo explorado deste modo.

\*) Talvez se trate de "*Orbignya speciosa*" (Mart.) Barb. Rodr.. Seu porte não era grande e estava estéril na ocasião.

Segundo nos informaram, as castanheiras só ocorrem à margem direita deste rio até o furo de Madrubá. Em seguida passa para a margem oposta acima da Vila de Santana.

Esvoaçavam, em grandes alaridos, suaves pares de lindas "araras-canindés". Vimos pomposamente instalado num galho de árvore o imponente "urubu-rei" de cabeça lisa multicolor e ventre branco. Às 11 horas, chegamos a Baracari ou Barreira Branca, situada à margem direita do Uatumã. É um barranco arenoso elevado, contrastando com a margem esquerda, que é baixa e geralmente inundada. Sobre o barranco há uma chapada arenosa com campina formada de pequenas árvores esparsas. Infelizmente a nossa permanência aqui foi de poucos minutos, impossibilitando-nos de fazer neste relatório comentário honesto de sua interessante flora. No barranco, as principais espécies observadas foram: "sucuuba" (*Himatanthus attenuatus* Woods.), "caraiparana" (*Licania* sp.) ("tapera-goiaba-da-praia" (*Tococalongissepala* Cong.) árvore mirmocófila, *Swartzia* sp., de frutos tidos como venenosos; *Miconia pileata* DC., molastomatácea herbácea de meio metro; e "sarabatucu" (*Mascagnia* sp.), erva rasteira que frutificava, apresentando flores apenas na extremidade dos ramos novos. Auxiliado pelos Drs. Antony e Bercigli, coletamos na campina amostras floríferas do "umiri" (*Humiria balsamifera* (Aubl.) St. Hil. "tento"; (*Ormologia costulata* (Miq.) Kl.) e "araçá-da-campina" (*Myrcia fallax* (Rich) DC.), árvore esta mediana, cujos frutos globosos passavam por três tonalidades: amarelo-esverdeado, vermelho e preto. Caracterizando solos siliciosos, apareciam na areia grandes líquens fruticosos esverdeados (*Cladonia* sp.), sob a sombra de árvores baixas. Esta campina já foi habitada por índios. \*)

Encontramos restos de cerâmica indígena no solo. Até pouco tempo ela era considerada inteiramente despida de vegetação, tendo havido rápida invasão de vegetação de campina.

As 17,30 horas paramos próximo ao igarapé Macacabóia, braço esquerdo do Uatumã, em cuja margem afloravam as primeiras camadas xistosas de ardósia. A inclinação desta rocha é de aproximadamente 20°. Estes xistos surgem tanto numa margem como na outra do rio, aflorando e mergulhando várias vezes até desaparecerem de vez próximo à cachoeira Morena. Foi constatada sua presença inclusive no leito de um córrego, no igarapé Macauari.

- \*) Segundo nos narra Barbosa Rodrigues, estes índios possivelmente descendiam do poderoso Reino dos Aroaquis ou Aruaquis, cujas tribos ocupavam grande extensão setentrional da região amazônica e que ainda podiam ser encontrados alguns na cabeceira deste rio e outros na Guiana.

---

Permanecemos junto à boca do igarapé Macacabóia durante dois dias para que pudéssemos empreender algumas excursões pelas proximidades. Na manhã de 23, antes de excursionarmos, coletamos perto de nossa embarcação alguns espécimes para o nosso herbário. Destacavam-se entre eles os de "seringa-barriguda" (*Hevea spruceana* Muell. Arg.), que estava começando a frutificar, a "pitombarana" (*Strychnos rondeliioides* Spruce), cipó lenhoso, alto, que se sustentava no tronco da seringa-barriguda; a maioria dos frutos havia se transformado em galhas. Descemos de motor de popa até um pouco abaixo do ponto de pouso para penetrarmos na mata de terra firme, margem esquerda. O solo desta mata era em sua maioria humo-argilo-silicoso, de terra pardo-escura superficialmente e cinzenta no subsolo. A mata era limpa e muito mal representada por cipós. As árvores não atingiam grandes altitudes (em média 25 metros) e os troncos, na maioria, não eram grossos (em média 20 cm.), com exceção de algumas árvores como as da castanheira. Em seu aspecto geral esta mata lembrava de certo modo a vegetação da região de Manaus: pouco cipós altos e raras epífitas, representada principalmente por aráceas; não vimos orquídeas. Espalhadas na mata, embargava nossa caminhada, às vezes, uma palmeira acaule (*Astrocaryum* sp.) de espinhos pretos no dorso do ráquis foliar, cuja pre-

sença se faz notar comumente também nas matas de Manaus com o nome de "palha-preta".

Conseguimos encontrar numa pequenina área pouco densa desta mata alguns pés de "cacau" (*Theobroma cacao* L.), que florescia e frutificavam. A ornamental "rabo-de-arara" (*Warzewiezia coccinea* (Vahl.) Klotzsch), árvore pequena com lindas brácteas vermelhas, ocorria isoladamente nesta mata. Convém assinalarmos aqui que os principais espécimes arbustivos encontrados nessa mata foram a interessante *Lophantera longifolia* Griseb, cujas inflorescências amarelas pendentes começavam a frutificar, a *Sorocea* sp., de porte ereto, muriculata de porte ereto, cauliflora; *Paypayrola* cf *guianensis* Aubl. cespitosa e flores alvas, e *Piper citrifolium* Lam.

A tarde, penetramos de canoa o igarapé Macauari, braço direito do Uatumã e a poucos minutos abaixo de Macacabóia, indo não muito além de sua foz. A entrada deste igarapé era estreita e difícil por causa do emaranhado natural formado pelos galhos e troncos de inúmeros arbustos do igapó. Pouco adiante o igarapé se abria formando pequeno lago, cujas margens revestiam-se de árvores medianamente altas. O solo da terra firme até a margem era humo-argilo-silicoso escuro. Na terra firme, frutificava o "uruazeiro" (*Cordia* sp.) e uma "envireira" (*Guatteria pteropus* Benth.) da qual colhemos material completo, inclusive amostras de tronco. Dominavam o tronco e galhos destas árvores ferozes formigas chamadas "tachi" (*Pseudomirma* sp.) que impediam o nosso trepador de galgar os primeiros galhos para colher material, o que foi feito subindo em árvores mais próximas, sendo que no caso da "envireira", fizemos inúmeros cortes do tronco para que sua copa baixasse o suficiente de forma a tornar-se acessível à mão do trepador, visto que na mata cerrada, muito raramente as árvores conseguem tombar a copa ao solo. Algumas sumaumeiras foram observadas na várzea e terra firme desse igapó, indicando solo fértil.

No dia 24, percorremos de canoa a margem esquerda do Uatumã no trecho compreendido acima do rio Macacabóia. Mata e solo com as mesmas características anteriormente já descrita. Na margem do rio predominava o "tachi" (*Tachigalia paniculata* Aubl), árvore mediana que abrigava as formigas que lhe deram o nome, e a "acapurana" (*Campsiana augustifolia* Spr. ex Bth.). No interior da mata, colhe-

mos espécimes para herbário da castanheira que estava na época da floração. Sobre a copa desta árvores, florescia em abundância a linda epífita ascendente de inflorescência carmosim conhecida como "rabo-de-arara" (*Norantea guianensis* Aubl.). Conseguimos reconhecer em estado estéril na mata alguns pés de útil "sorva-grande" (*Couma macrocarpa* Barb. Rodr.), cujo látex doce e potável os nativos da Amazônia, muitas vezes, tomam misturado com água, preparam mingau ou adicionam ao café. O látex coagulado dá ótimo breu calefetador de embarcações. Esta espécie é a única aqui conhecida. Frutificavam alguns pés de "envireira" arbórea (*Duguetia stelechantha* (Diels) R.E. Fr.) de altura baixa e tronco relativamente fino (mais ou menos 10 cm. de diâmetro). Abundavam em indivíduos em certos troncos os tão conhecidos "cipós-titica" (*Hetrepis* sp.), cujas raízes aéreas compridas podem facilmente ser convertidas em inúmeras tiras para confecção de diversos utensílios como: móveis, cestos, vassouras e até chapéus muito leves. Frutificava também o "purui-da-mata" (*Duroia saççifera* Benth.), também conhecido em Manaus com o nome vulgar de "cabeça-de-urubu". Era uma pequena árvore mirmecófila, que abrigava as pequeninas "formigas-de-fogo" (*Azteca* sp.) Outra que frutificava era a "piranheira" (*Piranhea trifoliata* Baill.), árvore mediana frequentíssima em toda Amazônia, principalmente na várzea argilosa. Nesta mata, encontrei-a na várzea alta com solo argilo-arenoso. A madeira é impu-trescível e torna-se muito rija quando dentro d'água, constituindo perigo para a navegação.

As 16 horas, já que a chuva nos havia prejudicado o serviço da tarde, resolvemos prosseguir viagem. As 17,30 horas, chegamos próximo à cachoeira Morena ou cachoeira Grande, como era aqui mais conhecida. Por ignorarmos onde passava o canal deste trecho de rio pedregoso, resolvemos encostar nossa embarcação numa pequena enseada, à margem esquerda. Aqui conseguimos coletar um cipó (*Guania* sp.) que constitui provavelmente espécie nova de Cucurbitácea, da afinidade de *Guarania spruceana* Cogn. As flores masculinas vermelho-alaranjadas são robustas, revestidas de densa pilosidade alva, o comprimento do pedúnculo floral é menor, o de pedicelo bem maior. As inflorescências femininas formam fascículos trímeros. Além destes caracteres principais há outros secundários que nos levam a supor tratar-se de nova espécie.

Na manhã de 25, com a ajuda de um rapaz conhecedor daquela Cachoeira, conseguimos aproximar-nos bastante dela, não sem muita dificuldade, seguindo o canal localizado à margem direita. Atracamos junto à boca do igarapé-Açu, de onde avistávamos o estirão de uns 300 metros de comprimento da cachoeira, caindo em desnível suave e pouco perceptível, principalmente visto de perto. Embora o rio estivesse na vazante, a cachoeira nos parecia mais corredeira extensa. As rochas que pudemos observar eram de arenito com cimento ferruginoso e sílex metamórfico. Atravessamos o rio de canoa para coletar plantas na margem esquerda. Residiam aí 3 famílias pouco numerosas de colonos que viviam principalmente da agricultura rudimentar, sendo que uma era de cearenses. São na maioria doentios. O impaludismo, de que se queixavam, talvez tenha sido trazido de outras localidades, pois este rio, como todos os outros de água preta, se não estamos enganados, não possui ou contém poucas pragas como "carapanãs", pelo menos durante esta época de seca (verão), em que tivemos oportunidade de observá-lo. Informaram-nos que até pouco tempo eram comuníssimos neste rio a desinteria e principalmente a febre-negra, sendo esta forma de febre-amarela-silvestre ou febre-biliosa-hemoglobinúrica.

Hoje, por motivos que ignoramos, todo o rio não apresenta mais com tanta frequência esses surtos endêmicos, especialmente de febre-amarela-silvestre, cujos transmissores são mosquitos silvestres (*Haemagogus* sp.), que vivem na copa das árvores juntamente com o macaco hospedeiro do vírus, o "sagui" do gênero *Callithrix*. Está comprovado que os *Haemagogus* spp. só aparecem em grandes nuvens, quando se derrubam árvores, visto que seu "habitat" natural é no dossel da mata.

O solo por onde andamos é humo-silicoso e bom para plantação.

Avistamos na mata próxima à margem da cachoeira, frutificando, alguns pés de "paricarana" (*Pithecellobium corymbosum* (Rich.) Bth.), árvore alta, cuja copa geralmente cobre as árvores menores mais próximas. Na mata de várzea florescia e frutificava a única "piquiarana" (*Caryocarpum Ducke*) observada até aqui, e a *Lophantera longifolia* Griseb.; frutificava a "geniparana" (*Gustavia poeppigiana* Berg.) o "Taquari" (*Mabea* cf. *nitida* Spruce ex Bth.),

árvore de porte mediano e arbustivo *Rynoria macrocarpa* (Mart.) o Kuntze. A tarde deste mesmo dia, percorremos pequeno trecho do Igarapé Açú, braço direito do Uatumã. Seguimos o lado direito, cuja terra alta era revestida de mata e a margem descambava para o leito do igarapé. Seixos rolados de quartzo misturados com terra humo-argilo-silicosa assinalavam que em época não muito recente houve aí grande deposição de sedimentos originários de muito longe. Atravessava estas terras altas sedimentares um córrego, em cujo leito jaziam grandes depósitos de seixos rolados. O mesmo fato já havíamos assinalado para o igarapé Macauari. Na encosta deste igarapé florescia o "cumaru" (*Dipteryx odorata* (Aubl.) Willd.) com lindas flores róseas e frutificava o "taquari-de-Jaturana" (*Mollia* aff. *lepidota* Benth.). Cipó bem ornamental, cujas inflorescências encarlates lembram muito o nome vulgar que tem, é a "escova-de-macaco" (*Combretum aubletii* DC.), que aparecia comumente não só na margem próxima à boca deste igarapé como também sobre a mata marginal da cachoeira, no Uatumã.

A 26, pela manhã, baixamos para Itapiranga. Na margem do rio, neste trecho de mata alta, comumente víamos sair da copa das árvores, como cortinado, diversos cipós de folhas palmadas e trifolialadas (Bignoniáceas e Cucurbitáceas). Embora não tivéssemos assinalado antes, é comum vermos na terra firme enormes 'angelins' (*Hymenolobium* sp.) com sapopemas, que infelizmente estavam em estado estéril.

A palmeira "jauari" aparecia com mais freqüência apenas acima da boca do Jatapu.

Apesar de não termos visto, pessoas que conhecem o Uatumã, afirmam que é comum aparecerem durante a vazante grandes lençóis verdes de planta (algas?), que se estendem sobre a água desde o Jatapu até a foz no Paraná de Urucará.

Após 7 a 8 horas de viagem, deixamos na margem direita desse rio o caboclo de nome Pedro, que nos serviu de guia nesta viagem. Ele trabalhou conosco impaludado e quando o deixamos em casa já não sentia mais os acessos febris costumeiros, graças aos recursos médicos de que dispúnhamos. Informou-nos ele haver mudado recentemente da margem esquerda para a direita onde já residiam outros de seus parentes, por haver notado que deste lado não apreciavam as indesejáveis saúvas.

No baixo Uatumã, são muito comuns as capoeiras e matas baixas de várzea. Paramos em São Sebastião para deixar nesta Vila o sr. Antônio Freitas, contratado para o nosso serviço.

Como é comum, quando se viaja no interior amazônico, veio a nós um rapaz pedir auxílio médico para uma criança de meses, com grave sintoma de intoxicação alimentar.

Não havia médico nesta Vila, estando localizado o posto de saúde mais próximo em Itacoatiara, a muitas horas daqui de "motor".

Lamentamos profundamente a falta de médico em todo o interior da Amazônia onde não há um clínico sequer na maioria das cidades e vilas mais adiantadas; ele é em alguns casos substituído pelo enfermeiro. Se "o sertanejo é antes de tudo um forte", a sua aparente resistência nas brehas amazônicas deve ser atribuída, sem dúvida, ao resultado da seleção natural pelos mais capazes fisicamente. Só os são natos podem deste modo sobreviver a todas vicissitudes. Se em cidade adiantadas como Manaus, cujos recursos médicos, entre outros fatores, são bem razoáveis, o índice de mortalidade ainda tem sido elevado, especialmente a infantil, não é difícil concluirmos o que não poderá ocorrer em todo o inóspito interior amazônico, onde a falta de saneamento é praticamente total, sem falar no precaríssimo regime alimentar!...

A 27, ao meio dia chegamos a Itapiranga.

Retorna a Manaus o Dr. Raul Antony, que vai assumir interinamente a direção do I.N.P.A.. Fica respondendo pela chefia da Expedição a Prof.<sup>a</sup> Maria do Socorro Florentino. Segue para o rio Caracá, o Dr. Bercigli juntamente com outros auxiliares, onde irá fazer reconhecimentos mineralógicos, devendo juntar-se a nós, outra vez, em Silves.

A tarde do mesmo dia, saímos com destino a Silves. Pernoitamos a meio caminho desta cidade, por estar a noite muito escura. No dia 28, pela manhã, chegamos afinal à histórica e simpática cidade. Ela está localizada na ilha dantes conhecida por Saracá, à margem esquerda do extenso lago de Silves. Nela formou-se o 1.º núcleo europeu no Amazonas, pois em 1663 já havia uma missão da Ordem das Mercês radicada lá. Silves nasceu praticamente em 1664, depois do horrendo massacre feito aos índios pelas tropas

vindas especialmente do Pará para vingar a morte de inúmeros soldados mortos arditosamente pelos indígenas que dominavam a região. Além de pagarem com a vida, centenas de índios das tribos Guanavenas, Caboquenas e Buruburus tiveram cerca de 300 malocas totalmente queimadas e foram aprisionados mais de 700 índios para servir de escravos. Foi, como escreve Anísio Jobim em "Aspectos Socio-Geográficos do Amazonas", "o lugar sagrado onde se travou a 1.ª batalha entre europeus e americanos".

Hoje vamos encontrar ainda alguns daqueles índios só muito acima do Repartimento e assim mesmo apenas na época da desova das tartarugas, quando eles costumam descer a margem do rio.

Há nesta cidade uma única igreja, a de N. S. da Conceição, antiguíssima, dos tempos coloniais.

Permanecemos em Silves até a chegada do Dr. Bercigli, procedente do rio Carará.

Hoje a vegetação em torno de Silves se encontra quase totalmente transformada em capoeira. Nos tempos coloniais, as matas próximas foram inteiramente exploradas, sendo mesmo uma das principais fontes de riqueza da cidade a exploração de pau-cravo" ou "cravo-da-mata" (*Dicypellium caryophyllatum* Nees), laurácea cuja casca, fortemente aromática lembra o cheiro de cravo-da-índia. Esta planta é hoje tão rara na Amazônia como diversas outras, razão pela qual se recomendaria o seu cultivo.

Há nesta ilha algumas plantações antigas de seringueira (*Hevea brasiliensis* M. Arg.).

A cuieira (*Crescentia cujete* L.) é também aqui muito cultivada por causa das diversas aplicações domésticas das cuias feitas da casca desses frutos.

Percorremos alguns tractos de várzea baixa ou praia inundável da ilha, coletando amostras para herbário, dentre as quais destacamos pela sua importância: "orelha-de-burro" ou "aranani" (*Crudia amazônica* Spr. ex Bth.), cuja casca da madeira é tida como vermífuga; "itaubarana"; "piranheira"; "marimari" da várzea; "ucuribarana" (*Couepia paraensis* Benth. subsp. *paraensis*); "apurú" (*Duroia duckel* Hub.) cujas inflorescências têm pouco mais de 3(3-5), flôres alvas pediceladas e as sementes são dispostas horizontalmente nos frutos comestíveis; "mairá" (*Humirianthera ampla* (Miers) Baechni), cipó arbustivo de cujo tubérculo enorme se faz fari-

rinha; "murici-do-igapó" (*Byrsonima chrysophylla* H.B.K.), "papa-terra-do-igapó" ou "sardinheira" (*Erythroxylum* sp.); "ata-do-igapó" (*Unonopsis guatterioides* (A.DC.) Fries), e "geniparana".

Na tarde do mesmo dia, empreendemos rápida excursão pelo rio Itabani, afluente da margem direita do Urubu. Chegamos até o local chamado Casaquêra onde havia mata atrás de um capoeirão denso, arbustivo, logo em seguida à várzea baixa. Raríssimas eram as plantas que floresciam, conforme tivemos ensejo de observar também em toda esta nossa excursão.

Embora predominasse o início da frutificação nesta época de fins da estação seca (verão), não só na vegetação de várzea como na terra firme, nem sempre isso ocorria na quase totalidade dos espécimes arbóreos do interior da mata, visto que a maioria não floresce e frutifica tão comumente como na vegetação marginal de rios, lagos e campos.

Florescia abundantemente nos igapós a "macacarecua" (*Eschweillera tenuifolia* (Berg.) Miers), árvore mediana que no médio Urubu é encontrada muito freqüentemente também florescendo. A "Periquiteira" (*Buchenavia oxycarpa* Eichl.), árvore mediana típica das várzeas baixas e igapós, aqui também florescia. No capoeirão, encontramos apenas frutificando a melastomatácea arbórea mediana "*Miconia chrysophylla* (Rich.) Urb.) e a meliácea arbustiva *Guarea pubescens* (Kurtst.) A. Juss. subsp. *pubescens*) Voltamos para Silves debaixo de forte chuva.

O Setor de Geomorfologia, trabalhando na margem esquerda do lago, abaixo de Silves, encontrou casualmente um antigo cemitério de índios com diversas igaçabas de barro enterradas, de tamanhos diferentes, em cujo interior restavam ainda pequenos fragmentos de osso humano, misturados com cinza e tabatinga. Todas essas igaçabas ou urnas ossuárias eram pintadas de branco e sobre esta pintura destacavam-se arabescos pretos e vermelhos, que em algumas de nossas urnas ainda percebemos ligeiramente, quando o tempo e umidade não consumiram de todo. Estes desenhos assemelhavam-se muitíssimo às caprichosas pinturas marajoaras.

Além da pintura, as igaçabas tinham muitas vezes esculpido em relevo, figuras humanas assentadas de cócoras ou com as pernas encolhidas. Representavam ou o sexo mas-

culino ou o feminino. As tampas caracterizavam a cabeça do morto, sendo constituída muitas vezes de olhos, nariz e boca e encimada por uma acangatara que, com as orelhas, geralmente com pequenos furos, formava uma só peça.

A urna representava o corpo humano onde procuravam caracterizar em relevo todos os órgãos, não só os braços e pernas, como também os mamilos do peito, os órgãos sexuais, e o umbigo côncavo.

Todas essas urnas antropomorfas tinham o fundo externo pintado com tinta vermelha.

Como escreve Barbosa Rodrigues em "Vóllosia" — "São as urnas brasileiras mais notáveis e que mais progresso e gosto artístico mostram na arte cerâmica".

Podemos afirmar com quase toda segurança que este cemitério de Silves data de período anterior ao grande massacre feito por tropas portuguesas em 1664 aos índios que habitavam a região naquela época, em virtude de os pouco que restaram se haverem evadido para o alto curso do rio.

29 — XI — Parti pela manhã com destino a Itacoatiara a fim de pôr a bordo uma auxiliar que precisava voltar para Manaus.

Após tudo resolvido, regressei imediatamente na manhã seguinte, chegando a Silves às 15 horas.

I — XII — Após a chegada de Bercigli, deixamos cedo esta cidade, seguindo pelo lago de Silves ou Saracá, cuja largura aqui é imensurável, afora a sua beleza natural indescritível. Há diversos moradores esparsos nas margens. Apareciam comumente em bandos nas suas águas os curiosos "mergulhões", cujo vôo é geralmente baixo, rente à água, e, quando mergulham, conseguem nadar debaixo d'água durante algum tempo.

Depois de mais ou menos 2 horas de viagem, entramos no paraná do Urubu. A vegetação da várzea, especialmente a da margem direita, era caracterizada por grandes formações de "imbaúba-branca" de folhas alvas no dorso (*Cecropia* sp.) cuja presença assinalava claramente a influência das águas brancas do Amazonas, que durante a cheia anual se comunica com o Urubu através de 4 furos, sendo o mais conhecido, o do Arauató.

Abundavam, então, em todo trecho do baixo Urubu, periodicamente atingido pelas águas barrentas, além das referidas imbaúbas, a "sumaumeira" (*Ceiba pentandra* (L.) Gaertn.), a "munguba" (*Pseudobombax munguba* (Mart. e

Zucc.) Dugani) e o "tachizeiro" (*Triplaris surinamensis* ... Cham.), que pelos seus portes avantajados destacavam-se da mata de várzea em toda mata alta, inundável deste trecho do rio até o Anibá. As árvores mais comuns de água preta que pudemos observar foram: "tachi" (*Tachigalia paniculata*) em número muito menor de indivíduos que no Uatumã: "acapurana"; "arapari"; "catanari"; e "tarumã" (*Vitex* ep.).

Entramos no rio Anibá, afluente da margem esquerda do Urubu, cuja água é igualmente preta comq este. Pernoitamos na Roça de "Vista Alegre" para contratar pessoal para a subida do Urubu e fazer algumas excursões pelo Anibá na manhã seguinte.

A Roça "Vista Alegre" está situada num barranco argiloso elevado e íngreme, na margem esquerda logo acima da boca do Anibá. O rio neste trecho é bastante largo, sendo mesmo muito mais largo que o Urubu.

Havia um capoeirão denso logo atrás da residência do proprietário da Roça, o Sr. João Martins do Rego, mais conhecido pela alcunha de "Fala-Forte". Margeava este capoeirão abundantemente a '*Stryphonodendron guianense* ... (Aubl. Bth.), árvore mediana, que estava começando a florescer com abundantes espigas amarelas. Dentro do capoeirão florescia também o "araçá-da-mata" (*Myrcia bracteata* DC.) de porte mediano e o ornamental "marimari-da-mata" (*Cassia Fastuosa* Willd.), cujas inúmeras inflorescências amarelas, pendentes davam lindo aspecto à árvore.

2 — XII — Pela manhã subimos o Anibá, entrando primeiramente à margem esquerda num pequeno igarapé chamado Curaçau, cujas margens formavam lindo igapó representado por árvores esparsas de porte mediano, entre as quais pudemos reconhecer pela frequência as seguintes espécies: "macacarecuia" ou "castanheirana"; "itaubarana"; "tenteiro"; periquiteira"; "capitari" (*Tabebuia barbata* (E. duas pequenas árvores que ocorriam abundantemente na Mey) Sandw.); "arapari"; "murici-do-igarapé" (*Byrsonima* ... sp.), "taperibazeiro" (*Spondias lutea* L.); "tucuribá" (*Couplia paraensis* Bonth.); "caraipé (*Licania* cf. *apetala* (Mey Fritsch); "apuruf" (*Duroia genipoides* Hook f. ex Schum.); e "jasmim-do-igarapé" (*Himatanthus attenuatus* Woods.).

Na várzea humo-argilosa, baixa e úmida conseguimos encontrar florescendo o "jasmim-do-igarapé" e o "caraipé",

cuja cinza da casca desta última árvore misturada com argila é empregada na cerâmica de vasos para torná-los mais porosos e não racharem ao serem cozidos no forno; frutificando, vimos o "tucuribá" (*Couepia paraensis* Benth.) e "purú" (*Duroia genipoides* Hook. f. ex K. Schum.).

Entramos ligeiramente na mata de terra firme ou talvez de várzea alta, devido ao desnível quase imperceptível do terreno. A vegetação era mais compacta e as árvores altas denotavam alguma influência das cheias, sendo mesmo algumas características de várzea.

O solo era úmido inicialmente. Sobre este solo encontramos pequeninas balanofóreas conhecidas por "urupés" (*Helosis gulanensis* L.C. Rich.), cujos pedúnculos as cotias costumam comer. Frutificava a "castanha-sapucaia" (*Lecythis zabucaia* Aublet), cujas sementes são muito apreciadas pela percentagem de óleo comestível que contém. Frutificava abundantemente o "macururu" ou "jutai-pororoca" ... (*Dialium gulanense* (Aubl.) Sandw.), árvore cujas sementes são envolvidas por tênue polpa agri-doce, comestível.

Continuamos subindo o Anibá durante quase uma hora. A margem era toda ela baixa, predominando a vegetação de várzea e igapó, que em alguns trechos formava verdadeiros chavascals representados por palmeiras aculeadas, "ingarana" (*Pithecellobium* sp.), "caraipés", "rabo-de-arara", etc.

Fato interessante observado era da formação de raízes adventícias abundantemente espalhadas no caule destas pequenas árvores marginais atingidas pelas cheias anuais do rio. Estas raízes formavam-se às vezes a mais de 3 metros acima do nível atual do rio, mostrando o nível máximo das cheias anuais do rio.

Voltamos para a Roça "Vista Alegre", onde estava atracada a nossa embarcação. Esta pequena roça, como a maioria das outras desta Região cultivava principalmente a "juta", na várzea. Grande parte dos pequenos agricultores deixou de vez a lavoura para viver única e exclusivamente da extração da fibra de "juta", porquanto a plantação que é feita durante a vazante do rio, exige cuidados mínimos e confere lucros altamente compensadores anualmente aos juteiros (como é chamado o explorador de juta).

Embora a maioria dos juteiros receba pequeno auxílio financeiro do Banco de Crédito da Amazônia, comunem-

te eles trabalham inicialmente para um "patrão", que lhes facilita a aquisição de tudo que precisarem, desde o alimento até a ferramenta, durante a plantação, cobrando porém preços extorsivos no ato do pagamento, que geralmente é feito após a colheita. Isto ocorre até que eles possam libertar-se economicamente.

O Sr. Fala-Forte embora esteja vivendo principalmente da exploração de juta, ainda tem pequena plantação de "mandioca" (*Manihot utilissima* Pohl.), de cujo tubérculo se prepara a apreciadíssima farinha-de mandioca (farinhas — d'água e seca) e o beiju. Cultivava além disso em suas terras presentemente a "seringueira" (*Hevea brasiliensis* ... Muell. Arg.) e a castanha-verdadeira, cujo crescimento está-se processando normalmente.

O Sr. Fala-Forte havia iniciado a plantação de banana, tendo desistido por perceber que as bananeiras, após atingir certo crescimento, começavam a fenecer. Restavam ainda alguns pés doentios, que nos indicavam o mesmo mal observado pelo nosso colega, Dr. Rubem Vale, em algumas plantações de Manaus, cujas bananeiras estavam sendo atacadas pelo fundo *Fusarium* sp. .

Não é fácil contratar pessoas em toda esta região para o nosso serviço, mesmo oferecendo gratificação compensadora, visto estarem todos atualmente espalhados na plantação de juta, aproveitando a vazante.

Não foi com facilidade que o dono da Roça "Vista Alegre" acedeu ao nosso insistente pedido de colaborar conosco, visto que nosso trabalho no Urubu não levaria mais de 15 dias.

Seguiram conosco o Sr. Fala Forte, os dois filhos e um genro, prático da cachoeira e guia. Todos eles prestaram aos vários setores desta expedição ótima colaboração, por conhecerem bem a região.

As 17 horas deixamos o Anibá, prosseguindo nossa viagem com destino ao alto Urubu. Após umas 2 ou 3 horas de viagem, já à noite, passamos por certo local situado à margem esquerda do Urubu, onde havia diversos matacões com figuras fortemente gravadas nas rochas representando apenas o rosto humano. Só são visíveis durante o vazante do rio. As mesmas petrogravuras são encontradas em Ita-coatiara também.

3 — XII — Às 2,30 horas, passamos pelo Furo do

Arauaté. Acima deste furo chama-nos a atenção a frequência no igapó da "piriquiteira" (*Buchenavia exycarpa* Sichel.) e macacarecuia, cujo florescimento desta última era muitíssimo abundante.

O "jasmim-do-igapó (*Himatanthus attenuatus* (Bth.) Woods.), destacava-se comumente na margem alagável do rio pelas suas flores alvas. Conforme já havia observado o Dr. Ducke, esta era a única espécie juntamente com a leguminosa (*Clathrotropis nitida* (Bth.) Harms.), que só seriam encontradas até a cachoeira Lindóia.

A tarde, após viajarmos umas 2 horas acima da praia dos Cachorros, nossa embarcação quase encalhou num baixio arenoso onde o rio se alargava e formava igapó nas duas margens. Foi necessário desgarrar a alvarenga, que seguia amarrada ao lado do "motor", e fazer cada embarcação atravessar separadamente o baixio. A alvarenga foi puxada por 2 canoas com motor-de-popa. Por pouco não houve grande acidente ocasionado pela partida de um dos cabos que puxavam a alvarenga. Esta, quando o cabo se partiu, foi projetar-se violentamente contra a margem do rio, penetrando o igapó. Felizmente nada sofreu a embarcação.

Conseguimos pescar em apenas poucos minutos 15 temíveis e ao tempo saborosas "piranhas-brancas", utilizando simplesmente como isca, pequenos pedaços de jabá ou carne-seca, tendo mesmo algumas sido pegadas sem isca, servindo-se apenas de anzol enfeitado com pequena pena vermelha. Desconhecendo o perigo que ocorriam, haviam caído água alguns dos nossos auxiliares com o fito de ajudar a desencastrar a embarcação. Felizmente nada aconteceu, tendo mesmo 2 tripulantes do motor entrado água posteriormente, a fim de procurar os óculos do maquinista que haviam caído.

Resolvemos passar a noite logo acima do baixio, porque o rio daqui por diante se tornaria perigoso para a navegação.

4 — XII — Prosseguimos viagem normal pelo rio.

Próximo à margem do rio, em terreno alagável, notamos comumente a ocorrência da "maparajuba" (provavelmente *Manilkara amazônica* (Hubre) A. Chav.) e do "molongó" arbóreo (talvez *Ambelania macropylla* M. Arg. assinalada pelo Dr. Ducke na margem rochosa da cachoeira de Lindóia). Ambas as espécies estavam estéreis na ocasião.

Fizemos rápida excursão ao igarapé da Cachoeira, braço esquerdo do Urubu, trazendo de lá amostras frutíferas de mata de várzea próxima à cachoeira: "paruru" (*Humirias-trum cuspidatum*) (Bth.) Cuatr.) e *Blasstemanthus gemmiflorus* (Mart. et Zucc.) Planch. .

Na margem baixa do rio alguns galhos baixos da "piquiarana" (*Caryocar microcarpum* Ducke), que nesta época já começava a frutificar, esfregavam as folhas na água, provocando espumas abundantes no rio, em virtude de conter saponina nas folhas e frutos.

A "lontra-ariranha", comum nos rios da Amazônia, muito estimada por sua pele bruna e sedosa, de alto valor comercial, era muito comum nos baixo da cachoeira, vivendo geralmente na terra firme, só descendo ao rio ou igapó quando vai à procura de peixe com que comumente se alimenta.

Na margem da cachoeira colhemos amostras do interessante locitidácea *Allantoma lineata* (Berg.) Miers.

Na praia arenosa, à margem esquerda, onde ficou estacionada nossa embarcação, encontramos florescendo e frutificando diversos "taquaris" escandentes (*Mabea* sp.) da afinidade de *M. augustifolia* Benth., que assomava muitas vezes à copa das árvores da mata. No mesmo local abundava a rubiácea *Psychotria rosea* (Bth.) M. Arg.

Na margem do igarapé, dentro da mata, estava frutificando uma anonácea alta e ereta conhecida pelos frutos como "pé-de-gata" (*Duguetia uniflora* (Dun.) Mart. ).

Na mata à margem direita do rio havia alguns pés de "pau-rosa" (*Aniba rosaedora* Ducke), em estado estéril. Esta espécie é de grande valor econômico, pois da madeira destila-se o conhecido óleo ou essência do pau-rosa (linalol) utilizado nas perfumarias como fixador. É uma árvore que vem sofrendo exploração desenfreada na Amazônia, tendendo a tornar-se raríssima na mata, como está acontecendo com a balata e outras essências florestais de importância econômica, caso o governo não procure estudar um meio de controlar suas derrubadas ou estimular sua exploração racional.

5 — XII — Após atravessarmos a cachoeira, prosseguimos viagem com 2 canoas com motor-de-popa. Seguem além do nosso setor os da Geomorfologia, Mineralogia e o fotógrafo.

O rio logo acima da cachoeira tem forte correnteza, obrigando-nos muitas vezes a remar juntamente com o motor-de-popa de 7,5 H.P., funcionando a toda força.

Logo de início notamos a mudança quase radical da mais representadas à jusante da cachoeira.

A vegetação que até então era monótona, pela constância quase geral de igapós e várzeas baixas, torna logo acima da cachoeira aspecto luxuriante.

As plantas que pudemos distinguir imediatamente por suas freqüências nas margens do rio e que estavam florescendo ou frutificando eram: "jasmim-do-igapó" ou "sucuba" (*Himatanthus attenuatus* Woods., "palmeira-caranã" (*Mauritia aculeata* H.B.K.) em touceira, formando a primeira linha de vegetação, *Macrobium angustifolium* (Bth.) Cowan, arbusto na margem alagada, "molongó" (*Malouetia furfuracea* Spr.), *Dimorphandra urubuensis* Ducke, árvore alta ou mediana tão comum como a palmeira-caranã, presentemente frutificando abundantemente; "arara-tucupi" de Manaus, ou "piradabi" do rio Negro (*Parkia discolor* Spr. ex Bth.) com lindas capítulos vermelho-escuros aparecia também um pouco não muito abaixo da cachoeira; "piquiá-rana" já descrito, muito mais abundante acima da cachoeira; "riteira" (*Burdachia sphaero carpa* Mart.); *Wallacea insignia* Bth. et Hook.; *Toeoca subciliata* (DC.) Triana, pequeno arbusto de flores róseas, comum na margem profundamente alagada, à sombra da copa das árvores marginais, tendo sido encontrado tanto abaixo como acima da cachoeira; *Jacqueshuberia purpurea* Ducke, arbusto de folhas verde-escuras e flores rubras, freqüentes em certo trecho do rio na margem esquerda, no meio da vegetação baixa; "sucurijuzinho" (*Piavegetação*, aparecendo diversas espécies não observadas ou *theceolobium lindseifolium* Bth.), semiescandente em reboladas na margem alagada; "murici" (*Byrsonima* sp.), árvore mediana, abundantemente florida; e "araparirana" (*Macrobium multijugum* (DC.) Bth.).

Na terra firme, próximo à margem, era comum vermos a elegante "curumim-uba" (*Xylopia spruceana* Bth.); *Sohnreyia excelsa* Krause, árvore alta, facilmente distinguível pelo seu aspecto de palmeira, que só floresce e frutifica uma única vez na vida; e a "seringueira-chicote" (*Hevea* ... *benthamiana* M. Artg.), fornecedora de boa borracha, porém inferior à verdadeira *H. brasiliensis* M. Arg. .

Durante nossa primeira hora de viagem, a margem era

em alguns trechos impressionante alta e densamente coberta de vegetação, formando extensa galeria.

O rio tornava-se mais estreito e meandros apertados tornavam-se freqüentes.

Após poucas horas de viagem, não era raro vermos lindas praias com depósitos altos de areia branca. Ao invés dos comuníssimos igapós à jusante da cachoeira, as terras firmes agora eram mais comuns, chegando muitas vezes até a margem do rio.

Jacarétingas comumente apereciam repousando preguiçosamente nas margens arenosas à espreita de qualquer caça; esses sáurios são muito vorazes, tendo sido encontrados por nós, para surpresa nossa, neste rio deserto, pedras e cacos de vidro no estômago de um deles. São comestíveis e sua carne lembra a do pirarucu.

Os jabotis cujo "habitat" é a mata da terra firme, encontramo-los freqüentemente nos barrancos arenosos à margem do rio.

Não era raro cruzarem à nossa frente lindas garças reais e saborosíssimos patos do mato.

Havíamos parado no primeiro pouso à margem direita do rio situado a 2 horas acima da cachoeira de Lindóia, junto a um igarapé, a fim de almoçar. Empreendemos rápida excursão na mata, encontrando todas as árvores estéreis. A entrada na mata era um tanto difícil devido ao emaranhado de cidós "tiriricas" (*Scleria* sp.) de folhas cortantes, e "taboca". Na margem do igapó frutificava a mesma anonácoa "pé-de-gata" encontrada na mata próxima à cachoeira.

Após mais 3 horas de viagem paramos em ótimo local para repouso, chamado Taberna, onde pernoitamos. Este local estava situado na parte convexa do rio, logo abaixo de tensa, formando monte de areia branca de uns 3 metros de altura.

Neste local frutificavam algumas palmeiras "tucumãs" (*Astrocaryus acaule* Mart.) em terras arenosas. Suas longas folhas dão fibras têxtis. Os frutos são comestíveis.

Floresciam também na submata marginal do rio diversos espécimes subarbutíveis de *Chelonanthus* sp.. O "ananás-bravo" (*Ananas ananssoides*) encontrado aqui também na submata da parte baixa da praia, ora abundante em toda margem arenosa, onde ocorria semelhante formação vegetal.

Foi encontrado neste pouso pelo Dr. Bercigli quartzo

aurífero sobre o solo.

6 — XII — Viajamos o dia todo, só parando o estritamente necessário para almoçar, fazer alguma observação importante e coletar amostras para herbário.

Poucas eram as epifitas que pudemos observar. Na copa das árvores altas era comum vermos lindas epifitas chamadas "rabo-de-arara" (*Norantea guianensis* Aubl.) em número de indivíduos muito maior que no Uatumã.

Além de certa bromeliácea epifítica, *Aechmea mertensii* (Meyer) Schult.), comum nos arbustos da submata, floresciam abundantemente no tronco de diversas árvores marginais lindas orquídeas de flores alvas ou violeta-pálidas e labelo amarelo no centro (*Cattleya violacea* Rolf.). Abundava também uma outra orquídea de folhas filiformes, parecida com *Scuticaria stoolii* Lindl. existente em Manaus; infelizmente estava em estado estéril.

No alto dos troncos de algumas árvores decrepitas ou mesmo mortas, crescia o "apuí" (*Clusia grandiflora* ... Splitg.), árvore opitífica com raízes ao longo do tronco-suportes ou mais ou menos pendentes, descendo para o solo.

Nos galhos de algumas árvores baixas de várzea com copa rala era comum encontrarmos uma gesneriácea mirrecófila e opitífica de folhas avermelhadas ao reflexo do sol (*Codonanthe aff. gracilis* Hanst.).

Praias arenosas com vegetação baixa, tipo catinga, eram comuns na margem do rio. Espécies vegetais mais características dessa formação sobre a qual Ducke se refere em seu trabalho sobre a flora deste rio, estabelecendo analogia com a da margem do Curicuriari (afluente do alto Rio Negro) são: *Dimorphandra urubuensis* Ducke, *Jacqueshuberia purpurea* Ducke, *Himatanthus attenuatus* Woods. e *Mouriri dumentosa* Cgn. (encontrada em estado estéril).

Pernoitamos no local chamado "Taboleta", à margem direita do Urubu, entre os igarapés do Goso e Água Fria. Bem próximo corre o igarapé da Água Suja, nome este recém-criado por conter sua água amarelada caolim em dissolução, que recebe de uma camada situada a uns 200 metros acima de sua foz.

Neste bivaque deu-se um fenômeno interessante, pela primeira vez observado por nós nesta viagem. Durante certa hora da noite é costume haver densa cerração em todo trecho do rio, devido ao excesso de umidade atmosférica. Nesta época do ano chove muito, de forma que po-

demos dormir tranqüilamente ao ar livre. De madrugada, porém, fomos surpreendidos por grossos pingos d'água, que nos primeiros momentos assustaram a todos que dormíamos em redes, fazendo-nos crer que se tratava de chuva iminente. Felizmente, logo em seguida este susto foi desfeito ao percebermos que tal fenômeno não passava de condensação de umidade na copa das árvores, pingando sobre nós como gotas de chuva.

7 — XII — Chegamos cedo à cachoeira de Iracema. As margens próximas eram altas, principalmente na margem direita, onde havia uma acentuada elevação com mata não muito alta. Já a uns 300 metros da cachoeira o leito do rio era bastante pedregoso e apresentava forte correnteza. Não foi sem dificuldade que nos aproximamos dela.

Temos que salientar aqui o valor dos práticos de cachoeira numa ocasião destas, cuja perícia e destemor são indispensáveis para enfrentar o perigo, jogando principalmente com a vida valiosa de inúmeras pessoas.

Cheguei bastante doente, com forte dor de cabeça e febril em consequência talvez de intoxicação alimentar com feijoada em conserva ou jabá.

Só melhorei 2 dias depois, após tomar cloromicetina.

Por sorte, após chegarmos a Iracema, conseguimos abater num mesmo dia 3 porcos caititus, 1 veado-roxo ou igarapu e 1 jacamim, permitindo-nos assim melhorar nossa provisão com carne fresca.

A caça não só neste rio como também no Uatumã, conforme tivemos oportunidade de observar, é bem escassa, principalmente durante este período de seca, quando raramente frutifica uma árvore na mata, obrigando-nos a regime alimentar quase constante com carne seca e conserva.

Nosso fotógrafo, o Sr. Lourival Salgado, também chegou com o mesmo mal, embora menos acentuado, que perdurou até minha melhora. Quando preparavam o barco para o meu retorno para a cachoeira de Lindóia, onde encontraria melhor assistência médica, caiu o Dr. Bercigli com forte febre, voltando este imediatamente em meu lugar para a referida cachoeira, pois minha melhora repentina felizmente não carecia mais de assistência médica urgente e sim repouso, tendo eu resolvido permanecer no local até a volta do grupo de Geomorfologia, que subiria o rio, no dia 9, até acima do Repartimento. Lamento profundamente não ter podido acompanhá-los, pois a flora daquela região,

sem dúvida, merecia ser estudada, visto que a constituição geológica, principalmente no trecho compreendido entre os dois braços do rio Urubu no Repartimento é bem diferente, conforme assinala Odorico de Albuquerque em seu trabalho sobre a geologia deste rio, apresentando uma faixa de formação metamórfica bem marcante.

Nosso acampamento foi situado numa pequena ilha à margem direita do rio, a uns 100 metros da cachoeira, onde iríamos permanecer até a volta do grupo que havia prosseguido viagem. Ficaram comigo três auxiliares de Geomorfologia e um guia contratado para esta viagem.

Esta ilha está separada da margem direita por um canal côncavo por onde passa a correnteza com maior intensidade, seguindo a força centrífuga das águas, haja vista que o rio logo acima da cachoeira forma meandro com curvatura bem pronunciada para a direita.

Perfurações feitas na parte alta e baixa desta ilha indicaram profunda camada de areia muito fina, cuja deposição deve vir-se processando continuamente após cada enchente. A parte mais baixa da ilha (praia), onde a acumulação de areia vem-se dando mais ativamente, fica ao lado oposto do canal, parte baixa aquela onde passa a água do rio com maior força trazendo material em suspensão resultante da erosão lateral processada mais acima.

Tanto o leito do rio como o canal são pedregosos.

A ilha apresenta inclinação em direção ao rio principal, sendo que a parte mais alta é mais antiga e faz fundo com o canal.

O mesmo fenômeno físico deve ter ocorrido nos inúmeros montes de areia observados principalmente na margem esquerda deste rio. Os meandros com curvatura muito pronunciada para a margem esquerda são comuníssimos geralmente acima da cachoeira de Lindóia. Enquanto a erosão se dá ativamente na margem côncava do rio, principalmente durante a enchente do rio, quando a correnteza é maior, a deposição de areia se processa mais comumente na margem oposta (convexa), logo abaixo do meandro, onde a correnteza geralmente é bem menor. Este fenômeno foi muito bem observado no local chamado Taberna, já referido.

Voltando à ilha de Iracema, a praia baixa é toda revestida de vegetação pioneira, psamófila, rasteira e fixadora de areia acumulada. Esta vegetação forma uma zona

predominantemente constituída de uma erva anual, aquática (*Tonina fluvialis* Aubl.), que reveste toda a extensão da praia até a margem do rio, estando apenas viçosa na parte que ela entra em contato com a água. Essa associação com esta areia úmida ocorria a *Paepalanthus* sp. e *Utricularia* sp., plantas higrófilas em número muito menor de indivíduos e ambas de 15 cm. mais ou menos de altura. No lado superior da ilha, abaixo de uma pequena enseada com água sem movimento aparente, que corta perpendicularmente a ilha, seguia à vegetação herbácea uma outra, arbustiva, rala com solo revestido de um tapete macio de líquens verde-claros. Entre os poucos arbustos férteis destacavam-se a ucuuba (*Virola elongata* (Bth.) Warb.), e uma euforbiácea semi-escandante, cespitosa com pequeninas flores sóssois, esverdeadas.

No lado inferior da ilha, talvez por ser mais modificado pela mão do homem, visto ser o ponto de descanso dos poucos viajantes que sobem ou descem o rio, não ocorria transição da vegetação arbustiva, passando da herbácea para arbórea, cuja primeira linha era representada por uma touceira de "caranãs" (*Muritia aculeata* H.B.K.); algumas pequenas árvores de "saboarana" (*Swartzia laevicarpa* ... Amch.), "arapari", "pacovinha" (*Xylopia Benthamii* R.E. Frios) e *Wallacea insignis* Bth., esta tida como ictiotóxica. Todas estas árvores geralmente eram baixas e começavam a frutificar presentemente. A pequena mata na ilha era rala, de altura mediana e troncos de pouca espessura; as árvores estavam estéreis, com exceção de uma "pacovinha", já referida, bem mais desenvolvida que aquela, estando próxima à margem alta do igarapé de forte correnteza, e uma "*Couepia* sp., de pouca altura, que também frutificava. A única epítifa observada na ilha e somente aí eram alguns espécimes de *Polypodium megalophyllum* ... Desv., unifoliar, simples, comum nos troncos baixos das árvores.

Quanto aos cipós, só havia o utilíssimo "cipó-d'água" (*Dellocarpus* sp.) que, quando cortado, dá ótima água potável; estava em estado estéril.

Percorremos a mata atrás da ilha. Vegetação densa, alta, cujas árvores estavam todas estéreis. Encontramos diversas árvores de breu (*Protium aracouchinii* (Aubl.) March.), cuja resina branca tem boa cotação no comércio,

sendo especialmente usada para calafeto de embarcação.

O solo nesta mata era silicoso com humus negro muito ácido, portanto inadequado para lavoura. Este tipo de solo, muito ácido, era muito comum onde havia terra firme. Tal tipo de solo já havia verificado o Dr. Ducke, citando principalmente as seguintes árvores como padrões máximos de solo impróprio para a agricultura neste rio: *Dimorphandra urubuensis*, "marupá" (*Simaruba opaca* . . . Engl.), "piquiá-rana", *Hortia longifolia* Spr., *Sohnreyia excelsa* Krause e *Qualea retusa* Spr. ex Warm.

12 — XII — Chegou à tarde o grupo de Geomorfologia, que havia subido o rio até muito acima do Repartimento, entrando pelo lado esquerdo, que é tido como o verdadeiro Urubu.

13 — XII — Levantamos bem cedo acampamento da cachoeira de Iracema com destino novamente à de Lindóia, onde chegamos às 18 horas. Pernoitamos ali.

14 — XII — Prosseguimos viagem até atingirmos a praia dos Cachorros, onde nos aguardava o "motor" Ozires, que havia descido até aí. Levamos 3,30 horas de descida até o citado ponto, à margem esquerda.

A mata da várzea era bastante densa, estando situada logo em seguida à praia. Encontramos frutificando na praia arenosa a mesma "saboarana" encontrada na cachoeira Iracema. Todas estas saboaranas, que pudemos observar, eram baixas e de tronco geralmente brocado no cerne castanho escuro. A casca era fina e a madeira, alvo-amarela, dura e com veios da mesma cor do cerne. Encontramos junto desta árvore um arbusto de uns 4 metros, com flores intensamente amarelas, aromáticas (*Mouriro brevipes* Hook.).

Nas proximidades desta praia, existe uma campina arenosa grande, com vegetação muito baixa, que infelizmente não pudemos percorrer em virtude de só termos tido notícia posteriormente.

Foram pescados aqui, com arpão, lindos peixes tucunarés, de aproximadamente 70 cm. de comprimento. Sua carne é muito estimada.

Com referência aos animais mais comuns encontrados e abatidos neste rio pelos Srs. Mozarth e Olmiro do grupo de Zoologia, especialmente entre a cachoeira de Lindóia e a praia do Cachorro, foram:

"Anta" (*Tapirus americanus* Briss) na margem do rio e pesando aproximadamente 170 quilos; "onça-suçuarana ou onça-vermelha" (*Felis concolor* L.) comendo uma guariba (*Mycetes* sp.), macaco este tido como um dos mais espertos da mata; "lontra" (*Lutra* sp.); jacarétinga; uma família isolada de "macaco-cuxiú" (*Sciurum* sp.), porcos esquilos roedores habitantes frequentes da mata de terra firme; e "cutia" (*Desiprocta* sp.). Na mata alta, próxima à boca do rio Anibá, era comum a "cutiara" ou "cutiaia" (*Dasoprocta acouchy* Erx.).

Aves: "mutuns-pinimas" (*Crax fasciolata* Sprix), frequentes; "maguaris" (*Ardea cocoi* L.) andavam geralmente sós e alimentavam-se de peixes; "jacamim-da-costa-cinzenta" (*Psophia crepitans* L.) comum na margem do rio; "corócoró" (*Phimosos infuscatus* (Licht.)), comum nas várzeas; "garça-real"; "arara-canindé"; "arara-vermelha" (*Ara thlooptera* (Gray.)); "aracuãs" (*Ortalis araucucuan* (prix)), ... constantemente nas capoeiras, onde se alimentam de pequenas frutas; e "pavão-do-Pará" ou "pavão-da-mata" (*Eurypiga holias* (Pail.)), espécie rara neste rio, só tendo sido encontrado num igapó próximo a um igarapé na cachoeira de Lindóia.

Os peixes mais comuns pescados foram: "piranha branca"; "tucunaré"; "pacu"; "peixe-agulha" e "peixe-cachorro". Deixamos a praia dos Cachorros duas horas após havermos chegado.

15 — XII — Paramos na Roça Vista Alegre, situada à margem esquerda, já no baixo Urubu, próximo ao Anibá. As terras neste trecho constituíam barrancos altos e argilosos. Pertence à Série de Barreiras, plioceno Terciário como todo o baixo Urubu e baixo Uatumã. Predominava a capoeira. Restava ainda uma antiga plantação de cacau juntamente com seringueira mansa, cuja exploração era muito intensa nessa região, faz muitos anos atrás. Encontramos florescendo junto deste cacau uma interessante "acariquara-branca" (*Campomanesia* sp.) da família das Mirtáceas. O tronco apresentava escavações irregulares como das verdadeiras acariquaras. Só conhecíamos com este nome algumas espécies de outras duas famílias diferentes: a Olacácea (*Minguartia gulanensis* Aubl.) e a Leguminosa (*Cenostigma tocontinum* Ducke, cujas madeiras são apreciadíssimas para postes e cercas, por serem imputrescíveis).

Segundo informações que colhemos de alguns nativos deste vale, as madeiras conhecidas aqui são: acariquara, castanha, copaíba-branca, coraci, envira-surucucu, envira-turi, guaríúba, e jarana; louros aritu, chumbo e itaúba; miraúba, morrão, pau-rosa e saboarana-verdadeira.

Árvores lactescentes: amapá, balata-rosada, garrote, guaríúba, jipi, maparajuba, massaranduba e seringa.

Oleaginosas: Marimari, jacaré e copaíba-branca (fraca).

Pernoitamos na boca do rio Anibá.

16 — XII — Chegamos a Silves, seguindo a margem direita do maravilhoso lago de Silves, visto que nos haviam informado ser este caminho mais curto do que pelo paraná do Urubu.

Dávamos por concluído aqui nosso trabalho nesta região.

Embora Ducke citasse outras plantas mais, como frequentes na mata do médio Urubu, não pudemos reconhecê-las em virtude, possivelmente, de não estarem na época de floração ou então, mais provavelmente, estarem começando a frutificar, passando portanto despercebido por nós. Não vimos Vosquiácea alguma em flor especialmente a nova espécie de Ducke, *Vochysia urubuensis*, como também a leguminosa *Ulcanthus erythrynoideus* Harms, cuja área geográfica de dispersão desta se limitava anteriormente às cachoeiras dos rios Tapajós e Marmelos, muito ao sul do rio Amazonas.

Chegamos a Manaus no dia 18, muitíssimos satisfeitos do êxito de nossa missão, apesar de não ser esta época de fim de verão das mais recomendáveis para grandes coletas botânicas, visto que a maioria das plantas estava em estado estéril ou começava a frutificar.

Conforme se pode depreender deste relatório, nossa viagem teve por objetivo apenas o reconhecimento de algumas áreas para pesquisa botânica posterior. Devido à extensa área a percorrer em curto prazo de tempo, limitamo-nos mais a observar e coletar espécimes da vegetação marginal dos rios, fazendo no entanto ligeiras incursões na mata, sempre que possível mais para observação que coleta, visando a colher dados para planejamento de uma outra que tivermos de empreender à mesma região com fins definidos.

Particularmente deveríamos estudar a flora que fica

acima da Cachoeira de Lindóia, não só porque ocorrem aí, geralmente inúmeras terras altas inteiramente desabitadas como também, o que nos é mais importante, a vegetação atinge o máximo de exuberância, apresentando uma vegetação muito interessante sob o ponto de vista ecológico e florístico com ocorrência provável de inúmeras espécies autóctones ainda não conhecidas, afora outras cuja importância econômica é reconhecida.

A seguir juntamos a lista do material coletado por ordem alfabética de família e respectivas identificações.

## ESPÉCIMES BOTÂNICOS COLETADOS NA EXPEDIÇÃO UATUMÃ - URUBU

---

Ficam assim especificados pelo número de coletor as seguintes diferentes localidades mais importantes:

- 201 — 261 — Rio Uatumã  
262 — 279 — Cidade de Silves  
280 — 302 — Rio Urubu até a Cachoeira de Lindóia  
303 — 306 — A montante da Cachoeira de Lindóia

### INPA COL. ANACARDIACEAE

- 4438 — 328 — *Tapirira guianensis* Aubl. (?) — **Morototó**

### ANNONACEAE

- 4340 — 230 — *Duguetia* cf. *calycina* R. Ben — **Envireira**  
4343 — 233 — *Guatteria pteropus* Benth. — **Envireira**  
4343 — 243 — *Duguetia stelechantha* (Diels) R.E. Fries —  
**Envireira**  
4357 — 247 — *Annona montana* Macf. — **Araticum**  
4362 — 252 — *Rollinia insignis* Fries var. *pallida* — **Gravio-  
la brava**  
4386 — 276 — *Unonopsis guatterioides* (A.DC) R.E. Fr.  
— **Ata-do-Igapó**  
4415 — 305 — *Duguetia uniflora* (Dun.) Mart. — **Pé-de-gata**  
4430 — 320 — *Pacudoxandra coriacea* R.E. Fries  
4441 — 331 — *Unonopsis guatterioides* (A.DC) Fries  
4444 — 334 — *Xylopia Bentharii* R.E. — Fries — **Paco-  
vinha**  
4457 — 347 — *Xylopia emarginata* Mart. var. *Duckei* R.E.  
Fries

### APOCYNACEAE

- 4422 — 312 — *Himatanthus attenuatus* Woods  
4314 — 204 — *Himatanthus attenuatus* Woods — **Jasmim-  
do-Igapó** — **Sucuuba**  
4396 — 286 — *Himatanthus attenuatus* Woods — **Jasmim  
do-Igapó**  
4424 — 314 — *Malouetia furfuracea* Spruce — **Molengazinho**

## ARACEAE

- 4431 — 321 — *Monstera obliqua* (Mip. Walp — **Tajá**

## ASCLEPIDACEAE

- 4328 — 218 — .....

## BALANOPHORACEAE

- 4400 — 290 — *Helosis guianensis* Rich. — **Urupé**

## BIGNONIACEAE

- 4338 — 228 — *Clytostoma* ef. *binatum* (Thumb. Sandw. —  
**Jurará-bucho — Tucunaraica**  
4333 — 223 — *Paragonia pyramidata* (Rich.) Bur. — **Tu-**  
**cunaraica**  
4366 — 256 — *Distictella racemosa* (Bur. et K. Sch.) Urb.  
4371 — 261 — *Mansoa angustidens* (DC.) Bur. et K. Sch.  
— **Gibatiera ou cipó-gibata**  
4381 — 271 — *Distictella racemosa* (Bur. et K. Sch.) Urb. —  
**Cipó cururu**  
4432 — 322 — *Arrabidaea nigrescens* Sandw.

## INPA. COL. BORRAGINACEAE

- 4342 — 232 — *Cordia* sp. — **Uruá ou uruazeiro**

## BURSERACEAE

- 4351 — 241 — *Protium aracouchinii* (Aubl.) March — **Breu**

## CAPPARIDACEAE

- 4393 — 283 — *Capparis lineata* Donab.  
4404 — 294 — *Crataeva benthamii* Eichl.

## CARYOCARACEAE

- 4356 — 246 — *Caryocar microcarpum* Ducke — **Piquiarana**

## COMBRETACEAE

- 4329 — 219 — *Combretum* cf. *pyramidatum* Desv.  
4364 — 254 — *Combretum aubletti* DC. — **Escova-de-macaco**  
4375 — 265 — *Buchenavia exycarpa* Eichl. — **Periquiteira**  
4411 — 301 — *Combretum pyramidatum* Desv.

## COMPOSITAE

- 4346 — 236 — *Mikania scandens* Wild.

## CONNARACEAE

- 4453 — 343 — *Rourea cuspidata* Bth. ex Baker var. — **Cuspidata**

## CUCURBITACEAE

- 4355 — 245 — *Curania* sp. (provavelmente nova espécie).

## EUPHORBIACEAE

- 4326 — 216 — *Hevea spruceana* Muel. Arg. — **Seringa-bar-riguda**  
4363 — 253 — *Mabea* cf. *nitida* Spruce ex-Benth — **Taquari**  
4373 — 263 — *Piranhea trifoliata* Baill — **Piranheira**  
4416 — 306 — *Mabea* aff. *angustifolia* Benth — **Taquari**  
4436 — 326 — *Alchornea schonburgkiana* klotzs  
4442 — 332 — *Per disticophylla* (Mart.) Baill  
4446 — 336 — *Richeria loranthoides* (klotzs.) M. Arg.

## ERYTHROXYLACEAE

- 4388 — 28 — *Erythroxylum* sp. — **Papa-terra-do-igapó — Sardinheira**

## GETIANACEAE

- 4407 — 297 — *Coutoubea ramosa* Aubl. var. **racemosa** ...  
Benth.  
4426 — 316 — *Chelonanthus* sp.

## CUTTIFERAE

- 4437 — 327 — *Quapoya peruviana* (P & E) Ktze  
4445 — 335 — *Vismia duckei* Maguire — **Lacre**

## ICACINACEAE

- 4384 — 272 — *Humirianthera ampla* (Miers.) Baehni — ...  
**Mairá**

## LAURACEAE

- 4337 — 227 — *Ocotea* sp. — **Louro**  
4344 — 234 — *Nectandra amazonium* Nees — **Louro do-  
igapó**  
4349 — 239 — *Ocotea* sp. — **Louro**

## LECYTHIDACEAE

- 4353 — 243 — *Berthonetia excelsa* H. B. K. — **Castanha-ver-  
dadeira**  
4370 — 260 — *Gustavia poeppigiana* Berg. — **Genipaporana**  
4377 — 267 — *Eschweilera tenuifolia* (Berg) Miers — **Cas-  
tanharana**  
4385 — 275 — *Gustavia poeppigiana* Berg — **Genipaporana**  
— **Embígudo**  
4402 — 292 — *Lecythis zabucaia* Aubl.  
4403 — 293 — *Lecythis poiteau* Berg  
4413 — 303 — *Allantoma lineata* (Berg.) Miers  
4465 — 355 — *Gustavia poeppigiana* Berg. — **Geniparana**  
— **Marteleiro**

## Leg. CAESALP.

- 4311 — 201 — *Camsiandra augustifolia* Spr. ex Bth. — **Aca-  
purana**  
4319 — 209 — *Swartzia* sp.  
4316 — 206 — *Swartzia laovicarpa* Amsh  
4347 — 237 — *Tachigalia paniculata* Aubl. — **Tachi**  
4372 — 262 — *Crudia amazónica* Spr. ex. Bth. — **Orelha-de-  
cachorro** — **Aranani**  
4379 — 269 — *Cassia leiandra* Bth. — **Marimari-da-várzea**

- 4390 — 280 — *Campsiandra comosa* var. *Laurifolia* (Bth.) Cowan — **Acapurana**  
 4394 — 284 — *Cassia faustosa* Willd. — **Marimari-da-mata**  
 4401 — 291 — *Dialium guianense* (Aubl.) Sandw. — **Jutai-proroca** — **Macururu**  
 4420 — 310 — *Macrolobium angustifolium* (Bth.) Cowan.  
 4428 — 318 — *Dimorphandra urubuensis* Ducke  
 4447 — 337 — *Macrolobium multijugum* Bth. — **Arapari**  
 4448 — 338 — *Swartzia laevicarpa* Amsh. — **Saboarana**  
 4461 — 351 — *Jacqueshuberia purpurea* Ducke  
 4463 — 353 — *Swartzia laevicarpa* Amsh. — **Saboarana-branca**

#### LEG. MIM.

- 4365 — 255 — *Pithecellobium corymbosum* (Rich.) Bth. — **Paricarana**  
 4391 — 281 — *Inga dumosa* Bth. — **Ingá**  
 4392 — 282 — *Stryphrodendron guianense* (Aubl.) Bth.  
 4408 — 298 — *Parkia discolor* Spr. ex Bth. — **Piradabi (R. Negro)** — **Arara-tucupi**  
 4460 — 350 — *Pithecellobium spruceanum* Bth. — **Sucuri-juzinho**

#### LEG. PAP.

- 4322 — 212 — *Ormosia costulata* (Miq.) Kleinh — **Tento**  
 4330 — 220 — *Clitoria amazonicum* Mart. ex Bth. — **Fava-de-boto** — **buluçumirá**  
 4345 — 235 — *Machaerium leiophyllum* (DC.) Bth. var ... **Criatacastrense**  
 4359 — 249 — *Dipteryx odorata* (Aubl.) Willd — **Cumaru**  
 4361 — 251 — *Dalbergia riparia* (Mart.) Bth.  
 4440 — 330 — *Diphlotropia martiusii* Bth.

#### HUMIRIACEAE

- 4323 — 213 — *Humiria balsamifera* (Aubl.) St. Hil — ... **Umiri**  
 4406 — 296 — *Humiriastrum cuspidatum* (Bth.) Cuatr. — **Paruru**

### LOGANIACEAE

- 4327 — 217 — *Strychnos rondeletioides* Spruce ex Bth. —  
**Pitombarana**

### LORANTHACEAE

- 4412 — 302 — *Phoradendron crassifolium* (Pohl. ex DC.) —  
**Eichl.**  
4421 — 311 — *Psittacanthus* sp. — **Erva-de-passarinho.**

### MALPHIGHIACEAE

- 4312 — 202 — *Byrsonima chrysophylla* H.B.K. — **Murici**  
4318 — 208 — *Mascagnia* sp. — **Sarabatacu**  
4339 — 229 — *Lophanthera longifolia* Griseb.  
4369 — 259 — *Lophanthera longifolia* Griseb.  
4409 — 299 — *Birsonima barbleyana* quart. — **Murici**  
4418 — 308 — *Burdachia sphaerocarpa* Mart. var. *sphaerocarpa* — **Ritoira**

### MARCGRAVIACEAE

- 4354 — 244 — *Noranthea guianensis* Aubl. — **Rabo-de-ararara**

### MELASTOMATACEAE

- 4320 — 210 — *Miconia pileata* DC.  
4321 — 211 — *Tococa longisepala* Cong. — **Tapera — goi-  
bada-da-praia — Purufzinho**  
4376 — 266 — *Miconia chrysophylla* (Rich.) Urb.  
4429 — 319 — *Tococa subciliata* (DC) Triana  
4433 — 323 — *Miconia argyrophylla* DC subsp. *gracilis* Wur-  
dack. — **Canela-de-velho**  
4462 — 352 — *Mouriri brevipes* Hook.

### MELIACEAE

- 4374 — 264 — *Guarea pubescens* (Kurst.) A. Juss. subsp.  
*pubescens.*

### MENISPERMACEAE

- 4459 — 349 — *Abuta grandifolia* (Mart.) Saudw. — **Cipó abuta**

### MORACEAE

- 4335 — 225 — *Sorocea muriculata* Miq. subsp. *muriculata*

### MYRISTICACEAE

- 4449 — 339 — *Virola elongata* (Bth.) Warb. — **Ucuuba**

### MYRTACEAE

- 4313 — 203 — *Eugenia inundata* DC. — **Araçai**  
4324 — 214 — *Myrcia fallax* (Rich. DC. — **Araçá-da-campina**  
4325 — 215 — *Myrciaria paraensis* Berg. — **Maráuba**  
— **Miraúba**  
4341 — 231 — *Eugenia macrocalyx* (Rusby) Me Vaugh —  
**Araçá-da-mata**  
4348 — 328 — *Calyptanthus* sp.  
4380 — 270 — *Eugenia patrisii* Vahl. — **Murta-brava**  
4395 — 285 — *Myrcia bracteata* DC. — **Araçá-da-mata**  
4414 — 304 — *Myrcia* sp. — **Murta**  
4454 — 344 — *Myrcia magna* Legrand. — **Espeteiro**  
4464 — 354 — *Campomanesia grandiflora* (Aubl.) Sagot —  
**Acariquara-branca**

### NYCTAGINACEAE

- 4389 — 279 — *Neea mollis* Spruce (?)

### OCHNACEAE

- 4405 — 295 — *Wallacea insignis* Spruce  
4419 — 309 — *Wallacea insignis* Bth.  
4439 — 329 — *Ouratea coccinea* (Mart.) Eng.

### PALMAE

- 4427 — 317 — *Astrocoryum acaule* Mart. — **Tucumã-1**

## PASSIFORACEAE

- 4434 — 324 — *Passiflora glandulosa* Cav. (?)

## PIPERACEAE

- 4336 — 226 — *Piper citrifolium* Lam.

## POLYGONACEAE

- 4451 — 341 — *Coccoloba ovata* Bth.

## POLYGALACEAE

- 4450 — 340 — *Securidacea rivinaefolia* St. Hil. var. *parvifolia* Bennett

## CHRYSOBALANACEAE

- 4317 — 207 — *Licania c. apetata* (E. Mey) Fritsch  
4383 — 273 — *Couepia paraensis* Bth. subsp. *paraensis* —  
**Tucuri baraua**  
4398 — 288 — *Couepia paraensis* Bth. subsp. *paraensis* —  
**Tucuribá**  
4399 — 289 — *Licania cf. apetata* (E. Mey) Fritsch — **Ca-**  
**raipé**  
4410 — 300 — *Licania savaranum* Prance  
4443 — 333 — *Couepia chrysocalyx* (Poepp. & Endl.) Bth.

## RUBIACEAE

- 4315 — 205 — *Sphinctanthus striiflorus* (DC) Hook. f.  
4331 — 221 — *Warszewiczia coccinia* (Vall.) Klotzsch. —  
**Rabo-de-arara**  
4350 — 240 — *Dureia saccifera* Hook. fil. — **Purui-da-mata**  
4367 — 257 — *Palicourea stenoclada* (Muell. Arg.) — **Erva-**  
**de-rato**  
4382 — 272 — *Duroia duckei* Mub. — **Purui-Apurui**  
4397 — 287 — *Duroia genipoides* Hock f. e ex. K. Schum —  
**Purui**  
4417 — 307 — *Psychotria rosea* (Bth.) M. Arg.  
4435 — 325 — *Palicourea* sp.  
4458 — 348 — *Faramea aff. salicifolia* Prasl.

### SAPINDACEAE

4455 — 345 — *Matayba* sp.

### SAPOTACEAE

4452 — 342 — *Elaeoluma glabrescens* (Mart. & Aubr.) & Pellgr. — Jarai

### STERCULIACEAE

4334 — 224 — *Theobroma cacao* L. — Cacau

### TILIACEAE

4360 — 250 — *Mollia* aff. *lepidota* Benth. — Taquari-de-jatuarana

4425 — 315 — *Mollia speciosa* Mart. et Zucc.

4456 — 346 — *Mollia speciosa* Mart. et Zucc.

### TRICONIACEAE

4378 — 268 — *Trigonia leavis* Aubl. var. *microcarpa* Sagot.

### TURNERACEAE

4423 — 313 — *Turnera* sp.

### VITACEAE

4368 — 258 — *Cissus* sp. — Parreira

### VIOLACEAE

4332 — 222 — *Paypayrola* cf. *guianensis* Aubl.

4358 — 248 — *Rynoria macrocarpa* (Mart.) Kuntz.

## **OUTROS ESTUDOS**

## MANAUS, AMOR E MEMÓRIA

WALDEMAR BATISTA DE SALLES

Não obstante a imensidão deste nosso Brasil, onde as distâncias são enormes, às vezes acontecem encontros interessantes, inesperados.

Faz dois anos, aproximadamente e tínhamos ido à cidade do Recife e de lá, a João Pessoa, capital da heróica Paraíba, visitar parentes e pessoas amigas, de longa data. Viagem normal e sempre aquele escala, de avião. No aeroporto a demora relacionada com a liberação da bagagem. Enquanto aguardávamos que a Varig desembarcasse a mala de mão e alguns pertences, ali encontramos, vindo em outra aeronave, que também acabava de pousar, nosso amigo e poeta, Thiago de Mello, membro da Academia Amazonense de Letras.

Aí perguntamos de onde vinha e ele nos respondeu: do Rio de Janeiro. Indagamos ainda: algum livro em preparo a respeito do nordeste ou encontros literários? E ele nos respondeu:

— Vim de longe para as homenagens que o Estado da Paraíba está promovendo à memória do grande poeta, Augusto dos Anjos, a serem iniciadas hoje. Despachadas as bagagens, lá se foi ele cumprir seus compromissos com a poesia e a Academia Paraibana de Letras.

Isso se relaciona também com a outra faceta da inteligência do citado poeta. Não obstante haver nascido, no interior do Amazonas, no lugar denominado "Bom Socorro", no meio da floresta de Barreirinha, também escreveu um trabalho especial, muito aceito pelo público, intitulado "Manaus, amor e memória", faz dois anos, que fui encontrar algum tempo depois, na Livraria Nacional, ali na rua 10 de Julho, perto da igreja de "São Sebastião", espelhando e mostrando-nos esta cidade em outros tempos.

Não obstante suas andanças forçadas pelo mundo, por motivos políticos, que neste instante não vamos lembrar, o poeta Thiago de Mello, já esteve morando em diversas capitais da Europa e tem particular predileção por Santiago do Chile, onde curtiu exílio e nos diz: "banhada pela eterna luz das neves da Cordilheira, onde vivi talvez "los más hermosos e também os mais terríveis momentos de

minha vida..." com mulheres, crianças, poetas, pescadores e dançarinos, irmãos do vento, parentes das pássaros — com os quais aprendi, definitivamente, que a convivência fraterna é possível entre os seres humanos".

Voltando, porém, ao assunto. O livro "Manaus, amor e memória" é uma beleza de narração relacionado com tempos passados, quando a Zona Franca não existia e ela era um recanto escondido e alegre, dentro da imensa floresta tropical, centro de relações comerciais de produtos extrativistas, como borracha, castanha, madeiras, couros e peles de animais silvestres e, em compensação, boa luz, água em abundância, tranquila, poucos automóveis e onde todos se conheciam, como uma grande família.

Ele nos relembra "as companhias líricas de operetas italianas foram deixando para sua temporadas exclusivas no sempre iluminado "Teatro Amazonas". E então ele sente suas saudades: "era um tempo de conversa. Tempo de diálogo. Da boa prosa e da santa conversa fiada, que sempre deixava um saldo, chamado de sabedoria..."

Hoje os tempos são outros. A Zona Franca que, em boa hora, pelo governo do ex-Presidente Castello Branco foi implantada em nossa cidade, ampliou as perspectivas sociais e culturais e deu vida nova à região amazônica, com o desenvolvimento e a instalação do Distrito Industrial de Manaus, o qual constitui a alavanca de progresso da área e a libertação econômica de nosso Estado.

Nestas horas são sabemos por onde anda o inspirado poeta Thiago de Mello, porque sempre foi andarilho, como nordestino puro, se fôsse, que não esquenta lugar e vive cruzando o país inteiro, como seus belos sonhos, sua poesia delicada e sutil.

Ele conseguiu, porém, com esse livro, entre muitos outros, já publicados, determinar, no tempo, esta cidade ensolarada e que, encravada a milhares de quilômetros do Oceano Atlântico, representa ainda uma das realizações de estoicismo e braveza do homem amazônico e de nordestinos deste imenso país.

E nos recorda, ainda, os costumes antigos e a fase familiar, página 38: "tempo da bênção. Os filhos tomavam a bênção dos pais, com beijo de mão e de face. Não somente na meninice. Marmanjos de barba, mulheres já casadas, nunca deixavam de pedir a bênção aos pais (e aos

tios e aos padrinhos, fosse em despedida caseira, fôsse em encontro de rua. Era mais do que uma praxe. As frases tão breves vinham impregnadas de uma significação transcendente: "Deus te abençoe". "Deus te faça feliz".

Nesse livro, cheio de recordações desta nossa cidade, procurando fixar nas páginas do mesmo, não somente as paisagens, ruas e fatos de outros tempos, o poeta Thiago de Mello, com seu poder de síntese, faz uma espécie de revista nos grandes homens e personalidades, retratando com pinceladas fortes, o ilustre mestre de muitas gerações, que foi o Prof. Agnello Bittencourt, do então Ginásio Amazonense Pedro II, lente de Geografia e de magnífica erudição e cultura. E nos retrata assim: "homem que exerceu várias e importantes funções públicas em nosso Estado, dele só quero guardar aqui o respeito e o carinho que conquistou de todos os seus alunos, aos quais ele tratava antes de tudo, como pessoas jovens, a que ele devia ajudar e preparar para os caminhos da vida. Professor de Geografia, era um sábio em muitas matérias, entre elas a bondade. A numerosos ginasianos do meu tempo perguntei quais os professores que mais influência tiveram em suas vidas, quais os mais queridos. Todos distinguiram o nome do professor Agnello. Quero enriquecer este livro com um fragmento da mensagem que Agnello Bittencourt dedicou aos seus amigos que, nos últimos dias de 1966, fomos abraçá-lo na sua casa da Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro, num encontro promovido por seu filho (que também foi meu professor e em quem hoje tenho um irmão), Ulysses Bittencourt, para celebrar os noventa anos do magnífico varão que assim nos ensinou".

Relatou, também, em outros capítulos, suas recordações dessa nossa cidade, fazendo referências especiais a tudo que existia, de bom e de belo, na Manaus antiga.

Não esqueceu de fazer referência a outras personalidades, que ele conheceu em sua mocidade, citando o ilustre médico e confrade, Dr. Djalma Batista, ex-Presidente da Academia Amazonense de Letras, que aliou aos deveres de sua nobre missão, fértil atividade literária, página 104.

O livro escrito pelo nosso confrade, Thiago de Mello, é um encantamento, transbordando muitas saudades e fatos. Prefaciando o trabalho em tela, o jornalista Luiz de Miranda Corrêa já disse: "poucas vezes li alguma coisa tão concisamente poética, imaginativa, bem escrita, nele descobri

o talento que gostaria ter para falar de minha cidade, das minhas florestas, do meu povo.”

Mas adiante, o citado jornalista ainda nos esclarece. O livro é fantástico. Desde sua feição gráfica até o linguajar luso-brasileiro beirando a obra-prima. Não diria que é obra definitiva sobre a cidade em que nasci, pois penso que nada existe de definitivo em nosso planeta. Mas, com certeza, é até hoje, o mais bonito livro que li e vi sobre nós manauenses e amazonenses.”

Isto não significa dizer que não existem outros trabalhos a respeito de Manaus e de outras cidades do Estado do Amazonas. Existem, inclusive do nosso preclaro historiador e professor, Mário Ypiranga Monteiro. O trabalho de Thiago de Mello é diferente, pelo aspecto sentimental com que nos mostra os fatos e acontecimentos de seu tempo, nas reminiscências de sua infância e juventude, que não voltam mais a cruzar os seus caminhos...

## COMO ENCONTRAMOS ADRIANO — BOSQUEJOS —

---

MANOEL BASTOS LYRA

Claro que vamos tratar da figura ilustre de Adriano Jorge. Apesar do muito que se tem escrito sobre este preclaro alagoano, de sua 'erudição borbulhante', alguns fatos que diremos logo, por testemunhá-los, servirão, sem receio de dúvida, para enaltecer ainda mais seus inesquecível "espírito invulgar e fecundo". Éramos vizinhos, na avenida Eduardo Ribeiro. Ele, em seu consultório médico na Farmácia do velho Ignácio (de Medeiros) e nós, mais adiante um pouco, na fotografia e casa de comércio de nosso pai, estabelecimento chamado "Manaus-Arte". Víamo-nos portanto, cotidianamente. Vinha sempre de sua residência, altos do prédio de canto, onde agora, se localizam as Lojas Americanas. Mas, apesar disto, o primeiro encontro nosso resultou, para ambos, uma autêntica surpresa. A venda de discos (música em conserva, como dizia Adriano) de gramofone esteve por muito tempo circunscrita à "La Ville de Paris", no 7 de Setembro, canto com a Lobo d'Almada, onde, hoje, é uma drogaria. O estabelecimento referido, do Crehange, agenciava os discos da "Victor Talking Machine", os discos Victor. A "Manaus-Arte" passou a distribuir os discos da famosa gravadora francesa "Pathé Frères" e suas máquinas falantes que, em lugar da corneta, resquício do original de Thomas Alva Edison usava um chapéu, em cujo vértice se via uma agulha de safira ou seja a primeira agulha de cristal utilizada. Naquele tempo então usávamos, uma dependência do estabelecimento de nosso pai, para fazer e montar aparelhos de rádio (1930). Alguém o desviou, levando Adriano para ver e ouvir uma vitrola (do nome Victor, referido) rádio.

Tínhamos montado uma amplificador eletrônico em uma "ortofônica" (assim chamava a Victor aos seus instrumentos acústicos) e, com o seu alto-falante dinâmico de 12 polegadas e reprodução elétrica deliciava a todos os que a ouviam, alguns, bem entendidos em a arte musical. Fomos então apresentados pelo amigo comum que o levava até nós. Adriano era explosivo com tudo aquilo em que visualizava

algo de incomum. Demasiou-se mais ainda quando lhe mostramos, funcionando, o primeiro rádio montado em Manaus, por nós. Impôs-nos a designação de "mágico".

Amigos seus, conhecedores de seu apego pela música clássica, tinham-lhe presenteado com uma "vitrola" alemã "Polidor" que se vendia na "Casa de Músicas", de João Donizetti Gondim, na Enrique Martins, quase a chegar à rua da Instalação. Como todo maquinismo eletrônico não se ambientou bem em Manaus e, com pouco tempo de uso, deixou Adriano sem poder ouvir suas músicas favoritas. Imediatamente, nos pusemos à sua disposição para repará-la e assim, o seu "extraordinário amigo", teve então uma oportunidade para retribuir a sua entusiástica vibração anterior. Ao cair das tardes Adriano, reunia em sua casa amigos para brindar-lhes com boa música. Vez por outra para lá íamos. Um disco gravado pela Sinfônica de Boston, com vários trechos da wagneriana ópera Lohengrin, fez Adriano perguntar-nos: Sei que és wagneriano, qual o motivo disto? Começamos a conversar sobre o eminente músico e chegamos ao seu Parsifal. Prometi-lhe que voltariamos à nossa conversa depois. O que desejávamos era poder, levar até sua tertulia, o "Parsifal" completo, gravado em Bayreuth (Teatro de Wagner) e que, pelo visto, na ocasião, não o tínhamos em mãos. Outra tarde nos dirigimos à casa de Adriano. Recebeu-nos, como sempre, embalando-se em sua rede (pudera, não fosse nordestino). Reiniciamos nossa palestra wagneriana entregando-lhe, para sua coleção, a ópera referida. Nos recebeu já contando quase toda a história da Anfortas a simbolizar wagnerianamente o sofrimento humano e sua redenção pelo casto e inocente Parsifal. Dissemos então que a nossa inclinação wagneriana residia em que Richard era um poeta completo, literato e músico. Parsifal resumia tudo isto e, além, com as poucas notas do canto-chão, Wagner, conseguira um monumento musical. Lembramos-lhe então as cenas que iríamos ouvir da procissão do cálice sagrado, do "graal" o vaso ou cálice de que se teria servido Jesus na última ceia e em que depois, armazenara seu sangue José de Arimatéia. O esplendor da música wagneriana ressoou intensamente em Adriano que deixou escapar aquelas estrepitosas admirações suas. Quando Adriano se tornou residente da Vila Municipal, após seu casamento com D. Laura Tapajós de A. Jorge, ali do lado do Ramazotti, inclusive lhe fizemos um rádio valvulado e ligado à corrente com quem,

segundo afirmava, “estava ligado ao mundo inteiro e extra-Brasil”. Caminhamos, ambos, vencendo a caminhada da vida e nos fomos encontrando em muitas outras oportunidades como verificaremos a seguir. Um dos nossos amigos comuns era o C.D. Raimundo Freitas Pinto. Estava sempre às voltas com a música e gostava de afinar os pianos da velha Manaus que era cheia deles: em toda residência as moças se deliciavam em tocá-los. Freitas Pinto estudara em Filadélfia como outro nosso amigo Pedro Telmo Barba, também C.D.. Freitas tinha sempre ao lado o Wampa. Um cão de estimação. De uma feita, seu “fiel amigo”, adoeceu. Freitas Pinto andara já Ceca e Meca tentando encontrar alguém que aliviasse os sofrimentos do seu cão, sem nada conseguir. Saimos da velha leitaria “Albano” que ficava na Enrique Martins, defronte da Livraria Escolar do Galvão, quando Freitas, quase a correr, nos chamou. Paramos e então nos disse de suas peripécias que tudo lhe indicava agora, teriam chegado a um fim: um dos seus amigos ingleses, dissera-lhe “procura o Lira”. “Ele que trabalhou anos com o nosso Dr. Thomas, certamente conhece isto, pois, Thomas, não só tinha muitos cães, como todos nós britânicos gostamos de os ter, como sempre acertava nas suas “soreness” (mazelas). Freitas, esboçando um ar alegre disse “vamos até em casa com o “Chevrolet” do Maximiano” (um dos condutores dos poucos carros de então, evadido dos carros de luxo do Nazaré). Para lá fomos e colhemos o material do Wampa. Examinamo-o. Achamos então o causador da doença do Wampa: — subblata causa — ... Curado seu grande amigo, Freitas Pinto, retomou o seu antigo ânimo característico e continuou com o seu espírito inimitável de “blagueur”. Adriano soube logo do acontecimento. Freitas não ousava passar pela Farmácia do Ignácio ser ir ao seu consultório. Novamente Adriano voltou a demasiar-se conosco “sabia-o um físico de alto quilate agora o sei também um grande biólogo”, isto contou-nos Freitas exultando o conceito que de nós Adriano fizera. Outra vez, descíamos a Avenida, vínhamos de dar aula no I.E.A., com Xavier de Albuquerque, professor de Educação Física, e, paramos diante da Farmácia, ao encontrarmos Adriano debaixo do “ficus” que dava sombra e amenizava o calor numa das manhãs bem quentes em nossa Manaus. De longe vira o cigarro de Xavier e logo, Adriano, que era anti-tabagista de propensão não deixou de censurar o velho amigo, conterrâneo e compa-

nheiro de estudos na velha Universidade da Bahia. "Xavier exclamou Adriano, depois vem-nos perguntar porque tens gastrite e ulcus gástrico...". Encontramos, em outra ocasião, no banco do consultório de Adriano, Freitas Pinto a bom tremer. Esperava encontrar-se com Adriano para saber o que tinha. Aguardamo-lo também. Feita a indagação médica necessária, Adriano diz-nos: "não acusa hipertermia e tem pressão arterial normal e alguma taquicardia". Indagamos logo de Freitas "quantas pastilhas de guaraná chupaste hoje?". Freitas Pinto que, nas horas vagas, fabricava e cedía aos amigos, não titubeiou: "meia dúzia delas". Adriano: "o Freitas não ligou para a grande quantidade de Trimetilxantina (guaranina ou cafeína) que a semente de guaraná contém. Encontramo-as até com 6.0 g.%. A Cafeína é um estimulante enérgico do S.N.C.. É isto que está acontecendo. Apliquemos-lhe um antagonista: Luminal, por exemplo". Adriano chamou o Ignácio e solicitou-lhe o antagónico referido. Feita a medicação, Freitas abandonou a tremedeira e voltou ao seu habitual modo de ser. Um outro grupo que sempre formavamos, no consultório de Adriano, era com João Pereira Machado (desembargador, então juiz) e Sabbas Teles, o único radiologista da cidade. Ali, certa ocasião, falávamos de astronomia. Sabbas e João Machado estavam pasmados (diziam-se), com a observação que fizeram, noite anterior, de certas paragens celestes com uma luneta que fabricamos por aqui (não existiam as lojas da Zona Franca. Tínhamos pois que fazê-las). Adriano juntou-se aos três e, na noite seguinte, estávamos dando uma de "caçadores de estrelas". Arrebatado ficou Adriano ao poder ver crateras lunares, as Pleiades, a nebulosa de Orion e o talabarte do gigante. Notável, para todos do grupo, foi Adriano que, pela primeira vez, estava usando um instrumento ótico, e descrevia algo sobre o que via e lembramo-nos bem que, ao ver célebre grupo estrelar, disse ali "as Sete estrelas" que todos nós sabemos hoje, com as nossa possibilidades, são milhares delas: via naturalmente as Pleiades. Outro grande encontro nosso passamos a referir linhas abaixo. Foi sem dúvida a do nosso Concurso, na antiga Escola Normal, em 1938. Um dos seus biógrafos, Agnello Bittencourt, diz-nos: "Adriano Jorge, uma vez diplomado, dirigiu-se para o Amazonas, onde consumiu toda sua vida, no exercício da Medicina, do Magistério e da Imprensa. Espírito invulgar e fecundo, em qualquer desses ramos valia escutá-

lo ou ler seus trabalhos. Era de uma erudição borbulhante e jamais conheci quem o fosse tanto, mesmo em se tratando de belas-artistas. Em bancas examinadoras de concursos para preenchimento efetivo de cadeiras de várias disciplinas, no Ginásio Amazonense Pedro II e no Instituto de Educação, quase sempre lá estava Adriano Jorge dando provas de seus profundos conhecimentos de humanidades'. A banca examinadora do nosso estava integrada por Eunice Serrano Telles de Souza, Adriano Augusto de Araújo Jorge, Raimundo Gomes Nogueira e Sabbas Telles da Rocha. Por ocasião de nossa arguição, conforme consta da Ata da Comissão Examinadora, levantaram-se Adriano e Sabbas que alegando conhecimento perfeito da capacidade técnica do candidato, julgaram desnecessário argüi-lo". Finalizando, a banca, após a leitura de nossa prova escrita, fiscalizada por Sabbas, foi de parecer que a leitura em questão, "fez com que culminassem as qualidades de homem de ciência e de professor que incontestavelmente dispõe o candidato". Confirmava pois o nosso saudoso amigo as suas primeiras impressões sobre nós, sobre o "menino" como ele costumava referir-nos. Fizemos duas teses para disputar vagas no Ginásio Amazonense Pedro II. Uma sobre Química: "Algumas Notas sobre a Valência Química" e outra sobre Física: "O Oxidulo de Prata e a Fotografia". A primeira, os nossos alunos de então, resolveram fazer um opúsculo. Quando este nos chegou às mãos levamos um deles para Adriano. Vários dias após chamou-nos e nos disse que finalmente pudera entender o problema das valências químicas e, em retribuição, nos deu a sua publicação "A Luz" com o seu cordial oferecimento. Este o guardamos em nossa biblioteca. Com relação à sua Academia (a nossa, aliás) de uma feita, Adriano, com o nosso trabalho em mãos e artigos da "Coluna Científica", deu-nos a entender que poderíamos ir para uma das suas poltronas. Lembramo-nos que lhe dissemos: "Doutor, não somos poetas...". Ele, altivamente disse "e eu o sou!...". Estes bosquejos julgamo-los necessários para que os atuais possam delinear com mais acuidade e assim poder compreender bem o que afirmou Agnello Bittencourt e todo mundo manauara também o faz: Adriano Augusto de Araújo Jorge, "era de uma erudição borbulhante, espírito invulgar e fecundo".

## "AMAZÔNIA, A TERRA E O HOMEM"

ARTHUR CÉSAR FERREIRA REIS

Os estudos de antropogeografia ainda estão no nascedouro no Brasil. Raros, muitos raros, os que se aventuram a enfrentá-los. Citam-se, por isso, num punhado, os nomes desses intrépidos.

Oliveira Viana, Backeuser, Tristão de Athayde, Alfredo Elias Júnior, Jorge Salles Gulart, Roquette Pinto, são dos maiores. Euclides pode ser visto como um precursor. Alberto Torres, na moda agora, mais um pensador, philosopho, que um indagador experimental, já lhe querem na galeria também, dando rumos, numa glorificação demasiada, quasi prejudicial, tamanhos os louvores dos que lhe admiram a a vida e obra. Todos com os olhos voltados para casa. Apurando sobre as nossas coisas, num inquérito que se vai tornando rigoroso e chamando a contribuir, com um testemunho que seja, outros sabedores. em sempre, porém, em boa companhia, dahi certas conclusões, certas afirmativas ousadas, perigosas mesmo. E quando na olhadela se voltam cá para o valle, sabe-lhes da penna, de vez em quando, muita coisa precisando contestação, revisão séria.

Euclides, por exemplo, o mais estimado ainda dos amazonólogos, teve precipitações. Foi talvez, um dominado pelas primeiras impressões, a que não pode fugir depois das indagações a que se atirou *in-loco*. Rios sem história, homem interior deante do portento do meio, foram sentenças a que ninguém contrapôs uma observação sensata, mostrando o dezarrazoado que continham.

A decepção tremenda que o assaltou à entrada do Rio-Rei, confessada sem hesitações, numa explosão, guiou-o dahi por diante. A correspondência de Manaus e do interior do Amazonas, agora divulgada na Revista da Academia Brasileira de Letras, revela o estado d'alma que o torturava. Revela, confirmando, provando o que escrevo, a insatisfação que o prendia, digo melhor, o mal estar que o ambiente lhe causava.

O artista e o homem de ciência que lhe sentimos através toda a obra, fahou, portanto, e por isso, em mais de um ponto. Mas só agora, quando nos bastamos para o estudo das nossas coisas, começa a *contradicta*, que se funda

em soberba e abundante documentação.

ooooo

O Sr. Araújo Lima inscreve-se entre os que sabem muito de geographia humana. Sobrelevando a todos. Porque também sabe geographia médica. Utiliza-se de ambas para as verificações a que procede. Tem, fatalmente, de distinguir-se mais, de ver melhor, de concluir com mais fundamento.

A "Amazônia. A Terra e o Homem", com que estreou no mundo cultural brasileiro, deixa ver que os recursos científicos de que se valeu foram tomados às duas vastas searas, approximadas, mas definidas, bem caracterizadas, autônomas. Consequência immediata é um pronunciamento mais justo, equilibrado, sereno, sobre este mundo verde.

Nem Inferno, nem Paraizo Verde, afirma de começo.

Não há que desautorizar, a negativa é razoável. Como formas litterárias estavam bem os conceitos violentos. Mas só como formas literárias. O conceito que nos dita, esse, sim, está mais com a verdade. Não pode ser falso.

"Esta terra não é inferno em paraizo; não é terra mysteriosa nem terra paradoxal; é simplesmente uma terra lastimavelmente fraudada e saqueada".

ooooo

E em quatro partes, de várias capítulos, após lucidíssima introdução, que vale um livro de antropogeographia pura, lição de mestre, o sr. Araújo Lima vai desdobrando o seu grande livro, destruindo o rosário de lendas que nos anathematizava.

Oliveira Vianna sofre-lhe a critica. Critica de sabedor decente. Que não desce ao acanhamento ou se excusa de justificar os porquê de suas objecções. Os outros todos, que nos pintaram erradamente, justam contas, severamente.

O caboclo não é um inferior, "não é um anormal, é um anormalizado". "Como verificação thérmica, o clima do Amazonas não pode ser impugnado como um dos mais severos". — "O clima do Amazonas não se modificou; modificara-se, sim, a patologia amazônica, ampliada nos seus quadros pela importação de várias doenças, cuja entrada na região não dependeu do clima e sim de outras causas e circunstâncias". — "O homem do nordeste é o seringueiro do

Amazonas". É isso, só isso; nada mais quer ser. Nesse exclusivismo atravessa três décadas, para o fim desse tempo, ensaiar o amanhã da terra amazônica". — No "déficit nutricional", na carência alimentar está o grande fator da inferioridade fisiológica do homem nativo da Amazônia". — O elemento negro foi insignificante da nossa formação racial — a fusão indocária, quando se dá na planície amazônica, é mais pura e pode-se dizer, exclusiva. — Maués é o último reducto do amazonense no Amazonas. — "O homem só, escoteiro, sem guia; sem saúde nem cultura; sem defesa e sem protecção; sem preparo nem prévio trabalho adoptativo, o homem da Amazônia campeia naquelles scenários como um gigante, inconsciente de sua bravura, a afrontar e a vencer a natureza hostil e agressiva."

O sr. Araújo Lima, sustenta todas essas theses. Fá-lo o com elegância e com razões que não se podem deitar abaixo a um sopro. Exalta a terra e o homem, interpretando-a com fidelidade. Sem pedantismo. Seguro do que sustenta. Aqui e allí affirma arrojadamente. Rompendo tão violentamente com o que há décadas se diz e escreve, que há de provocar, com a estupefacção a arremetida dos iconoclastas, o destempero dos attingidos.

"Amazônia. A Terra e o Homem", não receio contestações vae ser, por isso tudo, o livro do anno. O mais discutido. O mais festejado também.

ooooo

No capítulo "O homem em face das acções climáticas e telluricas", o sr. Araújo Lima avança uma contestação brilhante ou a uma elucidação brilhante a Oliveira Vianna, — impressionado o sociologo, impressionado e sem explicação acertada, insatisfeito, quando notou que o homem do primeiro século no valle não foi dizimado, não se queixou do clima, não murmurou contra a terra, acusando-a de doentia, de perigosa à vida, o que já não ocorreu mais tarde, no devastamento em massa dos grupos que chegavam para a façanha do ouro negro.

O sr. Araújo Lima, sempre apoiado na autoridade de sua existência clínica, de eugenista, de observador sizado, explica que tudo veio de fora, foi importado. Os males do corpo chegavam com o ádvena. O navio a vapor, foi assim, um vehiculo de enfermidades.

O sr. Araújo Lima, parece-me, tem toda razão. A lepra, por exemplo, como nos chegou? Para muitos, mesmo de altos conhecimentos, ella nos chegou transmitida pelo nativo. O inquérito de Alfredo da Matta, detalhado, meticoloso, não vem a elucidar bem. Fica-se com incerteza, porque ele não conseguiu apurar quaes os primeiros casos. Começa já na phase do Amazonas-Província, fiado nos informes de um médico que relatoriou ao governo da região depois de 1852.

Tenho commigo a notícia dos primeiros casos assignalados. Encontrei-os em Alexandre Rodrigues Pereira, o naturalista gigante que nos estudou afincadamente e é guia certo no concernente à nossa história política, ethnographia, physiographia, flora, fauna, etc. No "Diário da Viagem Philosophica", vinda a lume na Revista do I.H.G. Brasileiro, tomo XLIX, está escrito:

"em 19 de março de 1874 entrou na Hospital (de Barcellos) o soldado Albino Joseph, que veio do Quartel da Ega, atacado de lepra, e não havendo onde recolhel-o separadamente dos outros enfermos para os não iscar de sua enfermidade, foi precisado recolher-se debaixo de um Tijupar, que se lhe erigio, no quintal do sitio do Hospital. O mesmo succedeu pelo principio deste anno ao outro soldado Simão Joseph, por alcunha o Rabazana."

Esses soldados eram recrutados em Portugal, entre gente que não primava pelo comportamento, recrutada na arraia miúda.

Alexandre Rodrigues Ferreira, ao noticiar as enfermidades dos nativos, que observou diretamente ou o seu collega reclamante, ou lhe foram relatadas por um collega, que só rio Negro já estava há dezoito annos, não registra o mal de Hansen. A única notícia é a que vai na transcrição o que leva a acreditar na possibilidade desses infelizes citados terem vindo de fora já attingidos, já contaminados. Assim sendo, é accetável que foram os contaminadores, os formadores do grupo já elevadissimo que vive hoje no valle.

ooooo

"O homem em face da História" é a nossa chronica politico-guerreira.

Mostra o sr. Araújo Lima, com parcos, muito parcos subsídios, aliás, que não há que desdenhar de nossos fastos.

Na cabanagem, incluindo ahí a agitação que lavrou de 1821 a 1835, as gentes nativas mostraram arrojo, coragem, energia. O homem, no episódio memorável, nacionalista, cresceu. O caboclo de Maués agigantou-se. Luctou, porfiou com um denodo de bravo. Soldados experimentados não lograram reduzi-lo à obediência sem o ramo de oliveira. E como hontem, àquellas horas de sangue, hoje em toda a Mundurucania, na independência dos gestos, na altivez contra os desmandos da politicagem desenfreada.

O sr. Araújo Lima, infelizmente, não dispoz dos materiaes históricos avultados, que lhe permitissem a visada mais penetrante, mais completa. E esqueceu figuras esplendidas que dariam o quadro fiel, o retrato magistral das explosões que a história registra — Ajuricaba, Heliodoro Balbi, Guerreiro Antony, três symbolos que não podem ser omitidos. São gritos e vozes de fogo.

A contribuição para a guerra do Paraguay é outro acontecimento de relevo no caso, esquecido prejudicialmente. Ainda nesse capítulo encontro — “A conquista do Amazonas é agressiva, em vez de ser catequista. A arma da conquista e penetração, foi, pois, cruel e deshumana. Essa a obra dos sertanistas. A dos missionários, ao contrário, foi beatifica e humanitária. Tal a acção dos jesuítas”.

É essa a realidade. Ou quasi a realidade.

## CAMÕES NA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL

JOÃO MENDONÇA DE SOUZA

É uma satisfação surpreendente e fascinante, ao tempo da epopéia de OS LUSÍADAS, verificarmos que Camões não se revelou apenas épico cantor do grande feito Euro-Afro-Asiático, de Vasco da Gama, na perspectiva histórica da origem étnica. No encadeamento, através das gloriosas descobertas marítimas dos lusos, tem um sentido todo especial, profundamente diversificado, a forma em que nos revela Portugal na idéia maior do Império Ultramarino. O tema luso-atlântico, também evidenciado em seus versos, é inesgotável.

No patriotismo, na saudade, o Poeta se deixa medir na eterna glória da única civilização que lhe era inata como herdeira do Império Romano: pela língua comum, a insuperável e unificadora civilização chamada Ocidental. Não é sem razão que, por isso, ora épico, ora elegíaco, em seus vãos de imaginação, pôde registrar, logo ao início do Poema, mais como exaltação do que como evasão, a fim de melhor o sentirmos na eloqüente e majestosa sensibilidade, esta belíssima oitava de longa experiência e maravilhoso engenho:

Ouvi, que não verei com vãs façanhas,  
Fantásticas, fingidas, mentirosas,  
Louvar os vossos, como nas estranhas  
Musas, de engrandecer-se desejosos;  
As verdadeiras vossas são tamanhas,  
Que excedem Rodamonte e o vão Rugeiro,  
E Orlando, inda que fora verdadeiro. (F.11)

No século XV, Portugal abriu para o Mundo uma nova era. Levou através dos fabulosos mistérios da vastidão do mar, ao norte da África, até chegar ao descobrimento, pelo mar, do caminho à Índia, a religião de Cristo. E alargou os limites da Terra a descobrir-nos, em espetaculares conquistas, plagas até então desconhecidas da África, da Ásia, da Oceânia e da América. E foi a civilização mais cosmopolita no inacreditável poder de miscigenar-se como repúdio ao anátema da discriminação racial.

O exemplo é único no Mundo. Aonde chegou a civilização lusa, em termos de progresso e confraternidade, foi

difusionista. Para tanto ideal de lusitanidade talvez, por isso, na fala do Gama aos melindanos, Camões tenha em mente a ousada conquista do mar, nos tenebrosos episódios do mistério, ao encontro de novos mundos. E daí o empenho de não esconder a História Trágico-Marítima existente nesta oitava de aspecto dramático:

Contar-te longamente as perigosas  
Cousas do mar, que os homens não entendem,  
— Súbitas trovoadas temerosas,  
Relâmpagos que o ar em fogo acendem,  
Negros chuvaeiros, noites tenebrosas,  
Bramidos de trovões que o Mundo fendem...  
Não menos é trabalho que grande erro,  
Ainda que tivesse a voz de ferro. (V. 16)

Diga-se o que se desejar acerca da grande História Marítima Ultramarina dos portugueses, no domínio dos mares e oceanos, ao tempo dos inesquecíveis descobrimentos de terras até então desconhecidas. A verdade, porém, é esta de Fernando Pessoa quando se irmana a Luis Vaz de Camões, nos mesmos sentimentos da gratidão e registro visíveis, nestes seus belos versos de privilégio histórico e documentativo:

Ó mar salgado, quanto do teu sal  
são lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!

No melhor tom épico dessa poesia está a convicção de uma superioridade que ninguém ousa negar aos lusos no domínio do mar-oceano. Vê-se e compreende-se porque em tais ousadias, Fernão de Magalhães, em 1521, heroicamente, pôde cingir o Globo num só abraço. A vontade, a fé, a coragem se tornaram a bússola orientadora no caminho em que Portugal abria para si o Mundo nestas três direções: o Oriente, o Brasil, e a África. E daí para frente não houve terras, a descobrir, onde os portugueses não chegassem para evangelizar e torná-las de logo, incorporadas aos seus domínios. Sim, porque em remate, a esses feitos imortais, é isto que Camões nos assegura, não apenas como real-

ce evidente de poesia, mas em especioso relanço de autenticidade, neste enraizamento valioso. "E se mais mundos hou-  
vera, lá chegara".

O mundo português chegou até à China. Chegou a Macau. Chegou à Oceania. Chegou ao Timor. E assim, isento de enganosa beatitude ou de possível labéu, LUÍS VAZ DE CAMÕES em seus assertos de imensa ventura, na forma em que os lusos conviveram e se mostraram capazes de se fundirem a outros povos, encontrou vez para se dar, por inteiro, aos seus e a todos nós, nestes seus versos perenizados em mil e um episódios inesquecíveis:

E entre gente remota edificaram  
Novo Reino, que tanto sublimaram.

De bravura em bravura, Portugal, na forte resistência da Fé, crescia em feitos infinitos. Avultava a galgar, a atingir, a chegar primeiro aonde outros povos ainda não tinham chegado. E, nisso, também a inveja crescia noutros países ambiciosos de lhe passar adiante no valor da obra imortal. E, por isso, Miguel Torga não se pôde olvidar de o projetar, no enriquecimento da costumada franqueza, fadado a viver nesta luta de resistência insofrida:

De Oeste a Leste a Índia fica vossa  
De Oeste a Leste o vento da traição  
Sopra com força para que não possa  
O rei de Portugal tê-la na mão.

E como a testemunhar tal evidência não nos deixa de fazer sentir a luta em que Portugal se monumentalizou heróico acerca da invasão napoleônica, quando nos convida a acompanhá-lo na esplêndida avaliação deste legado valioso: "Foi em português que Camões escreveu OS LUSÍADAS.

único padrão artístico desse ímpeto que  
[arredondou  
definitivamente a terra e a consciência  
dos que nela habitavam.

Para a épica expansão quinhentista de Portugal, o mar foi caminho; jamais, em tempo algum, divisão. Para além do acaso, ainda repetido por alguns historiadores, o desco-

brimento do Brasil, se efetiva, irrecorrível, nestas doudas palavras de nosso fulgurante Gilberto Freire:

(...) quando ao mar acrescentou terras também nunca dantes percorridas por europeus, o português aventurou-se a desvirginá-las.

Em relação ao continente africano, outro não foi o pensamento de Oliveira Salazar quando, de maneira eminente, inesquecível, nos dá Portugal neste calesdoscópio garrido de paisagens, de fé e de civilização:

"Onde aos portugueses foi dado tempo pelos seus concorrentes para instalar-se, agarrar-se à terra, conviver e misturar-se com as populações, guiá-las à sua maneira; onde isso foi possível, o português deixou um traço indelevel de lusitanidade ou pura e simplesmente estendeu Portugal."

Não é fácil esquecer-se o profundo e alto sentido da penetração portuguesa deixada, queiram ou não, para sempre, em Cabo Verde, Guiné, São Thomé, Angola e Moçambique. Antes de efervescência da chamada Revolução dos Cravos, já Oliveira Salazar dizia aos portugueses:

"Se um povo inteiro se sacrifica como nós próprios, isso, não pode ser capricho ou incompreensão dos governantes mas por alguma coisa que traduz a essência e o sentido da sua história e o seu modo de compreender e viver a vida". Nesse realismo e sobriedade, ainda assim se adiantava para afirmar: "aí está uma preocupação e uma tarefa, capazes de se substituírem a todos os enervamentos e dúvidas e ansiedades da nossa mocidade de hoje, pois que rasgamos horizontes vastos e uma vida que vale a pena viver".

Notam uns, ainda agora, quanto de rançoso foram os conselho de Oliveira Salazar. Na versatilidade, porém, como sementeira de civilizações, Portugal, sem dúvida nenhuma, há-de permanecer como a mais completa e, talvez, única civilização cosmopolita de nosso Planeta. Nenhuma outra civilização lhe é similar nos feitos em que seu genial LUIS VAZ DE CAMÕES o atesta, de forma irredutível, acabada, nestes advertidos versos épicos e eternos:

Se os antigos filósofos, que andaram  
Tantas terras por ver segregados delas,  
As maravilhas que eu passei, passaram,  
A tão diversos ventos dando as velas,  
Que grandes escrituras que deixaram!  
Que intuição de signos e de estrelas!  
Que estranhezas, que grandes qualidades!  
E tudo sem mentir, puras verdades! (V, 23)

Na verdade, CAMÕES apenas doseou fora das impre-  
vistas ficções o épico domínio português na conquista de  
terras e oceanos. É no reconhecimento das lágrimas der-  
ramadas, das vidas perdidas que, na fala do Velho do Res-  
telo, já inconformado, no que, ainda hoje, poucos sabem  
agradecer a Portugal, a aceitar-se como um dos pranteados  
na história dos clamores das mães, das esposas e irmãs dos  
nautas que partiam para o desconhecido, a elas se incorpora  
nas desditas e tragédias para, ex-abrupto, na denominada  
Praia das Lágrimas, realmente, de amplitude de homem na-  
cional assim se perenizar em homem universal.

- 95 “Ó glória de mandar, ó vã cobiça  
Desta vaidade, a quem chamamos Fama!  
Ó fraudulento gosto, que se atixa  
Cua aura popular, que honra se chama!  
Que castigo tamanho e que justiça  
Fazes no peito vão que muito te ama!  
Que mortes, que perigos, que tormentas,  
Que crueldades neles experimentas!
- 96 Dura inquietação da alma e da vida,  
Fonte de desamparos e adultérios,  
Sagaz consumidores conhecida  
De fazendas, de reinos e de impérios!  
Chamam-te ilustrê, chamam-te subida,  
Sendo dina de infames vitupérios  
Chamam-te Fama e Glória soberana,  
Nomes com quem se o povo néscio engana.
- 97 A que novos desastres determinas  
De levar estes Reinos e esta gente?  
Que perigos, que mortes lhe destinás,  
Debaixo dalgum nome preminente?

Que promessas de reinos e de minas  
De ouro, que lhe farás tão facilmente?  
Que famas lhe prometerás? Que histórias?  
Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?

- 98 Mas, ó tu, geração daquele insano  
Cujo pecado e desobediência  
Não somente do Reino Soberano  
Te pôs neste desterro e triste ausência,  
Mas ainda doutro estado, mais que humano,  
Da quieta e da simpres inocência,  
Idade de ouro, tanto te privou,  
Que na de ferro e de armas te deitou:
- 99 Já que nesta gostosa vaidade  
Tanto enlevas a leve fantasia,  
Já que à bruta crueza e feridade  
Puseste nome, esforço e valentia,  
Já que prezas em tanta qualidade  
O desprezo da vida, que devia  
De ser sempre estimada, pois que já  
Temeu tanto perdê-la Quem a dá:
- 100 Não tens junto contigo o Ismaelita,  
Com quem sempre terás guerras sobejas?  
Não segue ela do Árábio, a Lei maldita,  
Se tu pola de Cristo só pelejas?  
Não tem cidades mil, terra infinita,  
Se terras e riqueza mais desejas?  
Não é ele por armas esforçado,  
Se queres por vitórias ser louvado?
- 101 Deixas criar às portas o inimigo,  
Por ires buscar outro de tão longe,  
Por quem se despovoe o Reino antigo,  
Se enfraqueça e se vá deitando a longe!  
Buscas o incerto e incógnito perigo  
Por que a fama te exalte e té lisonje  
Chamando-te senhor, com larga cópia,  
Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia!
- 102 Oh! Maldito o primeiro que, no mundo,  
Nas ondas vale pôs em seco lenho!

Dino da eterna pena do Profundo,  
Se é justa a justa Lei que sigo e tenho!  
Nunca juízo algum, alto e profundo,  
Nem cítara sonora ou vivo engenho,  
Te dê por isso fama nem memória,  
Mas contigo se acabe o nome e glória!

103 Trouxe o filho de Jápeto do Céu  
o fogo que juntou ao peito humano,  
Fogo que o mundo em armas acendeu,  
Em mortes, em desonras (grande engano!).  
Quanto melhor nos fora, Prometeu,  
E quanto pera o mundo menos dano,  
Que a tua estátua ilustre não tivera  
Fogos de altos desejos que a movera!

104 Não cometera o moço miserando  
O carro alto do pai, nem o ar vazio  
O grande arquitecto co filho, dando,  
Um, nome ao mar; e o outro, fama ao rio.  
Nenhum cometimento alto e nefando  
Por fogo, ferro, calma e frio,  
Deixa intentada a humana geração.  
Miserá sorte! Estranha condição". (Canto IV)

Porque tudo isso, de fato, assim ocorreu, não apenas como genial épico, hoje, devemos considerar LUIS VAZ DE CAMÕES. Tanto quanto isso, tão glorioso e diversificado podemos, já agora, igualmente, considerá-lo autêntico profeta da então invencível Civilização Ibérica, herdeira da epopéia, na alma e na própria vida da colossal civilização do Império Romano.

Sim, de fato, em face do mapa do passado e dos impérios desaparecidos, sem dúvida, podemos e devemos considerar que nenhum Imperialismo do mundo jamais conseguirá dominar povos e nações em termos de soberania econômica e independência política. Se hoje temos um Novo Mundo ocidentalizado, progressista, com o homem a pisar em terras da Lua e, dentro em breve, noutros Planetas, devemos de um lado, pelo Brasil ao português; e, do outro lado dos países americanos, ao espanhol. Este é apenas um exemplo testemunhado para a posteridade e que jamais poderá desaparecer da real história milenária e humanizada do

Mundo. A felonía jamais teve qualquer merecemento em face da verdadeira História. Daí porque, através dos séculos, OS LUSÍADAS, de Luís Vaz de Camões, em tempo algum deixará de ser o Poema Épico de esclarecimento da verdade que hoje, intencionalmente se procura, sem nenhum êxito, deformar na História do Novo Mundo. Por consequência, sobretudo, em nome da verdadeira história de nossa Pátria, a Luís Vaz de Camões, com o seu glorioso OS LUSÍADAS, aqui estou, para dizer aos portugueses, agora e sempre, muito obrigado.

## O SONETO NO AMAZONAS

### (Sua Estética — Sua Evolução)

JORGE TUFIC

A parte os sonetos atribuídos a Francisco Vitro José da Silveira, nos quais o autor faz uso do verso heróico para exaltar a D. Francisco Requeña, por ocasião de sua chegada a Tabatinga, depois de penosa viagem, foi Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha quem primeiro revelou esse gênero de poesia na terra das Amazonas, ao tempo comarca da Província do Pará. Será de justiça, portanto, considerá-lo o Sá de Miranda do soneto amazonense, ou mais precisamente do soneto inspirado na Amazônia, versando temas ligados à região, sendo óbvio que o poeta estivesse preso ao estilo de versejar ainda em voga na língua portuguesa, através de Camões e Bocage. São exemplos recolhidos pelos antólogos o soneto "em que o poeta canta a atitude heróica de uma mulher, a mameluca Maria Bárbara, casada com um soldado do regimento de Macapá, a qual fora cruelmente assassinada no caminho da fonte do Marco, por não querer adular", e "A Um Passarinho", também soneto, incluído na "Seleta Literária do Amazonas", organizada pelo professor José dos Santos Lins.

Calcula-se que desde então o soneto tenha ingressado na primeira linha de preferência daqueles surgidos logo depois do ano de 1850, único marco oficialmente reconhecido pelos nossos historiadores como inicial das atividades literárias desenvolvidas no Amazonas; nunca, porém, sobrepondo-se ao extravasamento diante da natureza exuberante, como em certos poemas de Torquato Tapajós, Paulino de Brito e outros, mas cultivado sempre com o pudor e o recato exigidos pela tradição aristocrática.

Tradição Aristocrática, menos quanto às regras arquetônicas do soneto petrarqueano ou alexandrino, do que no enfoque dos temas que, passando ao longe das sugestões oferecidas pelo meio ambiente, acolhiam o exótico que nos chegava por intermédio do simbolismo e do parnasianismo. Daí naturalmente não termos fugido à norma dos outros meios quando, já no período realista, ávido na fruição da

verdade presente, os nossos poetas buscavam outras eras e outros povos, outra fauna e outra flora, outras terras e outros paraísos que desse a felicidade ilusória de uma fuga cotidiano monótono, do presente detestável pelo seu prosaísmo enfim, dos sofrimentos íntimos que forçavam aberturas para regiões banhadas pelo Mediterrâneo, alcançando a magia do Oriente na antevisão de Misora, Golconda e Ofir, presentes nos versos de Varela e Castro Alves.

Nem se poderia exigir mais numa terra ainda pobre e distante. Manaus, elevada a categoria de cidade da Barra do Rio Negro, em 1848, e à Província, em 1852, apresentava naqueles idos um aspecto bastante pitoresco, onde era comum verem-se os mestiços carregar água em potes de barro. Cheia de inclinações e riachos murmurantes, foi-se, ao fluxo da borracha, transformando depois “num recanto trepidante da velha Europa”, numa expressão de Anísio Jobim. A poesia desta fase corresponde, com alguma originalidade, às influências recebidas dos grandes centros culturais do Velho Mundo também do Rio de Janeiro —, e os sonetos de Thaumaturgo Vaz, Theodoro Rodrigues, Maranhão Sobrinho, Cid Lins, Jonas da Silva e Raimundo Monteiro, absorviam os últimos róseos clarões de um simbolismo que, como escola, deixaria de existir para sempre a partir de 1900.

Numa pesquisa de acesso limitado aos volumes, hoje raríssimos, dos poetas em estudo, conclui-se que, exceto vários alexandrinos de requintado labor parnasiano, foi o soneto decassílabo, segundo o esquema abba/abba/cdc/dcd, o mais ardorosamente cultuado por aqueles pioneiros, com destaque especial de Maranhão Sobrinho e Jonas da Silva. O soneto amazonense apenas se desenhava em nossa literatura, procurando, aqui e ali, assimilar-se com o mundo estranho e de múltiplas formas de vida que infundem no poeta aquela espécie de frustração diante do absurdo. Não foi à toa que Jonas da Silva retratou o “Lago Maldito”, soneto do seu último livro “Czarfas”, no qual até o décimo segundo verso, encaixa nada menos que seis termos vulgares da região — garças, jaçanãs, vitórias-régias, timbó, barbatanas, etc. — para encerrar com uma chave de ouro, comparando-se ao peixe que se debate, envenenado pela droga silvestre:

“Assim tombei nas lutas desumanas,  
Tal a Desgraça envenenou-me o Sonho...”.

O pudor exagerado do artesão, a unfamiliaridade com os objetos que significam as partes do conjunto ecológico, entre outros fatores igualmente nativos, concorreram fatalmente para reduzir o sonetista às grades rígidas do soneto, embora as tentativas de combiná-lo à realidade exterior que o cercava, fato este que se nota em quase todos os autores citados nesse período da nossa história literária. Amadores e mestres do soneto, faltaram-lhes, talvez, ousadia e despreendimento das formas estabelecidas pelo gosto da época, deixando o soneto flutuar como um balão cheio de suspiros e melancolias, poucas vezes roçando a tona dos igapós, ou alcançando-se no ar com a leveza das garças — somente com a leveza real das garças — não com a realidade apenas metafórica dos seus adejos razantes.

Quero esclarecer desde logo que o soneto amazonense, tal como estou procurando situá-lo, não pode ser caracterizado apenas pelo tema, mas veremos adiante que a sua evolução se processa, também, no sentido da conquista de uma estrutura singular.

## O SÉCULO XX

O Século XX, nas primeiras três décadas, por assim dizer nas duas gerações de homens de letras que, até 1910, viveram as benesses da época da borracha e até 1930 sofreram as consequências da primeira Grande Guerra Mundial, a par das transformações estéticas do Modernismo, do movimento de antropofagia e da revolução contra a Primeira República, deu-nos nomes como o de Álvaro Maia, Petrarca Maranhão, Raimundo Nonato Pinheiro (pai), Américo Antony, Cosme Ferreira Filho, Mavignier de Castro, Heliodoro Balbi, Francisco Galvão, Alcides Bahia, Hemetério Cabrinha, além de outros, para somente alinhar os que dedicaram ao soneto talvez a maior parte de sua obra poética. Essa forma continuava, por "harmoniosa e essencialmente adequada à manifestação dos mais sutis como dos mais fortes pensamentos", atrair e desafiar a inteligência dos nossos poetas, vergados sob a influência dos mestres franceses, diretamente pelo famoso quarteto Leconte de L'Isle, Théophile Gautier, Banville e Herédia, e indiretamente pela trilogia clássica — Alberto de Oliveira, Olavo Bilac e Raimundo Corrêa, acrescentando-se-lhe, por justiça, o nome de Vicente de Car-

valho, conhecido como o poeta do mar. "Em todos — de-  
põe Alceu Amoroso Lima — a célebre impassibilidade parna-  
siana é corrigida pelo estuante lirismo brasileiro". Outras  
matrizes de influência podemos encontrar em Guerra Jun-  
queiro, Antero de Quental, Antônio Nobre, Eugênio de Cas-  
tro, Cruz e Souza, Alphonsus de Guimaraens e Augusto dos  
Anjos, entre portugueses e brasileiros, sobressaindo, ao in-  
vés do "estuante lirismo brasileiro", um simbolismo panteís-  
ta que marca e dá início, com Américo Antony, a um ciclo  
novo de ancoragens altamente felizes nos temas da terra,  
adentrando os mistérios da selva, desferindo mergulhos pa-  
ra auscultar o íntimo das águas solitárias, tudo numa lin-  
guagem que já se apresenta uniforme, sem vacilações nem  
desvios saudosistas, no andamento de quatorze versos mo-  
delados com a força nativa a serviço da poesia. Parâmetros  
sintomáticos desse reconhecimento, dessa integração do poe-  
ta com as impressões que lhe chegavam do meio, da paisa-  
gem, da história, dos mitos, já se denunciam nos sonetos  
deste autor amazonense, notadamente "O Igapó", cuja su-  
perfície nos encanta com seus "líquidos olhos de pagés boian-  
do"; "Os Tucanos" e uma variedade de outras peças literá-  
rias no gênero. Sem dúvida que autores da mesma geração,  
a exemplo de Alvaro Maia (soneto "Garças"), Quintino Cunha  
(soneto "A Piracema"), Mavignier de Castro (soneto "Luar  
Amazônico"), intentaram, dotados do mesmo arsenal poé-  
tico, seguir o roteiro que, para Américo Antony, tornara-se  
desde o início de sua vida literária uma verdadeira obses-  
são, quase religiosa porque nele havia também um caminho  
para alcançar a plenitude divina, através da natureza ama-  
zônica. Lamentavelmente, porém, esse águere de um mis-  
ticismo coberto de lianas e sons mágicos de aves soturnas  
e misteriosas, refratário ao progresso, tornou-se da mesma  
forma hostil à urgente aquisição de uma linguagem que  
pudesse desvestir o soneto das suas matrizes puramente de-  
clamatórias, indo, assim, ao encontro do seu próprio idio-  
ma. Não conseguiu, por este motivo, fugir aos lugares co-  
muns, se assim nos podemos expressar, não obstante o es-  
forço de originalidade com que procurou plasmar o seu uni-  
verso poético. Qualquer segmento, tomado a esmo, de seu  
livro "Os Sonetos das Flores", dá-nos esse gosto amargo de  
quem optou, finalmente, pela ilha, com a roupa do corpo  
e a memória das coisas simples guardadas nas palavras que  
nos doa, fraternas como um regato, claras como o silêncio

das flores. Admite a cronologia ter sido ele a voz última, o derradeiro cisne a fundir seu canto de morte com as auroras e os crepúsculos da terra em que nasceu.

## A DÉCADA DE 40

Anos 40, e ressoam nas páginas dos nossos jornais e revistas as crônicas mundanas daqueles que se foram, no torvelinho dos anos fatídicos, boêmios e dispersivos, sem deixar livros publicados, sonetos apenas de glória fácil, mencionados junto aos "Dois Cisnes", de Júlio Salusse e "A Cegonha", de Aníbal Teófilo; Guilherme Salles, Tecelino de Almeida, Ludivico Lins, Nylo Guerra, Júlio Tabosa, Nestor Cyriaco, Genésio Cavalcante e tantos outros. Em 1935 só se tinha notícias das duas revistas que veiculavam em Manaus as idéias da corrente modernista de Antropofagia: "Redenção" e "Equador", de Clóvis Barbosa. Estávamos em plena fase do pós-modernismo no Brasil. No Amazonas, todavia, compreende-se o refluxo da maré sob três aspectos evidentes: a debacle da borracha silvestre, o impacto das revoluções estéticas operadas no mundo após a Guerra de ... 1914, e o Estado Novo, exercendo o controle ideológico por via do seu Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). A literatura desse período resume-se nas correntes antagônicas Inferno Verde e Paraíso Verde, na historiografia amazônica, no ensaio de fundo puramente literário e na saga infamante dos seringais, iniciada com "A Selva", de Ferreira de Castro. Na poesia há nomes que devem merecer o nosso respeito à luz de inspirados torneios com a forma do soneto clássico: José Ferreira Sobrinho, Mário Ypiranga Monteiro, Mitridhates Correa e Araújo Neto. Verifica-se uma chegada mais íntima, menos preconceituosa, aos termos do quotidiano, ao problema social, intercalada aos devaneios líricos e filosóficos, ao recurso monológico do cigarro, símbolo das coisas efêmeras, vazias, conforme exemplificam "Legenda" e "Simbolismo", de Araújo Neto. Decretada a morte do soneto, desde 1922, pela Semana de Arte Moderna, outras formas de poesia, de versos livres, irregulares, de feitio libertário, explodiram aqui e ali nos órgãos da nossa imprensa, para logo depois servirem de motivo de riso nos círculos conservadores de Manaus. As panóplias e os troféus de usança medieval tremiam à passagem dos artefatos mecânicos de alimentação automática. José Chevalier, Pereira da Silva, Mi-

riam Moraes e Sebastião Norões compunham esse grupo considerado extravagante nas concepções modernistas, absorvidos sobretudo com o fator impacto das imagens absurdas. O soneto, inclusive no Amazonas, passou por um longo período de hibernação, sendo, no entanto, cultivado em silêncio e nos limites fixados pela escola parnasiana.

### A GERAÇÃO DE 45

A geração de 45, no Amazonas, estava reservada a tarefa de renovar amplamente os recursos, bastante exauridos do verso-pelo-verso, da arte-pela-arte, primeiro, na absorção dos processos em movimento no Rio de Janeiro e São Paulo, onde o neo-modernismo restaura o soneto dando-lhe sangue novo, roupagens novas seguindo, na fundação de princípios capazes de existencializar essa tarefa no contexto literário da província. Nada disto, porém, aconteceu, apesar dos jovens de talento que integravam o Centro de Estudos da Mocidade, além de outros, ao abrigo de prêmios estudantis mantidos pelo esforço comum dos próprio fundadores. Desta geração fazem parte Kideniro Teixeira, Aureo Mello, Plínio Ramos Coelho, Djalma Passos, Alminio Álvares Afonso, Ubiratan de Lemos, Paulo Monteiro de Lima, Alfredo Aguiar, Anísio Melo e Homero de Miranda Leão, este último com livro publicado somente em 1963, para assinalar apenas os que, poetas constantes ou bissextos, fizeram do soneto o melhor que puderam no desempenho de sua mensagem.

Em Kideniro Teixeira ("Lanterna Azul" — 1941), aos temas iniciais de marinha e as evocações bucólicas de sua Fortaleza natal, segue-se um desfile de sonetos vazados numa dicção de peito aberto, crua, alternada de lirismo, sátiras e decepções conceituosas, transcritas numa linguagem de panfleto. Há desalinho na forma, que se vulgariza ao nível da fala direta, sem rodeios, passando ao largo das metáforas engenhosas para ficar mais próxima das circunstâncias afetivas do seu convívio ordinário. Por isso mesmo constitui, ele, uma voz diferente, quase sempre exaltada na defesa dos humildes, dos santos, dos crentes, dos revoltados, dos tiranos, dos amantes. E o soneto lhe serve bem para transmitir e documentar os seus impulsos lucubrativos e sentimentais, numa dupla satisfação, — estética e humana —,

ou seja, do artista que sonha e do homem que sangra na procura de realizar os seus ideais de felicidade de fraternidade.

Áureo Mello publicou "Luzes Tristes" e "Claro Escuro", revelando-se um temperamento soturno, introspectivo, gongórico, fazendo ressoar um lirismo tardívo na fruição dos contrastes oferecidos pela retórica dos sentimentos falados. Um neoparnasianismo, a levar-se em conta sua posição de combate à poesia modernista de 22. Teve tudo para ser atual, mas deixou-se absorver pelos hábitos do passado, não obstante seu legado poético dessa hora reluza nas antologias com alguns sonetos vincados pelo martírio da forma, de permeio com uma riqueza de metáforas surpreendente.

Vinte e sete anos depois reaparece Áureo Mello com "neomênia", colocando-se agora, pela simplicidade dos meios de expressão obtidos sem quebra de unidade formal, entre os poetas brasileiros da "Geração de 45", entrando definitivamente para um clima de universalidade defendida por Milton de Godoy Campos como um das características mais acentuadas a construir o ideário e a estética dessa reforma na poesia nacional. Seu lirismo é pessoal e transborda para o diálogo. O soneto apresenta-se nele como se diria de alguém que tivesse remoçado ao ponto de voltar à juventude: o mesmo homem, com sangue novo. Destaco desta coletânea "A Madeiras", pela sobriedade das quatorze linhas, pela técnica do diálogo e do monólogo nos quais a dramatização contida sob as rédeas do ictó, marcando o verso heroico, envolve a essência dos objetos narrados, presentificam entre o cimento e o ferro e o vidro do apartamento, o próprio ruído da floresta ausente.

Das demais citados, afora os bissextos Plínio Coelho, Almiro Alves Afonso, Ubiratan de Lemos e Alfredo Aguiar, apenas Djalma Passo, Anísio Melo e Homero de Miranda Leão comparecem com seus livros "Poemas do Tempo Perdido", "A Vozes Amargas", "Tempo e Distância", "Lira Nascente" e "Mundurucânia", respectivamente. A essa geração pertence ainda o Padre Nonato Pinheiro, exclusivamente sonetista.

### **O CLUBE DA MADRUGADA**

O longo atraso cultural lastreado por fatores de várias naturezas, chegaria na década dos 50 ao seu ponto mais agudo, quer sob a pressão valorativa da Amazônia, quer

pela consciência que a nova geração ia tomando de sua província afastada e desnutrida pela ausência de meios que lhe proporcionassem o intercâmbio com os centros desenvolvidos. Com a fundação do Clube da Madrugada, em 22 de novembro de 1954, os valores jovens isolados em grupos ecléticos aglutinam-se, dando como resultado um movimento geral de idéias visando ao melhor esclarecimento do povo diante das artes, das letras e das ciências, subordinadas, então, ao mesmo sistema extrativo que predominava na economia regional. Conhecedores das obras publicadas no sul pelos que representavam a geração de 45, os poetas desse grupo deram, também, ao soneto, um conteúdo de modernidade e foram mais além, exercitando-lhe, com raro virtuosismo, os mais variados estilos de construção. Alguns deles sobreviviam à doença do romantismo enriquecidos, porém, com o manejo do verso. Por volta de 1957 tomaram conhecimento do movimento concretista no Rio de Janeiro e São Paulo, estabelecendo intercâmbio regular com os mentores do Suplemento Dominical do "Jornal do Brasil", no qual publicaram as suas experiências no domínio verbi-voco-visual e recebiam de lá as críticas e os incentivos para continuá-las. Mas nem por isso deixavam eles de produzir sonetos, mesmo depois de 1960, com o advento de outras correntes poéticas renovadoras: neoconcretismo, poema manipulado (Roberto Pontual), poesia praxis (Mário Chamie), poesia de muro (Clube da Madrugada, Manaus), poesia na parede (Rio), sincretismo (Pernambuco) e poema-processo (Waldirir Dias Pinto, Rio). Tomava-se pé no que ia de novo no Brasil e no mundo, mas volvia-se logo, por obra talvez de um tropismo inexplicável, aos quatorze versos em que, mais à vontade, plasmavam-se — clara ou hermeticamente — os objetivos da emoção sentida na tranquilidade linear do esquema tetra-partido. Alencar e Silva, Guimarães de Paula, Luiz Bacelar, Farias de Carvalho, Jorge Tufic, Ernesto Penafort, Anthstenes Pinto, Benjamin Sanches e L. Ruas fazem parte da primeira leva. Alcides Werk, Elson Farias, Max Carphentier, Jacob Ohana, Alexandre Otto e Vicente Limongi Neto fazem parte da segunda leva. Posteriormente, surgiram poetas notáveis como Moisés Lindoso, Jorge Ernani Pucú, Aldísio Filgueiras, Afrânio de Sá, Heimar Veras e Aníbal Beça, porém refratários e esse tipo de lavoura. Entre os bissextos da primeira leva, podem-se incluir os nomes de Jefferson Péres, Edson de Souza e José Gaspar.

Ganhava o soneto as três dimensões que lhe faltavam, aliadas a uma técnica segura como extensão para o domínio dos vocábulos recolhidos do quotidiano poetizável: o soneto regionalista propriamente dito, o soneto urbano — intimista, universal, naturalmente propenso ao hermetismo surrealista —, o soneto urbano localista, documentário de lugares a que estão ligados fatos pitorescos da infância ou fatos históricos. As mostras dessa evolução estão contidas em "Varanda de Pássaros", de Jorge Tufic; "Pássaro de Cinza", "Canções de Bem Amar com Lições de Bem Sofrer", de Farias de Carvalho; "Frauta de Barro", de Luiz Bacelar — "Porta para o Quintal", "Noturno do Bairro dos Tocos", "Noturno da Rampa do Mercado", etc.; "Ciclo das Águas", de Elson Farias — "Soneto Mural", "A Saracura", "Papa-gaios de Papel", "Prenúncios Vegetais", etc.; "Chão sem Mácula", de Jorge Tufic — "Ao Recém Nascido do Bairro do Céu", "Soneto (introdução) à grande natureza morta metafísica", de Giorgio Morandi, etc.; "Lunamarga", de Alencar e Silva — Soneto II do Tríptico do Espanto, etc.; "Azul Geral", de Ernesto Penafort — "O Touro Cinza traz sob o Ocipício", etc.; e mais: Benjamin Sanches, com "Rosa-Negra", de Luiz Augusto Lima Ruas — com sonetos auto-biográficos; Alcides Werk, com "Soneto Aberto Sobre a Morte" e Anthístenes Pinto, Guimarães de Paula, Max Carpentier — com "Lenda" e outros sonetos; Jacob Ohana: "A Chuva" e outros sonetos; Paula e Souza — com "A Ovelha Perdida" e outros sonetos; Alexandre Otto — com "Branco" e Vicente Limongi Neto — com "Frio Recado".

O processo aclimativo do soneto feito pelos nossos poetas, traciona o conjunto de maneiras que vai do clássico ao incompto, do incompto ao neoparsiano e, finalmente, deste ao sonetinho e ao soneto sem rimas, isto é, da miniatura à opção menos rigorosa do soneto pelo meio-soneto, mais favorável, por outro lado, aos recursos das rimas internas, rimas imperfeitas e rimas toantes. Leiamos, por exemplo, este quarteto de Elson Farias:

"A saracura enfiara o bico verde  
na manhã pétrea e lúcida e os galos  
feriram com seu bico o lençol leve  
do dia que se abria como um lago"

A concordância dos sons acontece com tamanha es-

pontaneidade, que somos conduzidos unicamente pelas conotações descritivas, onde a saracura, os galos, o dia e o lago revelam para nós um mundo que acaba de nascer. Neste poeta, vegetalmente barroco, talhando a golpe de luz mística os contornos do seu universos interiorano, o soneto haure os mistérios e a seiva de cada momento e se funde, exato, numa temperatura mais afeita ao idílio, movido que é por um sentimento inato de aceitação ante os fenômenos da natureza. Na parte que lhe toca, este gênero atinge o clímax de abertura às audácias que poderão, talvez dificilmente, superá-lo. Em geral, sua poética está marcada por algumas influências de Jorge de Lima e João Cabral de Melo Neto.

O soneto de origem intimista, fechado em seu labirinto de espelhos, foi e tem sido uma constante na poesia amazonense de hoje. O antes intitulado urbano localista, enquadra-se perfeitamente em Luiz Bacelar e Farias de Carvalho, que dele nos apresentam instantes preciosos de evocação, intermediada por notas elegíacas sobre o tempo e os seres passados. Como neste soneto de Luiz Bacellar:

“Há tanta angústia antiga em cada prédio  
Em cada pedra — nua e gasta. E agora  
em necessário pranto que demora  
o amargo verso vem como remédio

pelos sonhos frustrados de cada hora  
da ingaia infância. Madurando o tédio  
nos becos turvos, porque exige e pede-o  
inquieta solidão que assiste e mora

em cada tronco e raiz, calçada e muro:  
“Chora-vintém”, “O Pau-não-Cessa”. Impuro  
se derrama um palor de lua morta

nas crinas tristes, no anguloso flanco:  
memória e angústia fundem-se num branco  
cavalo manco numa rua torta”.

Observa-se a cadência do verso, acompanhando o trote irregular do cavalo, numa rua torta. É o noturno do bairro dos Tocos, suas calçadas velhas, seus muros, suas inscrições a carvão, erigidos como testemunhas de um passado que se infiltra pelas brechas das paredes, pelas juntas das pedras,

reflorido à luz dos símbolos que se animam nas relembranças.

### EVOLUÇÃO E ATUALIDADE

Numa definição simplista, poder-se-ia dizer que a singularidade do soneto manifesta-se aqui por meio de um ecletismo fundamental, onde todas as boas regras do jogo são mobilizadas para que o relógio combine a sua estrutura interna com as evidências externas. Alencar e Silva o define melhor no que serve de abertura à segunda parte do seu "Lunamarga": "coisa que funcione como relógio e o que ele preconiza". É a simplicidade como técnica de perfeição — tal o pássaro que tece as palhas do ninho —, o que torna, enfim, o soneto da lavra amazonense um objeto de linhas calmas e transparentes, despojado de lugares-comuns e dos artificios postos em prática, na ânsia de sua restauração, por certos autores da corrente futurista. E, é, ainda, Alencar e Silva quem teoriza, na prática destes quatorze versos, que ele preferir sejam de um poema:

"Quero enxuto o meu verso e muito simples  
com frescura de terra após a chuva  
com palavras-sementes-cernes de onde  
nasça a rosa em moldura em noite ou sol.

Quero o verso assim puro e despojado  
Sem intenções à angústia ou alegria  
verso assim fácil como a mão que estendo  
às estrelas às fontes ao mistério.

Quero o verso-veículo-e-mensagem  
verso-barco-de-pássaros-e-peixes  
verso-mar verso-azul verso-cidade

Verso-verso que lhe abra a porta e diga  
vendo-a pura ou coberta de pecados  
— entra, amor, te esperava, a casa é tua.

Outros, de autores diversos, poderiam ser tomados como exemplo dentro de um plano de amostragem fértil, inclusive, de originalidade nas aproximações semânticas em que a palavra e o objeto colidem e até se eclipsam, constituindo a própria estrutura que se tematiza, valendo-se deles como

elementos plásticos de construção poemática. É o caso do meu soneto (introdução) à grande natureza morta metafísica, de Giorgio Morandi ("Chão sem Mácula", pág. 21), no qual a palavra forma, verbo, funciona como substantivo. Simplexa e complexidade, ou vice-versa, não às vezes impressões sinônimas na textura de artefatos resolvidos ao calor de temas vagos e abstratos. Daí porque a simplicidade pode ser também uma questão de ângulo no qual a obra de arte se instale em relação à experiência do leitor ou de expectador. Na maioria, contudo, são as palavras de uso corrente que geram o impacto na constatação de que algo mais, além dos signos, escraviza o poeta e o faz procurador vitalício dos outros homens junto aos mistérios da poesia.

### PORQUE HISTÓRIA E EVOLUÇÃO

Mas, por que história e evolução do soneto ao invés de história e evolução da poesia? Estou certo de que a resposta será mais ampla do que se imagina. 1.º) — o soneto foi a primeira composição poética ou a primeira obra literária que aparece, em português, no Amazonas; 2. — tem sido ele gênero de preferência dos nossos autores, pela síntese que obriga em face do maquinismo rígido mais agradável das estrofes; 3.º) — porque de toda produção poética do Estado, é o que mais oferece campo de aferição crítica estabelecadora de princípios para estudo, em maior profundidade, sobre a literatura amazonense. Com efeito, a psicologia dessa preferência enraíza-se muito além do que se poderia pensar, sendo válida, inicialmente, a hipótese de um equilíbrio na oposição-integração do mínimo possível, substanciado na estrutura complexa da natureza amazônica, tão vasta no seu conjunto, que somente através de flagrantes e aspectos naturais definidos, poderá ela ser captada ou sentida como um todo. A segunda hipótese repousaria no velho fator predominante do ócio, da ociosidade do homem da região, instituidor da rede nas longas sextas a céu aberto, entre dois galhos em forquilha, desafeito, por isso mesmo, à exaustão dos trabalhos de sequência demorada. Além disso, o gênero conota amplitude de obra definitiva, realizada, capaz de sobreviver aos demais compreendidos numa bagagem literária. Camões, Bocage, Anvers, Bilac, Salusse e outros têm seus nomes ligados umbilicalmente a um só e único

soneto. Os segmentos que abaixo transcrevo, já são, há muito, de foro popular:

- sete anos de pastor Jacó servia —
- rasga meus versos, crê na eternidade —
- tenho nalma um segredo e na vida um mistério
- “Ora (dizeis) ouvir estrelas. Certo  
perdeste o senso —
- a vida, manso lago azul, algumas vezes — etc.

Aníbal Teófilo produziu aqui “A Cegonha”, que figura nas principais antologias oficiais de língua portuguesa. Quintino Cunha e Américo Antony são lembrados por magia dos quartetos contidos no “Encontro das Águas” e “Ronda dos Cisnes”, ao mesmo tempo em que os sonetos deste último, “O Igapó”, “As Cigarras” e “Os Tucanos”. Jonas da Silva é o poeta de “Santa Tereza” e “O Coração”. E assim por diante. Chegamos aos nossos dias: enfatizado o valor autônomo da palavra no espaço branco do papel; desarticulado o verso; desintegrado o vocábulo em busca de novos significados visuais cu, finalmente a linguagem verbal pelo poema/processo — resiste o soneto com sua força estratégica, seduzindo pelo artifício e pelas margens que oferece como veículo especial para qualquer tipo de mensagem, livre das subordinações específicas dos incontáveis gêneros poéticos hoje desaparecidos.

Escreve Mello Nóbrega que “o soneto não obstante às regras da sua estruturação, oferece amplitude à manifestação da via poética: não obriga a repetição de uma frase temática; não condiciona com quatro ou cinco rimas, distribuídas por quatorze versos, o que é, nas línguas de origem latina, farto recurso de consonância. Ao contrário do idioma ânglo-saxão (por isso mesmo, abandonou o padrão clássico), aqueles são ricas em rimas, não constituindo, assim a estrofação rigorosa do soneto, dificuldade inibidora. Provam-no a abundância com que, há séculos, vem sendo cultivado, e as complicações que nela se introduziram”. No dizer de Paulo Mendes Campos “a inteligência se adentra com o difícil, a faculdade de invenção se apura e aparece melhor dentro de condições limitadas; enfim, a convenção da forma excita a prazer de inventar. A liberdade vale mais quando consente a disciplina. Desprezar uma convenção poética é um gesto humano, não é um gesto poético”. E Otto Maria

Carpeaux observou que o soneto constitui, na literatura ocidental, uma das mais antigas formas fixas e a única subsistente. "Isso — conclui Mello Nóbrega — por ser e de maior substância entre o sentimento e a sua fixação. Esse distanciamento condiciona o conteúdo do poema, implicando a condenação do soneto descritivo, à maneira de Heredia: Tendo na força evocativa sua verdadeira expressão, o soneto não era indicado para o objetivismo dessa poesia que se jactava de ser apenas um registro de impressões sensoriais, recebidas do mundo exterior ou elaboradas pela evocação. Deslocado o conceito de poesia para esse mundo de imagens plásticas e sonoras, era lógico que o poema fosse tratado pelo processo pictórico e musical, por contágio dos seus motivos temáticos: cromatismo de sons, jogos paralelísticos e contrastantes de palavras e frases, ritmo condicionado à criação de sugestões auditivas e dinâmicas, numa super-posição de planos retóricos. Perdida a força lírica original, o soneto deixou de ser o "moment's monument", de que falou Dante de Gabriel Rossetti, no sentido de celebração de instante sentimental, em que se situa o milagre íntimo da "distância" poética. Daí, como lembrou Carpeaux, serem os maiores sonetos da literatura universal obras de poetas como Petrarca, Camões, Keats e outros que souberam criar "pela distância, num caos de sentimentos, uma ordem subjetiva, de que as rimas são os índices e a chave de ouro, a suma".

Há-de ser igualmente válida, afinal, a citação de um trecho de Paulo Mendes Campos, apresentando ao leitor brasileiro "Forma e Expressão do Soneto"; "Para organização desta antologia, preferimos obedecer a uma associação de critérios; antes de tudo, a exigência de um espaço dado; quisemos dar uma evolução do soneto brasileiro; não nos preocupou o escrúpulo de reunir os melhores sonetos de nossa poesia, que nos obrigaria a repetir certos poetas; na maioria dos casos seguimos nosso gosto pessoal, mas aqui e ali cedemos o juízo à consagração popular; entendemos que deviam ser representados aqui alguns poetas que, vindos do modernismo, chegaram mais tarde a cometer o soneto; com ALPHONSUS DE GUIMARAES FILHO, LÉDO IVO, MARCOS KONDER REIS, PÉRICLES EUGÊNIO DA SILVA RAMOS e GEIR CAMPOS, apresentamos alguns sonetos de geração mais moça". Fazendo nossa a mesma justificativa, atende-se bem no termo evolução do soneto, para que se evitem confundir a regra fixa do mesmo com a sua

mutável (e até certo ponto inquietante) manifestação orgânica.

Neste esboço introdutório do estudo da poesia amazense, nem todos puderam ser chamados, pela exigüidade do espaço, e poucos foram os escolhidos para integrar a pequena antologia que lhe corre parêntese, procurando estabelecer um roteiro cercado aos talos enganosos que se imolaram à lâmina, unicamente em proveito da causa maior.

## NOTAS

- (1) — José dos Santos Lins, "Seleção Literária do Amazonas", Edições Governo do Estado, série Raimundo Monteiro, 1966.
- (2) — Anísio Jobim, "A Intelectualidade do Extremo Norte", Livraria Clássica, Manaus, 1934.
- (3) — Hélio Lopes, "Mistério do Vaso Chinês", ensaio.
- (4) — Mello Nóbrega, "O Soneto dos Sonetos", Revista Cultura, MEC.
- (5) — Jornais, revistas e livros dos poetas citados.
- (6) — Anísio Mello, "Lira Amazônica" (antologia), edição do Correio do Norte", São Paulo, 1970.

### (Prefácio de Antologia)

**Autores antologados: PARTE PRIMEIRA:** Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, Thaumaturgo Sotero Vaz, Maranhão Sobrinho, Jonas da Silva, Raimundo Monteiro; Cid Lins, Elias Gavinho, Heliodoro Balbi, Octaviano Mello, Américo Antony, Ezequias da Rocha, Hemétrio Cabrinha, Félix Valois Coelho, Álvaro Maia, Mithridates Corrêa, Mário Ypiranga Monteiro, Mavignier de Castro, Cosme Ferreira Filho, Francisco Galvão, Araújo Filho, Quintino Cunha, Luiz de Castro, Homero de Miranda Leão, Padre Nonato Pinheiro, Áureo Mello, Benjamin Sanches, Djalma Passos, Edson de Souza, Paula e Souza, Alcides Werk. **PARTE SEGUNDA** — Luiz Bacellar, Farias de Carvalho, Alencar e Silva, L. Ruas, Thiago de Melo, Guimarães de Paulá, Antísthenes Pinto, Ernesto Penafort, Elson Farias, Jorge Tufic, Max Carpentier, Alexandre Otto, Jacob Ohana, Vicente Limonge Neto, etc...

## UMA CRUZ NA FLORESTA

EPAMINONDAS BARAHUNA

Os navegantes da rede potamográfica do vale amazônico podem se defrontar com as mais variadas e curiosas experiências, muitas delas traduzindo ou revelando pungentes realidades, a serem enfrentadas com estóicas e objetivas soluções, ditadas pelas circunstâncias especiais.

Vejamos a curiosa história que nos foi revelada por um excelente profissional, comandante dos vapores que cruzam a região. Estava ele capitaneando uma das famosas "chatinhas", ou navios de roda à popa, subindo o rio Juruá. Este é uma longa avenida líquida, comprida de três mil, duzentos e oitenta e três quilômetros, desde o Cerro Mercês, nas encostas da Serra Cantamana, até desaguar no Solimões.

O caso em si foi muito simples e não menos comum, como seja, ocorrer o falecimento de uma pessoa a bordo da embarcação. A velha "chatinha", superlotada de passageiros, particularmente na terceira classe, prosseguia a sua longa jornada rio acima, na crista de uma tremenda inundação. Transbordando do leito, as águas cobriam as margens e penetravam fundo através da densa muralha de selva que, em face dessa condição, delimitava o curso do rio. Com seu ruído típico, soprando e arfando, aparentando extrema fadiga, a embarcação vencia penosamente o forte caudal. Horas sucessivas a viagem prosseguia, devorando milhas com lentidão, ao longo de uma sucessão interminável de florestas e campos inundados. Nesse compasso, a navegação continuava, com o navio levando no convés real, de mistura com passageiros e tripulantes, o cadáver de uma infeliz mulher, colhida pela morte sobre aquelas águas, ao largo daqueles barrancos submersos. Com o passar do tempo o problema foi se tornando angustioso, difícil, agudo, e o capitão da embarcação começou a ficar preocupado, em face da impossibilidade de sepultar a morta, conforme se impunha, não apenas como uma das mais observadas prescrições bíblicas, mas também como princípio básico de higiene. Já em horas bem avançadas da tarde, com a perspectiva de um anoitecer com o cadáver ainda a bordo, o Comandante observava atento as margens, para ver se locali-

zava um pedaço de terra a descoberto, onde pudesse cumprir aquela piedosa missão. A certa altura, foi com evidente sensação de desafogo que avistou um recorte na margem, conseqüente da confluência de um pequeno igarapé, ao fundo do qual emergia das águas uma elevação, oferecendo a possibilidade de fazer uma atracação e providenciar a escolha de local para cavar a sepultura, onde ficaria, para sempre, isolado e perdido naquelas selvas, o corpo da infornada mulher. Sem qualquer outra alternativa, sem perda de tempo, para lá rumou o seu navio e finalmente abicou em terra firme, estendendo uma prancha por onde desembarcaram pressurosos tripulantes munidos de terçados, os quais, ato contínuo, iniciaram a escalada daquele talude e se embrenharam na mata adjacente, abrindo uma ligeira picada, em busca de um local próximo e adequado à finalidade. Não teria que ir longe e logo o encontraram, mas aí foram surpreendidos com a presença de uma cruz de ferro. Coberta e desgatada pela ferrugem, mas ainda firme e tranqüila no seio do arvoredor, assinalava o local onde um outro morto se antecipara muitos anos antes. O fato, como era natural, despertou curiosidade geral e da cruz se acercaram os presentes, conseguindo ler, ainda, sob a espessa camada de ferrugem e de limo, alguma coisa que dizia sobre a história que ela sustentava. Continha uma legenda e uma data: marcava o lugar onde fora sepultado um tripulante do navio "Marapatá", da praça de Manaus, no recuado ano de 1906. Com certa emoção, o Comandante fez um rápido confronto com o ano vigente e logo concluiu que aquela cruz ali estava, perdida na densa mataria, pelo espaço de cinquenta anos, sumida e ignorada por todos. Somente uma fabulosa coincidência permitiria localizá-la em tais circunstâncias. Ao seu lado foi aberta a cova da inditosa passageira e daí por diante aquela cruz de ferro, solitária, fruto da piedade dos colegas de guarnição do navio "Marapatá", teve uma companheira, uma rústica cruz de madeira, que certamente não iria resistir, tanto quanto ela, às intempéries. O curioso é que, ao longo de tão extenso curso d'água, superior a três mil quilômetros, naquele dia e nas mesmas circunstâncias, novos viajantes e navegadores do rio fossem encontrá-la com involuntária precisão.

Entretanto, foi fácil reconstituir os fatos:

Cinquenta anos passados, o então ainda novo barco, o "Marapatá", levantara ferros do porto do seu registro, Ma-

naus, para empreender uma viagem ao Juruá, como todas as demais, de caráter comercial, com a guarnição completa e sadia. No decorrer de dias sucessivos de navegação, um tripulante fora acometido de uma das muitas enfermidades, endêmicas ou epidêmicas, que, naqueles tempos recuados, faziam vítimas que iam sendo sepultadas nos cemitérios dos seringais mais próximos ou nas margens do rio, nos barrancos, quando as distâncias a isto obrigavam. Fora certamente o que ocorrera com aquele infeliz marinheiro, que tivera a sepultura, por solidariedade humana e espírito cristão dos companheiros, assinalada com uma cruz de ferro, construída pelos maquinistas do navio, que dispunham do material indispensável ao seu labor, do instrumental necessário.

O óbito ocorrera aproximadamente nas mesmas paragens onde igualmente, meio século depois, a bordo de outro navio, uma mulher viria a falecer.

Ao Comandante do navio, que viajava enfrentando o rigor de uma outra pavorosa inundação, ofereceu-se o mesmo problema com que se defrontara o comandante da "chatinha". Água por todos os lados e margens completamente submersas. Onde enterrar aquele companheiro de jornada? Não havia que pensar muito: prosseguir com o cadáver a bordo, até encontrar terras altas, a descoberto, para cumprir o mandamento da Igreja, que diz: sepultar os mortos. Assim ele continuou atento, horas seguidas, observando o desfilar da muralha de selva, de cada lado do rio, até avistar como ocorreria a um seu colega, meio século depois, uma terra firme. Para aquele local dirigiu o vapor, com a finalidade de cumprir a piedosa e triste missão, no interior da floresta adjacente. Pode ter acontecido que a cruz houvesse sido preparada no transcurso da viagem, nos dias subsequentes e lá implantada na volta do navio.

Certamente que aos dois Comandantes se apresentara o mesmo problema e as circunstâncias também: terem, cada um por sua vez, um morto a bordo, em busca de sepultura, ao longo da costa de um rio inundado. Na primeira terra que avistaram, trataram de enterrar o seu defunto e aquele talude a descoberto se afigurara a um e, anos depois, a outro, como local sem alternativa. Daí o encontro daquela cruz na floresta, tranqüila e indiferente ao desgaste do tempo, ao rugir dos temporais, ao bramir das feras, ao farfalhar das folhagens, ao canto dos pássaros, mas extremamente fiel à missão cristã de velar pela sepultura que lhe fora confiada.

Dali por diante, a velha e carcomida cruz de ferro teria, pelo menos, uma triste e conformada companheira.

## A ESTÉTICA EM LITERATURA

JOÃO NOGUEIRA DA MATA

Quem transpõe, unguido de fé, os encantadores umbrais da Arte, para segui-la até colimar a perfeição, tem que adentrar-se nas sutilezas da Estética. Por meio dela, cujo escopo é o conhecimento da sensibilidade, experimenta o artista a sensação do Belo. Conquanto eminentemente subjetivo, variando segundo a cultura de cada indivíduo, ocupa o Belo um lugar de destaque no que tange à predileção artística.

Por outro lado, todo ser humano possui uma sensibilidade estética, que não pode confundir-se com outras formas de sensibilidade — a afetiva ou a cívica, por exemplo. Diferem, em realidade, as emoções do nascimento de um filho e do falecimento de um pai. São impactos emocionais com características inconfundíveis.

Há, em toda obra literária, a imitação da vida, no que ela oferece de mais significativo. Entram então em cena os fatores preponderantes — o Belo e o Feio — que, evidentemente, ressaem em qualquer paisagem ou objeto submetido à reprodução, quer tela, quer em texto literário.

Conforme o talento artístico de quem se decide a criar, usando as cores (na pintura) ou a palavra (na literatura), vêm à baila as duas concepções. Do Belo, com quintessência do bom gosto, ou do Feio, como decorrência da própria falibilidade das coisas. Distinguir, pois, o Belo do Feio — inerentes à própria natureza — eis o grande enigma, que vem desafiando a inteligência do homem desde os primórdios. Dos velhos conceitos aristotélicos — “O Belo é o útil” ou o platônico, “o Belo é o bom” — até às teorias em voga, complexas e por isso mesmo delicadíssimas.

Com efeito, nem sempre o Belo é o útil. Exemplo: um grupo de pirilampos, à noite, esvoaçando sobre um jardim, em verdade suscita momento agradável. No entanto, tomados nas mãos, qualquer desses pirilampos, nada mais inconsistente. Quanto à afirmativa de que o Belo é bom, não procede. Uma tempestade em alto mar desperta tanta curiosidade que as empresas cinematográficas têm procurando apanhá-las, com todos os detalhes. Fixam assim o **Belo Horrroso** de que falam os críticos de arte.

Então, nada mais difícil que o exato conceito do Belo.

Tanto mais quanto se reveste de um sentido irrecusavelmente subjetivo, vale dizer, diverge de indivíduo para indivíduo. Dois espectadores, um da elite intelectual da cidade e outro um singelo do interior, não podem formar o mesmo conceito, por exemplo, sobre um romance. Para o homem da cidade adquirem prioridade os trabalhos que versem sobre assuntos de alto nível intelectual: as idéias de Kant ou de Bergson. Para o homem do interior, habituado às coisas simples, encontram agasalhado os estímulos às atividades agrícolas. Gradiloquente tornou-se, para o cidadão, a chegada do homem à Lua. Já para o homem dos beiradões interessa mais a luta sobre-humana contra as inundações com seu cortejo de horrores.

José Oiticica, professor do Colégio Pedro II e autor de excelente obra sobre Literatura, entra em pormenores alusivos ao Belo no seio das comunidades, em consequência com o *status* cultural. Para o aborígine, bela é a mulher morena, de olhos amendoados, adornada de plumas coloridas e cordões com dentes de animais abatidos nas caçadas. São símbolos da coragem no soturno das selvas. Já entre os civilizados, de gosto apurado, bela é a mulher branca ou morena, penteado em salões dourados, exibindo jóias caríssimas, de ouro e pedras preciosas, e vestidos cintilantes.

Donde se depreende que, em rigor, toda Literatura se tornará interessante se despertar a sensibilidade do leitor, ou melhor, se despertar a emoção estética, que todo homem conduz dentro de si. Não apresentam consistência, portanto, as definições que andam por aí, segundo as quais Literatura compreende quaisquer escritos. A Literatura deve conter um sentido específico. Literatura jurídica. Literatura médica. Literatura sociológica.

Nos amplos domínios da Filosofia, há dois ângulos fundamentais: a Estética e a Lógica. Estética, a ciência que se ocupa de uma teoria da sensibilidade, e Lógica, ciência que procura estudar o uso exclusivo do raciocínio. Dois pensadores, Kant e Baumgarten, deram-lhe a maior ênfase. O primeiro conhecido como o "gênio de Koenigsberg" e o segundo o criador da palavra Estética, que, originada do grego, significa "sensação". Consoante Kant, in "Crítica da Razão Pura", a Estética objetiva o estudo da sensibilidade e das formas puras do sentimento. Em termos concludentes: é a "crítica do juízo". Consoante Baumgarten ela se erige antes numa ciência de cunho psicológico, "limitando seus

confins pelas balisas do Belo subjetivo. Enquanto a Lógica é a ciência de uso específico do raciocínio.

Existe em Literatura, para atingir esse propósito de sensibilizar, uma arte de escrever, de imitar a natureza, obedecendo a determinadas normas. Como providência preliminar, para o profissional, a **esquematisação**, tenha ele em vista mensagem em prosa ou poesia. Em prosa, elaborando a descrição, a narrativa ou a dissertação. Descrição de natureza viva ou de natureza morta. Narrativa por mero diletantismo — pervagando pelos caminhos miríficos das lendas e dos mitos — ou narrativa histórica, respeitando o espaço e o tempo, as datas e os pormenores. Em história não se admite distorções.

O escritor, ao exercer sua atividade criadora, utiliza a palavra, de que se vale para o preparo das produções intelectuais, ou melhor, de crônicas, contos, romances e novelas. Pode considerar-se, em sã consciência, um joalheiro da forma. Recolhe-se no silêncio do gabinete para encrustar palavras, formando orações e períodos. É assim o trabalho de autêntico beneditino, que se transmuda nas páginas de um José de Alencar ou de um Euclides da Cunha.

Por conseguinte, constitui a palavra a matéria-prima que o escritor emprega na manifestação do pensamento. Substantivos, Adjetivos, Pronomes, Verbos, Advérbios, Conjunções e Interjeições — todas denominadas categorias gramaticais, suscetíveis de regras léxica e sintaticamente consideradas.

Em realidade há, entre Substantivos e Adjetivos, uma hierarquia de valores. Adjetivos que só podem vir antepostos, ou só podem vir antepostos a Substantivos. Assim de relance, **grande homem** (homem notável) e **homem grande** (homem alto). Em outro sentido, não se pode dizer uma **feijoadá sublime**, por mais saborosa que seja. A condenação formal partiu de Júlio Nogueira — um dos mais conceituados professores de Português no Rio. Exatamente para não cometer semelhantes dislates, vêm os intelectuais consultar gramáticos, filólogos e linguistas. Gramáticos, os sentinelas avançados da Língua Pátria, que, recolhidos em suas salas de estudos, zelam pela forma escoreita. Filólogos e linguistas, que pesquisam os áureos filões do idioma.

## A TRANSIÇÃO DO IMPÉRIO PARA A REPÚBLICA

---

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

O insigne paraense João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha, que defendeu a autonomia do Amazonas, junto com outros, e foi o primeiro Presidente da Província do Amazonas, elaborou uma planta-croquis da cidade de Manaus, documento que porta, em destaque, a data 1852. Nesse documento interessante, o logradouro que deveria, pela lógica político-administrativa trazer um nome associado ao Império, traz a nomenclatura Bairro da República, fato que não deixa de despertar curiosidade, pelo menos para o historiador que acompanha os pruridos positivistas. Eu de mim não acredito que Tenreiro Aranha houvesse consumado aquela audaciosa ofensiva. Seu filho, Bento Aranha, amazonense, professor e deputado provincial, nunca perdera oportunidade para desancar o Império e mostrar-se francamente livre-pensador e republicano. Estou na iminência de culpá-lo pelo desafio, pois, como já tivemos oportunidade de dizer no nosso livro sobre o monumento da Praça da Saudade, se houve bastante agressivo contra a monarquia.

Não se pense que o descobrimento da Província do Amazonas pelo Império era coisa de políticos, de meia-dúzia de defensores do livre-pensamento, não: o desamor dos amazonenses pelo sistema monárquico, ou pelo menos ao Imperador Dom Pedro I, vem justamente de haver aquele monarca surrupiado ao Amazonas o destaque de ser autônomo. Posto que essa história seja mais longa e não caiba aqui desnastrá-la, os amazonenses nunca dedicaram simpatia a Dom Pedro I, jamais dando-lhe o nome nem à mais suja betesga. E essa ojeriza passou a Dom Pedro II, em menor grau, porque o monarca não se deu ao gosto simpático de visitar a Província ao viajar para os Estados Unidos da América do Norte. Contudo, a administração ainda concedeu-lhe a honra de nomear a praça Dom Pedro II. Fora disso muitos homens de juízo e de letras desadoravam o império e faziam por menosprezá-lo, cultivando as idéias robustas que a França despejava nas páginas de J. J. Rousseau, Benjamin Constant, e outros magnatas da liberdade-fraternidade. Seria, então, aquela nomenclatura — República, um desafio, mano-

bra perpetrada por Bento Aranha Filho, o homem que passou a vida humilhado pelos eternos turiferários do momento, políticos de ocasião? Não é de admirar que as idéias republicanas prosperassem em Manaus cerca de trinta a quarenta anos antes de 1889. A seguir, e a fim de sanar o desgosto dos amazonenses, Dom Pedro II manda seu genro, o estrangeiro Conde d'Eu, percorrer o rio Amazonas até Tabatinga, numa missão de conagração tardio. O marido da princesa Isabel não teve muita alegria nessa viagem, sendo mesmo mal recebido em Manaus e até hostilizado, por muitas circunstâncias que não cabe dizer aqui.

Isso mostra que o terreno, se não estava lavrado para a implantação da República, pelo menos havia inspirações locais e aspirações não muito gerais, mas fortes. Talvez isso fosse apenas influência maçônica, mas não se pode deixar de reconhecer que em meia dúzia de alvoroçados sujeitos o pensamento republicano não deixava de comparecer freqüentemente. Em Bento Aranha deputado provincial havia o grito surdo da revolta contra a monarquia. Ele não perdia vez para desancá-la. Mas é somente na década de oitenta que começam realmente as surriadas, com a fundação do Clube Republicano. Os próceres do partido, isto é, os que faziam da idéia republicana uma trincheira contra o regime monárquico, eram os doutores Domingos Teófilo de Carvalho Leal, o célebre "Garganta", o mais exaltado nos discursos, Almino Álvares Afonso, Bento Aranha, e outros menos testarrudos. Esse partido republicano escondia-se sob a rubrica de Partido Democrático (após a proclamação, seria ostensivamente Partido Republicano) e seria instalado sem muita pompa no dia 27 de julho de 1890 e dele só resta como documento acessível um livro de atas que existia no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. Como se observa pela data da instalação, o partido não contava com uma prioridade política enfática, embora os republicanos existissem de fato e hostilizassem principalmente na Assembléa Legislativa Provincial ao governo monárquico. O pitoresco é que, apenas por tabela, as hostilidades se dirigissem de preferência contra o clero não maçônico, ou de vez em quando contra os atos do imperador. No mais o partido, como entidade política nominal e de direito, prescindia de atividade exterior de grupo. Parece que lhe deu alma o dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro, pois ajudou a fundar o partido e certamente traria para a nova Constituição, as esperanças dos

eleitores matriculados. Eleitores aqui está num sentido de representantes do partido em várias circunscrições denominadas paróquias. Um dos grandes eleitores do tempo da monarquia e excelente brigão, foi o padre Cupercino Salgado, dono do eleitorado de Tauapeçu. Outro grande eleitor foi o coronel Labre, no rio Purus outro, republicano, o coronel Praia em Alvarães, Tefé e adjacências, e Miquiles na região de Maués. Essa "força" política não possuía a menor influência nos destinos da Província e do Estado, mas rezava a cartilha que assim era, pois as perturbações, mazorcas, corrupções políticas, fraudes nas eleições, eram costumeiramente assuntos de protestos e carne para a exploração dos jornais.

Poder-se-ia conjecturar que a alteração do regime político no Amazonas modificou sua existência pacífica de província? Não. O trabalho individual do administrador consciente é reputado excelente, no caso os dos doutores Taumaturgo de Azevedo e Eduardo Gonçalves Ribeiro, no início da República. Mas duvida-se que o partido, como expressão ecumênica, haja reunido um cabedal de programações que modificassem a estrutura social do novo Estado. Basta pensar em termos de história: quase todas as inovações e aceites relacionados com o progresso da região vieram da Província. Quem desejar pode testar. Podemos ajuizar haver a República afundado no cáos muitas das reclamações e exigências que o povo aspirava ver realidade. Não se deseja negar que o indivíduo particularmente, como bom administrador, houvesse promovido a felicidade do povo em termos de segurança, tranqüilidade, prosperidade, ofertas gerais de comodidade e aceitação de normas judiciosas. Por exemplo, a palavra habitual "senhor", foi permutada por "cidadão", inovando-se o que a revolução francesa destacara no âmbito das relações populares. Os títulos honoríficos caíram de preço e de ostentação, uma solene besteira que a República não precisava colir para que o cidadão de pé-no-chão ou de melon e bengala se julgasse com os dois pés fora da fronteira monárquica. O caso mais pitoresco da passagem do regime imperial para o republicano é o do barão dr. Manuel Francisco Machado (nome de rua em Manaus), o último presidente da Província. Ao ter-se notícia da proclamação do novo estado político, o velho barão, que andava incrustado na administração, como se diz do carangueijo ermita, tentou colocar um pé nos lindes republica-

nos, fazendo parte do triunvirato que o desligava. O exaltado dr. Domingos Teófilo de Carvalho Leal, o "Garganta" abriu a boca no mundo, protestando violentamente contra a insinuação e por causa dessas e de outras, desligou-se do partido. Como se verifica do fato histórico acima, a questão da **res publica** inovada era apenas uma pilhéria a mais do espírito gozador do brasileiro. De acordo com a natureza dos camaleões, quase todos os monarquistas de ontem passaram a ser republicanos hoje, uma vez que a bandeira nacional conservou, também ela, as cores do camaleão: império e república. É bem verdade que as nossas professoras nunca falam a verdade para as crianças, tentando elas próprias esconder a tramitação verde-amarelo sob a rubrica poética do "ouro" e "floresta", ouro e floresta que o Brasil teve na monarquia a perdeu na República. Coisas da política.

O que deixamos dito acima a respeito dos privilégios trazidos à população do Amazonas não diminui nem empalidece o serviço prestado por alguns homens como Eduardo Ribeiro, Constantino Nery, Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt, e em menor escala outros governadores. É apenas um retrato mais ou menos fidedigno da situação, para que não se pense que o progresso usufruído pelo Estado esteve sempre na dependência do regime republicano ou foi ensaiado por ele. Entretanto a administração mudou em certos ângulos, mas ninguém deve esquecer que desde a situação de Província, a Assembléia Legislativa cuidou dos interesses do povo e da cidade.

A tramitação para a novel República Federativa dos Estados Unidos do Brasil lavou de uma assentada a memória do Império. Ou tentou-se lavar. Os mais exagerados (e são sempre os piores elementos, os que são expurgados logo) começaram por mudar as nomenclaturas de ruas, praças, etc. Mas isso é assim mesmo: quando arrebentou a revolução de 1889, uma porção de sujeitos tratou logo de testemunhar sua simpatia pelo golpe honrando logradouros públicos com nomes que nunca nos foram generosos. A praça de Dom Pedro Segundo passou a ser da República; a rua do Imperador mudou para Marechal Deodoro da Fonseca; o caminho dos Educandos virou Quintino Bocaiúva; a praça 28 de Setembro passou a Gonçalves Ledo; a ponte Itaquatiara, uma velha ponte de madeira, passou a ser Floriano

Peixoto e a terceira ponte metálica, Benjamin Constant, como também o foi o novo asilo para moças pobres Elisa Souto. A rua do Conde D'Eu passou a Monsenhor Coutinho e o igarapé dos Remédios a Floriano Peixoto no curso superior. Escaparam apenas da revirada as ruas que não portavam ligação com a monarquia extinta. O senso de justiça do povo nesses instantes de adoração pelo novo ídolo é minúsculo. Atiram-lhe pedras quando deixam de iluminar. Modernamente alguma justiça foi feita, voltando alguns nomes à antiga predicação, mas sou capaz de jurar que o espírito de Bento Aranha está fulo de raiva com essa manobra.

A nova Constituição do Estado do Amazonas, aprovada pelo Congresso de Representantes a 23 de julho de 1892, discriminava os argumentos da Constituição de 1891. Eduardo Ribeiro, que a promulgou, puxava a brasa para sua sardinha, elegendo-se governador até 23 de julho de 1898. Daí por diante seria sempre a 23 de julho a abertura oficial da Assembléia Legislativa. A administração mudaria quanto à existência de setores diretivos, mas nem sempre funcionaria a contento. Naquele tempo os diretores de repartições de primeira ordem eram Ministros e havia os da Fazenda, do Interior e Justiça (como agora), Oficiais de Gabinete e Militar, Obras Públicas, Comércio e Navegação, Saúde e Educação.

A máquina administrativa andava, mas dependendo sempre da atividade pessoal do chefe do governo. Mais tarde ela emperraria, desgovernava e o Estado era jogado na miséria, no desequilíbrio financeiro, na corrupção, ajudada essa defasagem pela desvalorização do produto-rei. A diferença de um regime para outro em termos de administração pública é que o Presidente da Província era da livre escolha do Imperador ou do Conselho de Ministros. O Império exigia dos seus prepostos a realização de serviços e benfeitorias porque investia capitais neles. A democracia eliminou a importância do nomeado e fez governador a quem eleito pelo povo. Uma nova forma de ludíbrio da credulidade pública, porque aí as eleições eram organizadas na sede do partido majoritário (Democrático Republicano), enquanto o Partido da oposição ficava a ver navios. Esse tipo de inovação política gerou as discórdias que acentuaram cada vez mais a ganância de poder político-administrativo. Foi na República, a começar de 1892 até 1924, que o sangue manchou as ruas de Manaus, em nome da democracia. Antes, na Pro-

víncia, não houve mazorcas, e as que houveram eram decisões cívicas e não disputas pelo poder. Por exemplo, quem se admira que o município de Fonte-Boa em 1899 pegasse fogo ou que o de Itacoatiara resolvesse tornar-se Estado independente? Só os maus elementos políticos poderiam, com os instrumentos da desordem à mão, levantar os ânimos pacíficos de municípios que nem guarnições armadas possuíam.

Não se pode reconstituir, com subsídios completos, um quadro histórico que não teve assessoria dos documentos escritos, a não ser notícias de jornais, uma vulgarização que depende naturalmente de certa triagem, não vá parecer nem excessiva nem deficiente. Por exemplo, quando se fala em elementos republicanos, estes aparecem sob as rubricas conservadores e/ou liberais, mas não mantinham, como se deixou dito, um partido organizado com a função de eleger em massa. As vocações eram, a rigor, temperadas no entusiasmo mas nunca se mostravam suficientemente corajosas para tentar uma experiência de quartel ou civil. Ao contrário, a luta era na tribuna da imprensa e na bancada da Assembléia Legislativa, opondo-se aos atos do governo monárquico quando achavam ser estes lesivos aos interesses da comunidade amazonense.

Fundado a 29 de junho de 1899, sobre o resíduo inflamado das idéias correntes, o Partido Republicano do Amazonas ainda possuía certas veleidades românticas, influência talvez do meio exíguo onde todo mundo atendia pelo indicativo de compadre, parentes, afilhado, etc. As rixas seriam possivelmente raras nesse ambiente de política mascarada pela complacência. O partido, quer dizer, as reuniões barulhentas reivindicantes funcionava na residência do Dr. Domingos Teófilo de Carvalho Leal, lado da rua de José Clemente Pereira, à praça de São Sebastião e no ato de sua instalação contava-se com a presença do grande opositor Silva Jardim. Ainda aqui é necessário fixarmos um detalhe: o amazonense ainda conserva hábitos de dependência, salamaques aos próceres de maior notoriedade. Silva Jardim não veio, apesar de circular por outros Estados do Nordeste. Ninguém vinha, a não ser o Conde d'Eu a mandado do Imperador, em missão de congraçamento. Os exaltados republicanos desejavam ferir no peito do Imperador, instalando o Clube no dia da chegada do marido da princesa Isabel. Frustrada a manobra com a até hoje misteriosa recusa de

Silva Jardim, restava aos cavalheiros do partido uma triste solução: instalá-lo melancolicamente no dia 3 de junho. Os fundadores do Partido andavam em número bem expressivo para aquilo que se propunham realizar, mas no meio daqueles não faltavam monarquistas de ontem e até sujeitos de certa gama colorida, como o senhor Trajano Gomes da Costa ou o célebre João Diniz Gonçalves Pinto. Não criticamos o direito de ninguém de mudar de pensamento e de residência. Houve um benedito em desobriga pelo Amazonas que chamava a isso "consciência de estalagem", pela facilidade com que mudavam de filosofia interesseira. Porventura dezenas de outros da mesma fauna. Para isso basta pensar nas homenagens prestadas ao Conde d'Eu em Manaus. Hóspede oficial do governo, contudo ele sentiu a vibração cívica e não pôde certamente deixar de aferir o perigo em que a monarquia estava. Certamente seria esta a razão com palmas de concórdia que desembarcou na cidade, não demonstrando nela mais do que o necessário para seguir viagem tangido pela pressa. Um outro fato a especular nessa gama de acontecimentos é a adesão dos cidadãos do interior. Por uma circunstância feliz que não seria obra do acaso, uma grande maioria de adeptos do republicanismo era abolicionista convicta, não apoiava o sistema escravocrata e sabe-se, por documentos, que coronéis do rio Madeira se adiantaram de muito à manumissão dos negros. Era essa gente singularmente que se mantinha fiel a um generoso propósito, humanitário e espontâneo, o qual sem atender a nenhuma proposição filosófica teórica, realizava ao seu alvêdrio a ambição da liberdade, fraternidade e igualdade.

A notícia da proclamação da República no Brasil chegou a Manaus no dia 21 de novembro, trazida a bordo do vapor "Manaus", da Companhia Brasileira de Navegação, trazida por uma comissão do já implantado governo provisório do Pará. Aliás oficialmente, porque já se tinham tido notícias boateiras. Como não houvesse telégrafo, a notícia todavia não apanhou desprevenida a diretoria do Clube Republicano de Manaus, cuja capacidade de recepção era notória.

## O IMORTAL MEMORIALISTA

ULYSSES BITTENCOURT

É curioso observarmos como, involuntariamente, certas pessoas competem com elas próprias, pela repercussão maior de uma das atividades criativas que, por assim dizer, ofusca o brilho das demais facetas de sua produção. Os casos na História são inúmeros, sendo um deles Juscelino Kubitschek, escritor.

Tão impressionante foi a atuação desse homem como político, que disso se ressentiu o autor de uma obra literária das mais atraentes, tanto pela qualidade de sua prosa tão simples e viva, quanto pelo interesse da matéria de que tratou, sobretudo nos alentados volumes da trilogia publicada sob o título "Meu Caminho para Brasília".

Para chegar-se, porém, à leitura desses livros excelentes, percebe-se ser necessário vencer, de antemão, barreira natural, estabelecida pela admiração à figura do grande estadista desaparecido. Como poucos, ele soube conquistar o coração do povo brasileiro, principalmente por seus predicados humanos — sua bondade, seu respeito constante pelo próximo, sua capacidade de sorrir e conciliar, de compreender e perdoar, até por ocasião das mais graves crises — acima da evocação de suas memoráveis realizações de administrador. Dele, ainda em vida, e agora em sua memória, tenho podido registrar por este Brasil a fora que cada um tem sempre um aspecto positivo diferente a exaltar em relação ao seu nome. Para mim, pessoalmente, além da construção de Brasília, da abertura de estradas, da implantação de formidáveis indústrias, da manutenção intransigente e heróica do regime democrático, seu feito mais notável foi o de despertar, com seu conjunto de virtudes cívicas e dinamismo, o clima de confiança reinante no país sob seu governo. Essa confiança não gerou resultados apenas morais, meramente abstratos, mas atraíu capitais estrangeiros sadios para nossa economia de base, estimulou o comércio interno e a exportação, criou divisas, fez, enfim, o dinheiro circular. O contrário disso, que depois dele tivemos deploráveis oportunidades de constatar, resulta no retraimento comercial, no entesouramento privado, na remessa clandestina de valores para o exterior, na especulação desenfreada.

Diante da força e da magnitude desse elenco, sua obra literária, embora ótima, é automática mas injustamente colocada em segundo plano, e somente lendo-a pode-se perceber esse fenômeno.

Por louvável iniciativa de Bloch Editores, foram impressos os três mencionados volumes em 1974, e, no ano seguinte, surgiu "Porque Construí Brasília", no qual, repetidos alguns capítulos da trilogia anterior, se focaliza o esforço para a construção da nova Capital brasileira e o último ano de exercício, ali, do quinquênio de J.K.

Já em 1962, ele lançara "A Marcha do Amanhecer", edição da Empresa Gráfica "Revista dos Tribunais" Ltda. (São Paulo), contendo enfoques rápidos e compactos, vernacularmente perfeitos, descrevendo a arrancada de âmbito nacional em direção ao progresso, nos cinco anos de seu governo. Através de uma coletânea de lembranças pessoais e de fatos, esse livro se estende no sentido de uma ordem cronológica pelos seguintes capítulos de elucidativa enunciação: "Do Ontem para o Amanhã"; "Brasília"; "Soberania pelo Desenvolvimento"; "A Causa da Paz"; "Candangos da História Nova"; e "Partida para Novos Rumos".

O interesse maior, entretanto, é despertado pela trilogia de "Meu Caminho para Brasília", cujos segundo e terceiro volumes possuem sub-títulos, respectivamente, "A Escalada Política" e "Cinquenta Anos em Cinco". O primeiro volume, com 355 páginas, relembra a infância pobre na então longínqua Diamantina, os estudos, a transferência para Belo Horizonte, o emprego inicial como telegrafista, a formação do médico, uma bolsa de especialização em Paris e as viagens feitas, a Revolução Constitucionalista de 1932 e sua participação nela, a convocação para Chefe do Gabinete Civil do Intervernor Benedito Valadares, seu engajamento na política partidária pessedista, a eleição para Deputado Federal, a volta ao exercício da Medicina em 1937 e a atuação como Prefeito da Capital mineira. O segundo volume, tendo 502 páginas, abrange ainda seus trabalhos à frente da Prefeitura, o fim do "Estado Novo", a segunda eleição para Deputado Federal, sua escolha para Governador de Minas, a morte de Vargas e o sufrágio de seu nome para Presidente da República. E o último volume, com 453 páginas, ocupa-se de seu quinquênio presidencial, do primeiro ao último dia.

O estilo narrativo elegante e agradável prende o leitor até à derradeira linha, compondo um painel riquíssimo de informações, fazendo reviver ora momentos eletrizantes, ora acontecimentos pitorescos, sempre de raro sabor. Não é exagerado asseverar que é a obra representando o mais completo e delicioso relato sobre a política brasileira contemporânea, e deveria ser oficialmente adotada pela rede oficial de ensino para leitura obrigatória em nossos colégios, visando ao conhecimento de nossa história.

Algumas passagens são inolvidáveis, transmitindo a tessitura de fatos ocorrida nos bastidores do poder, como a designação do interventor em Minas, quando Valadares levou a melhor sobre Capanema e Virgílio de Mello Franco; a última visita de Vargas a Belo Horizonte, pouco antes do suicídio; a falsa doença de Café Filho, a destituição de Lott pelo Presidente Carlos Luz e a consequente deposição deste; o processo de nomeação de Nereu Ramos e as malícias de Alkimim; as batalhas travadas para a construção de Brasília e a emoção de inaugurá-la. Está tudo lá, contado com dignidade, precisão e vigor. E não é texto anódino, de intenção diplomática, nem destinado a compor uma História torta, distorcida ou facciosa, mas uma obra de clareza meridiana, escrita em linha reta e às vezes emitindo conceitos bastante contundentes. Por exemplo, declara o autor: "Café Filho, era, de fato, um homem desconcertante. Não porque ele fosse um político hábil, afeito a sutis estratégias políticas, mas justamente porque era gelatinoso, escorregadio — natureza mais de enguia que de crustáceo". Sobre Jânio Quadros e seus familiares, diz: "A impolidez era uma característica dos novos inquilinos do Alvorada. Intencional ou não, todos primavam por evidenciá-la, quando em contato com qualquer membro de minha família".

Levando em conta as múltiplas atividades sociais, empresariais e políticas sempre desempenhadas por Kubitschek, muita gente poderia mesmo supor que seus escritos não tenham provindo diretamente de sua lavra, mas sim de um outro redator ou de uma equipe de redatores sob sua orientação — coisa tão comum. Isso, no entanto, não é verdadeiro e a tal respeito posso dar um testemunho. Um dos meus irmãos trabalhou com Juscelino no Catete e no Planalto, sob a chefia do Coronel Affonso Heliodoro dos Santos (atual Diretor do "Memorial J.K.", em Brasília) e,

após aquele período governamental continuou muito amigo do Cel. Affonso e também ligado ao ex-Presidente e aos seus. Certa vez, alguns anos antes do lançamento dos livros — e isso ele na ocasião me contou — meu irmão chegou ao escritório do Cel. Affonso e este, em confiança, exibiu-lhe e leram juntos, empolgados, um trecho da obra, manuscrita e emendada pelo autor com sua letra inconfundível. Era a descrição do porto do Havre, que depois passou a constituir o capítulo “Um Brasil Diferente” (Vol. I), uma das mais belas mostras da excelência literária do conjunto, onde Juscelino evocou sua visita àquele porto francês no ano de 1930 e descreveu, de maneira inspirada, o mundo estranho, sofrido e fascinante dos marinheiros de todas as partes que para lá convergem.

Por uma deplorável diferença de votos, a Academia Brasileira de Letras perdeu a oportunidade de acolher o grande escritor entre seus sócios; todavia redimiu-se, logo após a morte trágica do ex-Presidente — ocorrida fazem exatamente dez anos — prestando-lhe significativa homenagem. Já a Academia Mineira de Letras lhe fez a devida justiça, abrindo-lhe festivamente as portas no momento certo.

Para quem ler “Meu Caminho para Brasília”, Juscelino não ficará somente como um dos dois mais importantes estadistas de nossa República, mas também como um dos melhores memorialistas que já tivemos em qualquer tempo.

## ESBOÇO DE UMA REORGANIZAÇÃO DO MUNDO

---

OYAMA CÉSAR ITUASSÚ

Um dos privilégios do homem é o poder de sonhar, especialmente quando o sonho se dirige na direção de um mundo melhor. E os sonhadores têm sido inúmeros, desde Dante a Consentini, pugnando por uma normalização da vida internacional no sentido da pacificidade. Além deles, fórmulas outras têm sido tentadas e têm fracassado porque se esteiam no predomínio da força que, ao invés de unir, dissocia os Estados.

A medida que os povos se tornam mais poderosos, surge correlatamente a idéia da supremacia e, com ela, a ambição de montar sistema militar correspondente. Isso aconteceu com os hititas, egípcios, babilônicos, persas, mongóis, romanos, cartaginezes e, mais recentemente, com a Inglaterra, França, Alemanha, Japão, Estados Unidos da América e Rússia Soviética. Nenhum deles teve êxito permanente.

Cada povo tem sua vez na história e o que sucedeu com aqueles sucederá fatalmente com os atuais Estados que pretendem a hegemonia. Pouco adianta o equilíbrio de forças, como também é inócua a realização de conferências e acordos, pois não há o propósito firme de cumprí-los. E a humanidade, assim, caminha através dos tempos em busca de uma fórmula capaz de lhe propiciar clima de paz e tranquilidade. Tal meio somente pode ser o jurídico, pelo aprimoramento constante das instituições.

Os sistemas políticos partem do dilargamento maior para uma concentração melhor. A observação indica, pois, que a confederação é o caminho para a federação, como esta se dirige naturalmente para o unitarismo. Assim acontece com a Itália, que saiu de uma poeira de pequenos Estados para a sua unificação, como a Confederação Germânica deu nascimento ao Império Alemão em 1870. Os Estados Unidos da América se iniciaram com uma confederação, assumindo a seguir o feitiço federalista. O Brasil, por circunstâncias históricas, sofreu uma inversão: do regime monárquico unitário, transformou-se em uma federação e hoje ninguém contesta que o título de república federal, constante de sua própria índole constitucional, diverge da realidade, apresentan-

do uma concentração de poder que existe apenas nos Estados unitários. Parece mesmo que as peculiaridades geográficas aconselham essa modificação, que se exterioriza na democracia condicionada em curso, salutar para a nacionalidade.

O mundo, assim, acompanha esse processo unificador, decorrente das alterações do *statu quo* existente depois da última grande guerra. Disperso na figuração das vontades políticas isoladas, sofreu o primeiro atrito quando do nascimento da União Pan-Americana, iniciadora de um entendimento continental em torno de fatores comuns. A seguir, aproveitando a lição, foi criada a Sociedade das Nações em 1919, visando à fusão de todos em um plano jurídico-político de finalidade elevadas. O perecimento dessa associação por falha visível de estrutura e por perda de sua autoridade moral, não impecilhou a segunda experiência — A Organização das Nações Unidas — que, embora mantendo os defeitos que motivaram o desaparecimento da primeira entidade, oferece contudo aspectos promissores de uma viável restauração de sua vida útil. Precária no funcionamento ao fazer depender as grandes questões que interessam a humanidade da aprovação unânime dos Estados com assento permanente, procura enfrentá-las com as armas jurídicas de que dispõe, com a substancial ajuda do Petit Comité da Assembléia Geral. Mas está em severa crise de ordem estrutural e sobretudo moral.

Atravessamos uma época difícil, mais que perigosa, porque o grande erro das predominâncias divergentes está no desprezo dos valores humanos. Inobstante consignar a Carta promulgada pela entidade em 1948 os direitos fundamentais do homem, não oferece ela os meios para fazer respeitar, ou cumprir, os postulados ali inseridos. Sob esse aspecto, não há que distinguir os Estados do chamado mundo capitalista e os do outro mundo dito socialista, que na sua essência exprimem também uma forma de igual teor, o chamado capitalismo das classes trabalhadoras, que ambicionam igualar-se, por meios e processos diversos, àqueles do primeiro grupo. Tanto o desaprêço à pessoa humana é visível nos Estados Unidos da América, na Rodésia e na África do Sul, com a negação de direitos dos negros, como na U.R.S.S. em relação aos judeus e outras minorias étnicas ou religiosas, como ainda em outros países da África, pelo critério gerador do ódio ao branco — e produzido pelo pró-

prio branco — ou, também, na Nigéria, pelo trucidamente brutal dos separatistas de Biafra. Falta o sentido do que representa a vida humana e o que ela exprime como elemento social.

Dir-se-á que são discrepâncias que não alteram o quadro geral da civilização e que aos poucos vão sendo eliminadas. No entanto o que falta, no íntimo das cousas, é o sentido de humanidade, o compreender o valôr do indivíduo em si e o respeito que deve merecer, pelo fato singelo de ser homem. Refuga-se o sêr humano por intepretações viciadas quanto à côr da epiderme ou colorações políticas, ou convicções religiosas. São barbarismos incompatíveis com o mundo contemporâneo e contra eles têm lutado todos os filósofos através dos tempos, apontando e estigmatizando os sistemas opressivos da personalidade humana.

Mesmo assim, cada conjunto político tem sua feição peculiar. Cada Estado, ou grupo de Estados, encara sob prisma particular determinados aspectos, o que dificulta a solução global dos problemas que devem encaminhar a humanidade para um objetivo realmente benéfico em termos coletivos. Isso porém não evita que se apresente uma alternativa: ou os Estados se unem sob nova forma de vida, ou a Terra se encaminhará, pelos excessos acumulados, para a auto-destruição em todos os termos conhecidos.

A modificação política que se vem acentuando dia-a-dia, procura eliminar as arestas que obstaculizam a aproximação entre os Estados. Na Europa, por exemplo, há um movimento tendente a reunir alguns integrantes daquele continente em uma federação, com inclinações multi e supra-nacionais, tendo seu germe no projeto Aristides Briand oferecido em 1925 à Assembléia Geral da Liga das Nações, resuscitado hoje no Plano Schumann. Na América, há tendências idealistas no mesmo sentido, embora reforçadas por espírito político, provindas dos Congressos do Panamá de 1826 e de Lima de 1861, atualmente revigoradas pelas atividades da integração latino-americana. Nêsse campo ainda há muito a vencer, especialmente o espírito das nacionalidades divergentes. Na África, apesar das lutas inter-tribais e a imaturidade política de alguns povos, a idéia toma impulso e alguns Estados já se fundiram em Federação, como a Tanzânia. De outra parte, a projetada Federação Árabe encontra grandes obstáculos para sua concretização, mesmo com

a presença da República Árabe Unida em funcionamento. Já no setor do comércio, a realidade tem campo promissor com o Mercado Comum Europeu e a Associação Latino-Americana de Livre Comércio. Mesmo aí, as lutas intestinas brecham o conjunto, em pleno funcionamento.

Por conseguinte, compreenderam os Estados que a fusão em derredor de mútuos interesses é imprescindível para o desenvolvimento de seus componentes e isso supõe, sem dúvida alguma, uma evolução no rumo da integração estatal sob bases convináveis para os povos. No entanto, tudo isso ainda é insuficiente como manifestação integracionista, porquanto outros fatores devem ser encarados para que o processo se complete.

Assim, preciso é que o critério político da conveniência particular ceda vez ao entendimento de que tal modo de vida, isto é, uma nova forma de ajustamento de interesses, atende mais ao bem estar da comunidade, que já se opõe a tudo quanto possa dificultar a satisfação de suas necessidades de paz. Se, como indica Georges Burdeau, a coletividade tem maiores privilégios que o Estado na órbita interna e se enfrenta tudo quanto lhe fira os direitos, no plano internacional êsse fato adquire fóros de maior significação. Impossível é conceber um mundo, criado pelo homem, em que este perde o teor verdadeiro e se subordina por completo a uma abstração jurídica como é o Estado, cujo fim deve ser pugnar pelo atendimento aos reclamos de seus componentes humanos aos quais tem o dever de servir.

Há que elastecer o critério da solidariedade, proporcionando campo ao melhor entrosamento entre os povos, sem os costumeiros preconceitos raciais, linguísticos, políticos ou religiosos. O interessante é observar que certos Estados se interrelacionam, estabelecem comércio e atendem às suas atuações internacionais em bôa harmonia, mas no entanto, sob pretexto de defesa, impedem que seus cidadãos tenham o mesmo modo de agir, marcando-os quando violam as proibições assentadas. Justamente porque é mais fácil o entendimento entre os homens que entre os Estados, desprovidos aquêles de objeções políticas e apenas vinculados entre si por pertencerem todos à humanidade. Assim como as correntes espirituais procuram o melhor caminho para Deus, que existe em toda parte, assim os pensamentos políticos devem pretender os mesmos resultados de vida mais vida para as comunidades. Sua meta deve ser o bem

estar, a paz e isso merece ser alcançado a qualquer preço.

A solidariedade é consequência normal da interdependência, elemento vigoroso quer na conceituação econômica, quer no propósito sócio-político. Mas tanto uma como outra somente podem prosperar mercê de uma compreensão mais harmônica entre os Estados, mesmo que a sociedade humana já tenha entendido, assimilado e desenvolvido o princípio. Não há sociedade sem a colaboração de seus integrantes e sem uma regra maior que norteie o conjunto para o alvo a ser atingido. A comunidade internacional não foge a tal preceito.

Ora, se os Estados têm absorvido, a duras penas, a verdade dos pontos indicados, o insulamento de cada um no círculo fechado que fôr adotado é um contrassenso e nenhuma sociedade política pode progredir sem a coparticipação dos demais. Daí por que necessário se formem inicialmente confederações regionais, agrupando Estados de interesses comuns e de características também semelhantes sob uma direção única e um parlamento e justiça, para atenderem às finalidades respectivas. Estabelecidas as confederações, estas partirão para outro salto: as confederações continentais visando a um fim coletivo e implantando regras constitucionais próprias, dentro das quais funcionem os integrantes nas suas competências particulares. Essa primeira etapa vencida, e cristalizado o pensamento com a realização de uma obra proveitosa e útil com a eliminação dos dogmas nacionais, poder-se-á pensar em uma outra fase, qual a da Federação dos Estados da Terra, já aí com um Executivo, Legislativo e Judiciário Mundiais, sob a égide de uma Constituição que corresponda aos anélos da humanidade.

Dispomos hoje de uma Côrte Internacional de Justiça, dentro do esquema da O.N.U., que decide das questões jurídicas entre os Estados e cujas sentenças são respeitadas. Esboça-se um Parlamento Mundial, resultante das reuniões anuais dos Legislativos nacionais e onde se procura aperfeiçoar o sistema, com a presença dos representantes das várias correntes políticas que vicejam nos vários continentes. Falta o Executivo, cujo atividade ainda não se corporificou, mas mesmo assim o Conselho de Segurança da ... O.N.U., mesmo com os erros de composição e competência privilegiada, tem assumido de certo modo êsse desempenho. Resta a presença de um conteúdo mais ajustado às exigên-

cias do Direito Internacional Constitucional, assim como adaptá-lo a uma atuação nítida de governo supra-nacional.

A sua vez, entregar-se-ia o policiamento do mundo a um corpo militar permanente, sem laços de nacionalidade, para torná-lo mais apto ao cumprimento de seu deveres. A suspensão da vinculação política de seus integrantes, explica-se pela necessidade de não subordiná-los a nenhum Estado, transformando-os em cidadãos do mundo e assim evitando sejam mais tarde retirados da força por divergências de entendimento político.

Poderá parecer utópico ou irrelevante o esboço. Mas o homem não vive só da realidade presente da matéria é o sonho, fuga aparente das duras contingências do cotidiano, nada mais é que a manifestação onírica de um desejo acalentado. Dos pensamentos filosóficos de Platão e Aristóteles nasceram as idéias políticas que ainda hoje guiam a humanidade. O pensamento de Dante e Marsíglia de Pádua, de que o mundo deve ter um governante como árbitro supremo das necessidades internacionais, aos poucos se alicerça na alma dos povos. Os princípios da Revolução Francêsa de liberdade, igualdade e fraternidade, estão em curso de efetivação, mesmo com os tropeços que têm enfrentado e ainda enfrenta.

Por isso, não pensar em termos de aperfeiçoamento institucional é regridir na escala dos valores espirituais, como também descrever das infinitas possibilidades de realização do homem. Se foi e tem sido capaz de ascender ao espaço sideral, vencendo forças insuspeitadas, por que não crê-lo bastante forte para dominar as fragilidades de sua estrutura política, transformando-a em algo mais consentâneo com as suas premências?

Então, esboçar um futuro melhor para a humanidade, onde ela possa desenvolver-se e progredir livremente em busca de paz e tranquilidade sociais, é valorar o próprio homem e abrir caminho para uma nova forma de vida política comum a todos os povos.

## **MEMÓRIA ACADÊMICA**

organizada com base no arquivo pessoal do Acadêmico Robério dos Santos Braga, constará de todas as edições da Revista da Academia.

## O JORNAL

Manaus, 03 de setembro de 1936.

"EN MAL DE MISIQUE".

(Bilhete aos meus irmãos em espírito).

A expressão é de Camille Manclai e deve ser traduzida "com sede de música"...

Para essa forma de angústia anima-a ânsia de música-neurose do que vivem, como dentro de uma galeria de mina, neste precário meio artístico, onde o quase mythologico advento de um artista avulta com as proporções monstruosas de um prodígio para esse sofrimento psychico-diéta rigorosíssima de nossa esthesia — somente um remédio é possível: o rádio.

Bem sei que há homens, como aquele de phrase cheia de espanto de Axel Munthe: "que podem viver sem pão, sem luz, sem amor, sem esperança, até sem música"...

Não é para esses, porém, que escrevo este rápido bilhete endereço aos que, como eu, vivendo "en mal de musique", não tenham a minha consolação: — um receptor de rádio...

Surgiu agora, com um filme simplesmente deslumbrador, uma oportunidade luminosa de, encantados de um trecho bellissimo na sua delicadeza extreme, ouvirmos um dos maiores pianistas contemporâneos — Baner!

Trata-se do "Adeus de Chopin"...

Os cartazes dizem: "A valsa do Adeus de Chopin", quando a verdade é que a melodia, assim chamada no film, é o motivo themático do Estudo op: 10, n.º 3; não é nenhuma das valsas do imortal compositor polonês.

Toda a música exibida nesse film singular — singular no sentido de único — é de Chopin, salvo o capricho n.º 10 de Paganini que é executado, em uma scena de concerto, por um violinista magistral.

As mãos que, de vez em vez, no curso das realizações das músicas de Chopin ao piano, contemplamos, maravilhadass daquella technica tecida de assombros e forjada na mais intensa e vibrante das sensibilidade, são as mãos miraculosas de Baner!

O cinema sonoro me malquistára com os films pela tremenda e deplorável miséria das concepções inspiradoras da-

queelas obras, cujo mérito único era feito das canções, tanto mais tristes quanto mais brejeiras pretendiam ser...

Os films ultimamente aparecidos romanceando episódios das vidas de Schubert, Paganini e agora Chopin reconciliam-se definitivamente, senão com o film sonoro, ao menos com essas biografias à Mauroy, que, começam a ser ensaiadas agora e já se exprimem por esta profunda e comovedora obra de arte-legítima obra prima "O adeus de Chopin"

Um de meus amigos, a quem recomendara eu este film e que já o foi ver duas ou três vezes disse-me apenas isto: — oh! É um film que deixa saudades...

É isso mesmo: ninguém o poderá esquecer!...

ADRIANO JORGE.

(\*) O JORNAL, Manaus, 3 de setembro de 1936.

## INTERCÂMBIO MENTAL (\*)

Sem embargo da magnitude do thema que apostolarmente escolheu e asignala o marco do inicio da sua patriótica, quasi mystica peregrinação — o intercambio mental entre as republicas sul-americanas — thema que, por influxo, quicá, de ancestraes preconceitos, se nos afigurou assumpto para o dissertar de arguto e trabalhado espirito de homem, a conferencia da Sra. Juanita Machado, essa ardente “bandeirante do sonho”, mas de um sonho de titan, foi positivamente uma lindíssima palestra mascula. Dissolvendo em si, por obra de obscura chimica intellectual, cujas leis demoram ainda impenetraveis, os gestos, que descem, das mulheres, granjeou a Sra. Juanita Machado o movimento ascensional do gesto masculino. Masculinos os surtos de sua fulgurante eloquencia; masculina a sua pomposa adjectivação; masculina a copiosa e electrica successão de imagens com que lardeou as suas maravilhosas crenças; masculino o thema a que todas essas cortezanias serviram de ancilas obedientes e enleiantes. Na linha mestra, porém, palmilhada por todos os seus éstos e por toda a sua fé apostolica no deslumbrante ideal que a acciona, transmudou a tertulia da Sra. Juanita Machado a mascula attitude que lhe exaltava a forma em que suas idéias se europavam. A sua fé enthusiastica, sedenta de attingir esse ideal de belleza offuscadora, em que a magica palheta da distancia veste tons diluculares, deixando à crença a faculdade de architectar phantasticas cidades vestidas de poesia na ourela dourada do horizonte, restabeleceu-lhe a visão que o seu apostolado havia masculinizado. E predicando religiosamente, envolvida nessa mystica miragem interior; o intercambio mental entre o Brasil e os paizes hispano-americanos, com o espirito fanatizado por este ideal que nelle se infiltrou como o imperativo de dogma que por si mesmo se prova, desattendeu às feiticieras consequencias da realização do seu sonho e entre ellas uma de ordem puramente literaria, em que installa o seu ponto de vista a patriótica conferencista: — a universalização do nosso formoso, opulento, ignoto idioma. Com effeito, pela regularidade graphica da phonetica hespanhola, cujos signos representam na sempre, invariavelmente, os mesmos sons, facilitando, dest’arte, ao estrangeiro o aprendizado do castelhano; pela irrefugivel deslocação, que já começa a delinear-se na civili-

zação universal, da Europa para a America; pelo predomínio que numericamente ella exerce na America meridional — está talhado o hespanhol para ser a lingua universal: entendamos — a lingua mais conhecida do universo. Irmã gêmea do castelhano fadado a tão celso destino, a nossa lingua — que, pela sua pouca ou nenhuma diffusão no mundo literário, se constituiu em tumulo do pensamento, sem embargo da sua heraldica belleza — muito teria a lucrar desse intercambio intellectual que a Sra. Juanita Machado entra de pregar com tanta fé e não menos talento. As diferenças graphicas facilmente superaveis entre os dous fraternos idiomas não são empêço de monta para quem, conhecendo um, desconheça o outro; a diversificação syntatica das duas linguas, quasi nulla, difficuldade alguma apresenta, já hoje, ao ignorante de uma dellas. E, por isso, o intercambio literário do Brasil com os paizes da America Austral viria, pela intimidade estreita a estabelecer-se, annular a diversidade lexica entre os dous idiomas pela criação forçada dos iberismos no portuguez e dos portuguesismos no hespanhol, em obediência às mesmas leis que, para elles ambos, geraram os repudiados gallicismos. E não versamos a diffusão das bellezas dos nossos escriptores, pelas traducções que resultariam do commercio intellectual das duas linguas. Não me arrasta, na insinuação que ahi fica o doentio designio de desprimorar o ideal da Sra. Juanita Machado, que muitissimo me felicitou com a audição de sua palestra. Move-me, antes, o desejo de responder, com grande copia de vaidade, ao appello que fez a quantos possa interessar o seu apostolado. A idéa que ahi deixo representa o anseio de me glorificar, si a Sra. Juanita Machado, a quem presto rendidas homenagens, houver por bem acceitar a sugestão, incluindo-me no numero dos paladinos da sua patriotica e incruenta cruzada, de que resultará terem os nossos poetas e prosadores o Universo.

CORIOLOANO DURAND.

## SONETO DO NORTE (\*)

*Ah! quem melhor pintára as paisagens do Norte?...  
Amplas vegetações brotando do mystério!...  
Eu amo a agua do rio, eu amo este funereo  
Liquido soluçar de sonho e seiva forte...*

*Ha nas brenhas sem fim, num lôbrego recorte  
Um coração dormindo herculeo, immenso e sério;  
Elle é da raça extincta o velho cemiterio,  
Pulsor das tradições exaltadas com a morte!...*

*E, cada flor que irrompe ao seu halito quente  
É uma legenda viva e pagã de outras eras,  
Sorrindo no passado e a chorar no presente...*

*Rebrota com o seu fluido as magoas de um thezoiro,  
No equador com o seu sangue a entre-abrir primaveras  
Á luz de um turbilhão de borboletas d'oiro...*

AMÉRICO ANTONY

(\*) Revista CÁ E LÁ, Manaus, n.º 9, 22 de maio de 1917.

## **ANOITECER (\*)**

*O velario do dia em surdina baqueia,  
jogando pela terra a sagrada faúla.  
Silencio... Ave-Maria... O vento não ulula...  
Do louro sol no oeste apaga-se a candeia.*

*O espectro da saudade as lembranças açula:  
surge, canta o passado esconso, veia a veia,  
E, cheia de humildade e de amargura cheia,  
a energia da vida em tal momento é nulla.*

*Doença... Morte da luz... Triste poesia... Tarde,  
quantas lagrimas pões, quantas dores derramas,  
nessa hora em que o borrão da noite os céus encarde,*

*— Hora em que o coração para cima se eleva,  
vendo a fuga de Deus no delirio das chammas  
e a vinda de Satan na tragedia da treva...*

ÁLVARO MAIA.

(\*) Revista CÁ E LÁ, Manaus, n.º 10, 9 de maio de 1917

## A DEPOSIÇÃO DE BEETHOVEN (\*)

Pouco depois de rebentar a Grande Guerra, resolveram os musicos francezes, n'um movimento de solidariedade artistica, votar ao esquecimento os compositores allemães. O eminente Wagner mesmo, que de ordinario abria os programmas dos concertos symphonicos, foi impiedosamente lançado ás ortigas. A respeito de estrangeiros, apenas se permittiu o ingresso nos festivaes de arte aos mestres italianos e, ainda assim, — diga-se a verdade — menos por sentimento de admiração, que por impulso de patriotismo.

Nos ultimos dias de Fevereiro, porem, n'um salão de concerto em Paris, onde se ouvia pela vez primeira um eximio violinista polaco, o director da orchestra, logo que se esgottou o programma e por comprazer talvez ao artista estreatante, mandou annunciar um número extra, que toda a assistencia esperou, vibrando de curiosidade artistica.

Minutos decorridos, as cordas e os metaes pegaram de gemer um trecho plangente de Beethoven, e então na sala estalou formidavel o escandalo. Protestos robustos e frases indignadas irrompiam de todos os cantos, abafando tumultuosamente as ondas sonoras, apagando a caricia doce do preludio com o medonho fragor da tempestade. Era a deposição summaria de Beethoven. O genio artistico que arrancára ao som a expressão mais nitida da agonia e da dôr, era apeado de seu throno magnifico, ali, na culta capital do mundo, por uma convulsão de odio patriotico da mesma fidalga gente, que mezes antes recolhia na alma a suavidade infinita d'aquelles accordes, inspiradores de tão formosos poemas.

Dir-se-á talvez que Paris desaffirmou as suas tradições de cultura, os seus fóros de requintada gentileza, com esse movimento irreflectido de repulso a Beethoven. Cumpre considerar, porem, que em todas as epochas da historia o povo que se julgou ferido no orgulho patriotico, jamais escolheu meios para demonstrar ao inimigo a extensão de seu odio. Tudo se lhe affigurou licito, desde que podia desaforar a sua colera. A Arte mesmo, que pelo seu character de universalidade de vêra estar ao abrigo das explosões do rancor, foi attingida pela vingança cega do adversario.

A alma franceza resumbra odio n'este momento contra os teutos, o mesmo odio que a alma allemã dístilava con-

tra os francos no alvorecer do seculo que passou. O caso contrastador de agora simplesmente reproduz o que as chronicas de então assignalaram, quando os brilhantes exercitos da Republica, victoriosos, transcuraram o Rheno: a musica franceza foi banida da Allemanha e jamais compositor algum da França logrou fazer chegar á patria de Beethoven a noticia de sua fama.

É de crêr que nenhum vislumbre de represalia puramente artistica, não obstante o precedente indicado, haja no gesto dos parisienses que repulsaram a Bethoven; motivou-o simplesmente o odio em ebulição, n'este momento tragico, contra tudo o que pode recordar a gente inimiga. Beethoven, particularmente, occupa um logar distincto na affeição dos francezes, desde aquella hora de feliz inspiração em que o "rei das balladas" celebrou o valor guerreiro de Bonaparte, n'uma esplendorosa sonata, que ficou no catalogo das maiores produzidas por seu genio.

Natural é, pois, que o élo da cadeia que prendia a França á gloria authentica de Bethoven, se religue um dia, que talvez não longe vem; e o estupendo musico de Bonn, reintegrado na admiração commovida dos francezes, volva a aditar-lhes o espirito com aquellas prodigiosas paginas musicas, que são o echo doloroso de incomportáveis sofrimentos.

A sensibilidade franceza é extrema: do mesmo modo que irrompe no odio, se inclina depressa á piedade. O furacão da guerra ha de passar, e esse incomparavel povo tão requintadamente artistico, esquecidas as fundas magoas de hoje, vibrará de terna emoção recolhendo os queixumes amargurados da *Symphonia Pastoral* — supplicas vehementes de uma alma que não pode ouvir os proprios canticos, nem amenisar a dor que lhe deixára a perfidia cruel de Julieta Guicciardi.

JOÃO LEDA

(\*) Revista CÂ E LÁ, Manaus, n.º 8, 12 de maio de 1917.

## **NOTICIARIO ACADÉMICO**

## **EMPENHO PRESIDENCIAL**

Com muito empenho, transcorreu o primeiro período presidencial do desembargador Oyama César Ituassu, que buscou apoio governamental na Secretaria de Educação e Cultura, através do professor José Melo de Oliveira, seu titular, obtendo contribuição mediante convênios, no valor de Cr\$ 500 000,00. Foram várias as frentes de apoio pretendidas pelo presidente, na sua maioria sem êxito. Falta maturidade nos empresários e comerciantes, para a compreensão do valor cultural de uma Academia de Letras. Houve exceções, como a firma T. Loureiro & Cia. e Braga Veículos, que colaboraram com a entidade.

Junto à Prefeitura Municipal de Manaus pretendeu a completa recuperação do prédio, nada alcançando. Do Governo do Estado, obteve a edição das "Letras Acadêmicas" e da Revista n.º 21. Diante das dificuldades externas, voltou-se para a organização interna da administração acadêmica, fazendo aprovar a reforma do Estatuto, tornando-o mais eficiente, assim como o Regimento Interno da Casa, em plena execução.

Proveitosas suas atividades em seu conjunto, mereceu o reconhecimento acadêmico, que por unanimidade aclamou sua reeleição presidencial.

## **JOSUÉ DE SOUZA EMPOSSADO**

Em sessão solene bastante concorrida, foi empossado na poltrona 36, sob o patrocínio de Inglês de Souza, o jornalista Josué Cláudio de Souza. Recebido brilhantemente pelo acadêmico João Mendonça de Souza, Josué, a certa altura pôs de lado seu discurso e, bastante emocionado, proferiu de improviso bela peça oratória falando de sua trajetória na vida pública, sendo bastante aplaudido. Recebeu o diploma e colar acadêmicos, acompanhado por João Crisóstomo de Oliveira e Robério Braga.

## **ELEITO JOSÉ BRAGA**

Foi eleito para ocupar a vaga de Homero de Miranda Leão na poltrona n. 9, patrono Machado de Assis, o professor e Juiz do Trabalho José dos Santos Pereira Braga, tam-

bém Presidente da Academia Amazonense de Letras Jurídicas, eleito por unanimidade. Deverá empossar-se em sessão solene no dia 8 de maio próximo. José Braga é autor de diversos estudos de Direito Agrário, teses de Mestrado e Doutorado pela Universidade Católica do Rio de Janeiro e Universidade Federal do Rio de Janeiro, além de outros trabalhos.

## **A ACADEMIA PERDEU MARIO VERÇOSA**

Pouco depois de eleito e empossado faleceu em Manaus o Desembargador e Acadêmico Mário Silvio Cordeiro de Verçosa, autor de três importantes estudos de caráter histórico e um de Direito Comercial amplamente utilizado na Universidade do Amazonas e na Universidade do CIESA.

Antigo Grão-Mestre da Maçonaria Amazonense, respeitável juiz, Mário Verçosa não teve tempo de oferecer maior contribuição à nossa Academia, porque tomado pela doença que o abateu logo após a posse.

## **VAZIO ACADEMICO**

A Academia perdeu, neste período, a contribuição efetiva do professor e ex-Secretário Geral Agenor Ferreira Lima, dedicado mestre de várias gerações e autor de estudos latinos que o levaram à poltrona de Dom Frederico Costa. Igualmente faleceu o escritor e político João Nogueira da Mata, detentor de inúmeros títulos e autor de respeitáveis obras literárias, exercendo grande influência política em todo o Estado, notadamente no período do Estado-Novo e mantinha contribuição semanal na imprensa de Manaus até o fim da vida.

Dom Alberto Gaudência Ramos, ex-Ascebispo de Manaus e de Belém, faleceu em São Paulo. Acadêmico eleito, depois transferido para a condição de Correspondente em razão de sua transferência para Belém do Pará, sendo já ao final da vida, novamente transferido para a condição de Titular por ação do presidente Mário Ypiranga Monteiro. Culto, paciente, orador elogiado, deixa um grande vazio na Academia.

## **APOIO EMPRESARIAL**

Visando atender às necessidades mínimas de funcionamento da Academia, o presidente Oyama Ituassu procurou empresários amazonense que apoiassem a instituição, sendo bem sucedido com o ex-Senador da República João Braga Júnior que entendeu a importância de incentivo às letras e a mais significativa instituição cultural do Estado. Também a firma T. Loureiro tem apoiado a administração acadêmica e estabelecido novos compromissos para o futuro.

## **WILLIAM RODRIGUES DEIXA MANAUS**

Depois de aposentar-se do INPA onde realizou invejável trabalho científico, viajou para o sul do País o cientista e pesquisador William Rodrigues, afastando-se por isso mesmo, da função de Tesoureiro da Academia, cargo em que foi substituído pelo professor Ruy Alberto Costa Lins.

O Amazonas deixa assim de ter a presença constante de um grande pesquisador e estudioso minudente, que procurou conhecer a região em longas viagens de estudo e publicou centenas de trabalhos em revistas especializadas.

## **ACADÊMICO E MINISTRO**

Com a instalação do governo Fernando Collor, assumiu a pasta da Justiça, o Acadêmico José Bernardo Cabral, ocupante da poltrona de Péricles Moraes, ex-presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, e ex-Deputado Federal pelo Amazonas em duas legislaturas. Advogado militante, Bernardo Cabral não perdeu a vista para o nosso Estado, recebendo e encaminhando, todas as vezes, os pleitos formulados por nossos representantes políticos ou de instituições oficiais e sócios-culturais. Foi honroso para a Academia ter um de seus membros em tão destacada função pública.

## **REUNIÕES DE DIRETORIA**

Têm sido regulares as reuniões de Diretoria da Academia, quinzenalmente, em nossa sede, para encaminhamento

de diversas questões de interesse social e administrativo. Neste ano de 1992 serão retomadas as reuniões de conferências e exposições de acadêmicos sobre temas variados, objeto de seus estudos e pesquisas, incluindo com a presença de estudantes e professores que, de forma regular, poderão acompanhar os trabalhos acadêmicos.

## **ACADEMIA JURIDICA HOMENAGEIA AAL**

A Academia Amazonense de Letras Jurídicas, fundada em Manaus em 8 de dezembro de 1987, sob a organização do professor José dos Santos Pereira Braga, prestou significativa homenagem a nossa Academia escolhendo para patronos de suas Cadeiras vários fundadores e ex-titulares deste Silogeu, como Abdul Sá Peixoto, Achilles Beviláqua, Alvaro Maia, Aderson de Menezes, André Araújo, Antonio Sá Peixoto, Arthur Virgílio, Félix Valois, Araújo Filho, Gaspar Guimarães, Heliodoro Balbi, Huascar de Figueiredo, José Jorge Carvalhal, Salignac e Souza, Leopoldo Péres, Anísio Jobim, Sadoc Pereira, Sócrates Bonfim e Waldemar Pedrosa. Igualmente a Academia de Letras Jurídicas honrou vários membros da AAL, os escolhendo para fundadores do novo Silogeu, como Aderson Dutra, Bernardo Cabral, Mário Ypiranga Monteiro, Mário Verçosa, Oyama Ituassu, Paulo Jacob, Paulo Nery, Plínio Coêlho, que integram a lista de inauguração e instalação da entidade.

## **NEWTON SABBÁ CONCLUI DOUTORADO**

Concluindo estudos especializados em Santa Catarina onde reside há alguns anos, o escritor e professor Newton Sabbá Guimarães concluiu mais um curso de Doutorado. Para representar o Amazonas na Comissão Julgadora da apresentação da tese, compareceu o presidente da Academia Oyama César Ituassu, apresentando arguição técnica sobre matéria de Direito Internacional de que é Catedrático na nossa Universidade e ressaltando as elevadas qualidades do Acadêmico Newton Sabbá Guimarães que tem sido homenageado e reconhecido por seus méritos pessoais, indiscutíveis, quer entre os juizes de Direito daquele Estado, intelectuais e como entre os professores universitários. Poliglota e erudito, merece este registro.

## **NOVOS IMORTAIS**

Para preenchimento de vagas existentes a AAL deverá publicar, no correr do primeiro semestre deste ano de 1992, o edital que, na forma do Estatuto, autoriza as inscrições de candidatos às vagas anunciadas. Os candidatos deverão apresentar suas obras publicadas, em três exemplares, com requerimento dirigido ao presidente do Silogeu, em 30 dias contados da abertura da vaga pela imprensa diária.

A renovação do quadro acadêmico com a escolha de novos membros da instituição é esperada para o preenchimento de pelo menos quatro vagas no decurso da administração Oyama Ituassu, e são muitos os valores que os atuais membros da AAL gostariam de ver ocupado as poltronas do salão azul.

### **PAULO JACOB LANÇA NOVO TÍTULO**

O desembargador e Acadêmico Paulo Herban Maciel Jacob lançou em Manaus mais uma obra para deleite dos seus leitores e estudiosos de sua vasta produção. Trata-se do romance "Um pedaço de Lua caía na Mata", pela editora Nórdica, fundado na presença israelita no Amazonas, cuja contribuição precisa ser amplamente estudada e divulgada.

Festejado autor, com linguagem amazônica que caracteriza suas obras, Paulo Jacob já anuncia outros títulos para breve e o registro se faz para reconhecimento renovado dos méritos do romancista premiado e membro do Silogeu.



**GOVERNO DO ESTADO**  
composto e impresso nas oficinas gráficas da  
**IMPRESA OFICIAL DO ESTADO DO AMAZONAS**  
Rua Leonardo Malcher, 1189  
Manaus - Amazonas - Brasil

